



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Edifícios e espaços verdes:

Construir a continuidade do território

*Projecto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Por

Rafael de Jesus Gomes

Outubro de 2017



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Edifícios e espaços verdes: Construir a continuidade do território

*Projecto Final apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Orientador: Professor Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho

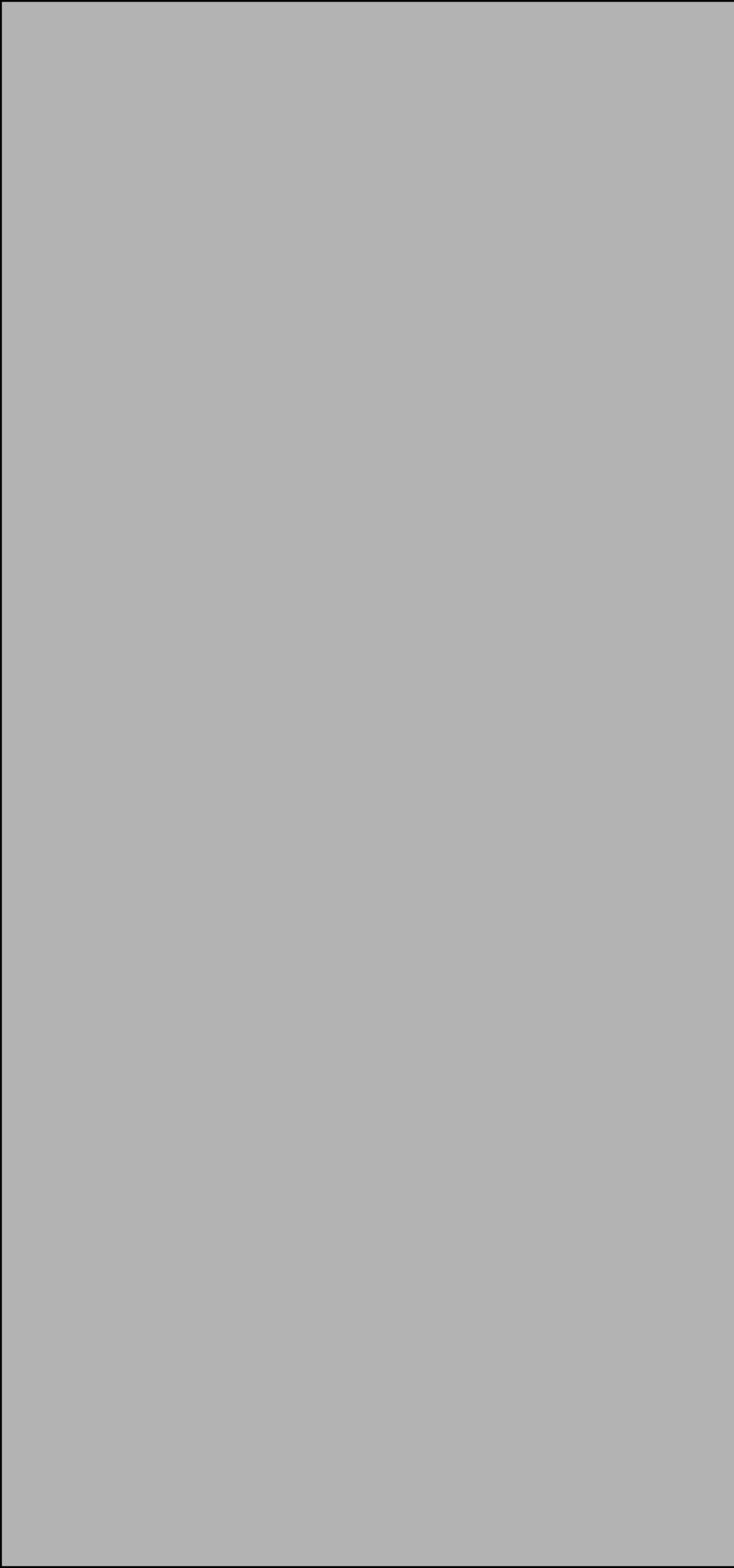
Co-orientador: Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne

Por

Rafael de Jesus Gomes

Aos dois fundamentais

Avô Fernando e Avó Maria



Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador e ao co-orientador, Professor Doutor António da Silva Ferreira de Carvalho e Professor Doutor Gonçalo de Sousa Byrne pelo apoio, atenção, disponibilidade e motivação prestada ao longo deste ano.

Um especial agradecimento ao Arquitecto Victor Regnier pelo acompanhamento e disponibilidade prestado ao longo deste ano.

Em segundo lugar aos outros professores que fazem parte do corpo docente, que ao longo dos cinco anos do meu percurso académico me ensinaram e ajudaram a compreender a arquitectura.

Aos meus familiares que sempre me apoiaram e acreditaram em mim, ajudando-me sempre que conseguiram.

Aos meus colegas de turma e curso pelos momentos proporcionados, especialmente aos meus colegas Ricardo Pereira, Lídio Sousa, Carolina Monteiro, Francisca Sousa e Cátia Figueira.

Um enorme agradecimento a minha "família" de Tondela, muito obrigado por tudo.

Agradeço ainda à Liliana Rodrigues, Liliana Bernardo, Arq. João Loureiro, Sandra Oliveira pela amizade, companhia, apoio e oportunidades que me criaram.

Aqueles que não estão aqui referidos mas que têm um lugar especial no meu coração.

A todos, o meu muito obrigado.

R

O presente trabalho enquadra-se em Projecto Integrado de Renovação, e surge na sequência de uma proposta da Fundação Calouste Gulbenkian, focada na freguesia das Avenidas Novas, no âmbito do Projecto "O Nosso Km2", no sentido de melhorar a cidade existente. Uma freguesia no centro de Lisboa com muito potencial para criar uma nova dinâmica na cidade.

Apresento assim o tema para prova final, "Edifícios e Espaços Verdes: construir a continuidade do território".

O território é definido por uma malha urbana consolidada e por áreas expectantes, encontrando-se dividido pela infra-estrutura do comboio, que cria o lado norte e o lado sul, distinguindo a tipologia de construção, as classes sociais, culturais e económicas. Para resolver a divisão do território, propõe-se uma ligação de espaços verdes existentes e propostos, criando assim um novo corredor verde no centro de Lisboa, que une a Avenida da Liberdade, o Parque Eduardo VII e a Fundação Calouste Gulbenkian, até ao Campo Grande.

Um dos problemas identificados será a desactivação da Universidade Nova de Lisboa e o Hospital Curry Cabral, sendo necessário repensar esta zona.

Propõe-se portanto a demolição dos edifícios universitários existentes e dar uma nova imagem à Av. Berna, através de arborização, de um Centro de Congressos, edifícios de habitação e espaços públicos. O conjunto dos edifícios do Hospital Curry Cabral, será mantido como um equipamento de saúde de menor dimensão.

O Centro de Congressos é um equipamento público de grandes dimensões para dinamizar a freguesia, mas com impacto de atracção à escala de toda a cidade. É um edifício que passa por cima da linha de comboio, unindo o Bairro do Rêgo até à Av. de Berna, através de uma cobertura-jardim que ao mesmo tempo se encontra relacionada com o parque urbano na zona norte da linha do comboio, com a nova praça na Av. de Berna e com os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian.

A

The urban renewal of Avenidas Novas parish is not just a technical issue of reconstruction of a territory, but a bet on a project to revitalize the city.

This proposal aims to rehabilitate this parish being an interpretation for a solution to improve the city and the quality of life of the inhabitants.

The proposal of a congress center in this area creates a new meeting place and knowledge facility in the city.

The advantages of the location of this proposal in this parish are its accessibility conditions such as public transport, proximity to the airport and north-south axis and an area well served by hotels.

Its central location in town, near to the Calouste Gulbenkian Foundation, helps to create a new center of knowledge and interaction with the general population.

By creating various public spaces, it is intended to promote pedestrian use, hence the creation of parks, green spaces and wider sidewalks so that people feel comfortable in the city again in human scale spaces.

The creation of these public spaces, besides benefiting people, will help the city with the problems of flooding, which can be minimized through green areas with permeable soils in order to slow the water into the city drainage system.

It thus seeks a balance between green spaces and buildings. Improving human well-being and not jeopardizing the loss of inhabitants in the city center and its displacement to the suburbs.

R

Le renouvellement urbain du quartier de Avenidas Novas est pas seulement une question technique de la reconstruction d'un territoire, mais un parti sur un projet visant à revitaliser la ville.

Cette proposition vise à réhabiliter ce quartier, étant une interprétation d'une solution pour améliorer la ville et la qualité de vie des habitants.

Le centre de congrès proposé sera un nouveau lieu de rencontre et de connaissance dans la ville.

Les avantages de l'emplacement de ce projet dans le quartier sont ses conditions d'accessibilité: les transports publics, la proximité de l'aéroport et de l'axe nord-sud et l'existence de plusieurs hôtels.

Son emplacement central en ville, près de la Fondation Calouste Gulbenkian, contribue à créer un nouveau centre de connaissance et des endroits publics pour la population en générale.

La création des différents espaces publics est destiné à promouvoir une utilisation piétonne, où la création de parcs, des espaces verts, des trottoirs plus larges afin que les gens se sentent à l'aise dans la ville dans une dimension humaine.

La création de ces espaces publics, ainsi que de bénéficier l'homme, aideront la ville avec le problème d'inondation, qui peut être résolu par des espaces verts avec des sols perméables afin de ralentir l'eau dans le système de drainage de la ville.

Il vise donc un équilibre entre espaces verts et des bâtiments. Améliorer le bien-être humain et combattre la perte d'habitants dans le centre-ville et son déplacement vers la périphérie.

ésumé

Mots-clé: Lisboa, espaces verts, bâtiment-pont, centre de congrès, toit jardin

Agradecimentos

Resumo/Abstract/Résumé

1 Introdução

2 Enquadramento Teórico

2.1 Conceitos

2.1.1 Território

2.1.2 Cidade

2.1.3 Forma da Cidade

2.1.4 Arquitectura

2.1.5 Paisagem

2.2 Acessibilidades

2.2.1 Acessibilidade vs. mobilidade

3 O projecto

3.1 Existente

3.1.1 Evolução Histórica

3.1.2 Ressano Garcia e o Plano das Avenidas Novas

3.1.3 Contexto urbano da freguesia das avenidas Novas

3.1.4 Enquadramento historico e geografico

3.1.5 Analise urbana

3.2 Programa

3.2.1 Analisar para resolver

3.2.2 Compreender a envolvente

3.2.3 Ponto de Partida

3.2.4 Construir como continuidade do território

4 Conclusão

5 Bibliografia

Índice de imagens

6 Anexos

6.1 Arquitectura, Paisagem e Política

6.2 Paineis análise da freguesia das Avenidas Novas

ndice

2.3 Espaço Público

2.3.1 Espaços de encontro e de convívio

2.3.2 Relações sociais no espaço público

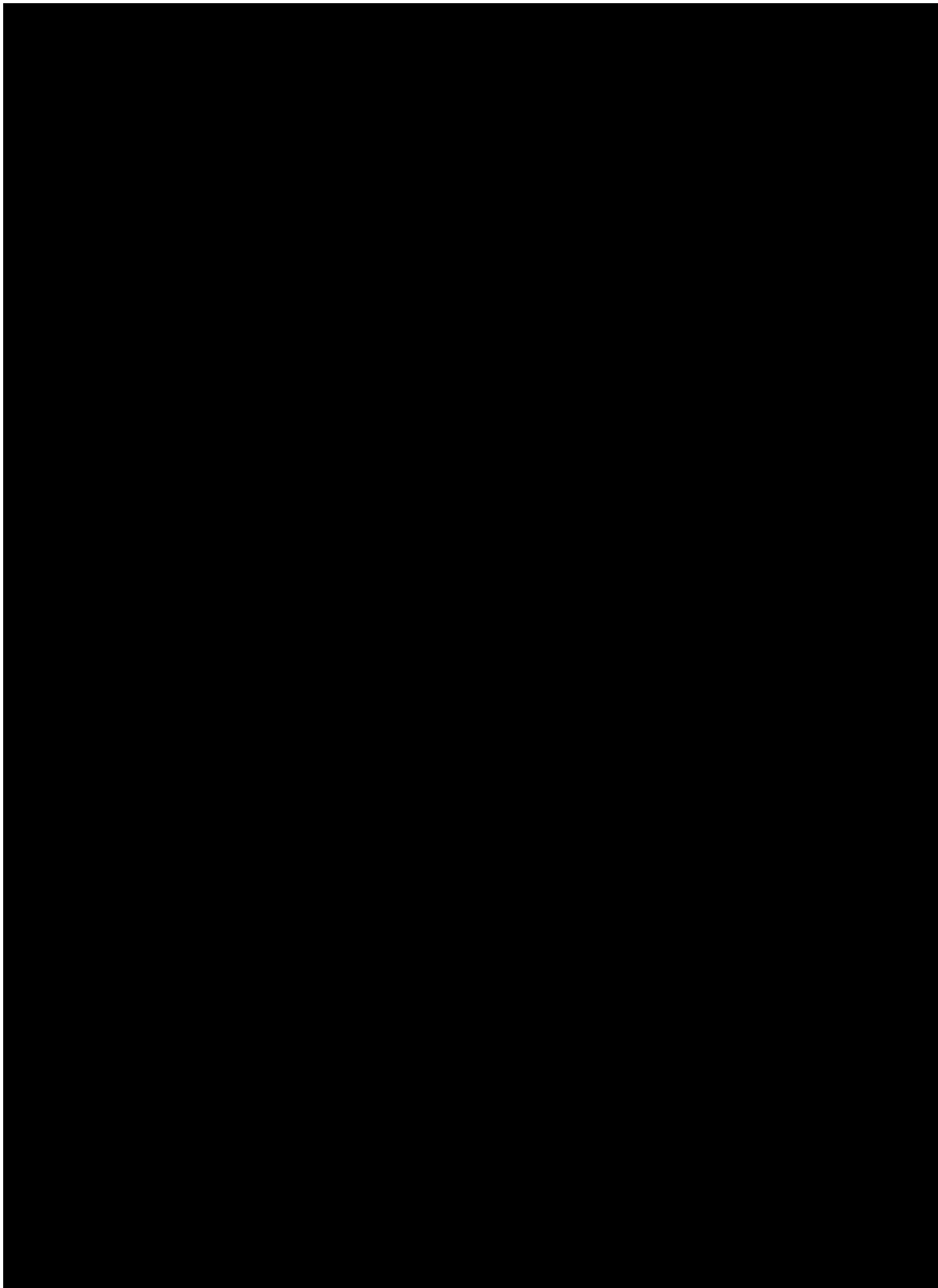
2.4 Espaços Verdes

2.4.1 Importância da vegetação na cidade

2.4.2 Espaços verdes como elemento de ligação na cidade

2.5 Programa da Fundação Calouste Gulbenkian e “O Nosso Km²”

3.3 Projecto



“Buildings should
serve people,
not the other way
around.”

John Portman

As cidades fazem parte da vida do homem desde o início da civilização. Estas sempre foram construídas como resposta às necessidades de determinada população, cujos conceitos de acessibilidades e conforto eram diferentes dos actuais. Hoje em dia podemos verificar que as cidades evoluíram tecnologicamente mas eticamente deixaram muitos assuntos por discutir e que acabaram ignorados, o que leva à exclusão e isolamento de determinadas pessoas que deveriam poder utilizar aquilo que uma cidade pode oferecer como serviços, desporto, lazer, cultura, entre outros.

Como as cidades ao longo dos tempos não conseguiram adaptar-se a todos os modos de vida, isso obrigou parte da população a viver consoante as suas diferenças e dificuldades. Este trabalho irá incidir sobre este tema, centrando-se na problemática das acessibilidades na área de estudo, tanto em relação ao desenho dos espaços e edifícios públicos, como também da organização dos espaços e edifícios privados.

A importância deste tema corresponde ao facto de esta ser a realidade que se encontra presente na maioria das cidades, que prejudica toda a sociedade. Todos os cidadãos têm os mesmos direitos e deveres, por esses motivos a cidade deve ser um território acessível a todas as pessoas.

A partir deste tema, surgem três objectivos essenciais, que revelam algumas inquietações tanto a nível teórico como prático. Assim, o primeiro objectivo consiste em perceber as características que o desenho do território deve ter, de maneira a possibilitar e simplificar a sua utilização pelas pessoas com mobilidade reduzida, ou seja, entender se um espaço com uma configuração mais simples melhora e/ou facilita a sua apropriação por parte destas. O segundo objectivo está também relacionado com a configuração do espaço, mas consiste em entender de que forma este encoraja relações entre pessoas diferentes. Por fim, o terceiro objectivo é académico e prende-se com o processo que se deve realizar ao longo da concepção de qualquer intervenção, isto é, visto que o processo é tão importante para a configuração do espaço, perceber qual o percurso conceptual ocorrido desde a fase da análise até à proposta final.

Este trabalho é constituído, por uma primeira parte teórica de investigação, que constitui a sustentação e justificação das opções e soluções expostas numa proposta final de projecto. Ao mesmo tempo, pretende-se que contribua para ajudar no esclarecimento dos temas trabalhados. Em segundo lugar, com uma componente prática, que consiste na apresentação de uma proposta de projecto, pensada para a freguesia das Avenidas Novas em Lisboa, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian, enquadrada no seu programa " O nosso Km2 ".

Para a abordagem deste tema e das preocupações que daí decorrem, é importante perceber a interacção entre a cidade, a arquitectura e o homem.

É através da arquitectura que nós, enquanto arquitectos, intervimos no espaço e que por sua vez é aceite ou rejeitada pela sociedade, influenciando-se reciprocamente.

O trabalho aqui apresentado está organizado em sete capítulos e desenvolve-se segundo os objectivos delineados. No primeiro capítulo, apresentam-se todas as ideias teóricas que fundamentam e contribuem para as opções tomadas e para a idealização da proposta. Este encontra-se dividido em três subcapítulos, em que se abordam temas relacionados com a forma da cidade actual, o seu crescimento e os espaços resultantes. No segundo capítulo, descreve-se o tema das acessibilidades e mobilidade, discutindo as diferentes barreiras, tanto físicas como psicológicas. No terceiro capítulo, tenta-se perceber os diferentes espaços em estudo e perceber a sua organização em relação à cidade. No quarto capítulo, discute-se a cidade de Lisboa, e as conclusões obtidas através da análise de diferentes temas.

A segunda e última parte apresenta o contexto do programa requerido para este trabalho e tenta perceber as suas exigências para uma melhor solução.

Subdivide-se em dois capítulos. No primeiro é realizada a contextualização da cidade de Lisboa e da zona a intervir. Desta forma pretende-se compreender algumas características da cidade e do local de intervenção, e no segundo subcapítulo é apresentada e justificada a proposta de intervenção pensada para a freguesia das Avenidas Novas em Lisboa, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian e enquadrada no seu programa " O nosso Km2 ", fazendo-se uma abordagem em diferentes escalas, desde a escala urbana até à escala do edifício.

O presente trabalho tem como objectivo o desenvolvimento de uma proposta para uma zona específica da cidade de Lisboa, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian. Esta proposta consiste numa reflexão sobre os modos como se deve actuar e do que é essencial para promover esta zona, de modo a que seja regenerada e com a finalidade de torná-la mais agradável, viva e acessível.

Procurou-se aliar e relacionar três elementos: homem – cidade – arquitectura, o que envolve questões complexas que devem ser discutidas e confrontadas para se obter um grau de satisfação entre as várias partes.

Acima de tudo procura-se dotar o local de intervenção com vida urbana onde os três elementos acima referidos possam coexistir no mesmo local, através da arquitectura.

Pretende-se que esta parte da cidade funcione e seja articulada com a malha existente e que funcione como zona de ligação entre vários pontos da cidade que estão actualmente desconexos.

Desta forma, a intervenção procura ser um elo de ligação entre diversos pontos da envolvente do terreno de intervenção, e que funcione como um novo pólo de interacção social na cidade de Lisboa.

O homem é extremamente importante, pois é para ele que se constrói a cidade e consequentemente ele é quem a dinamiza.

Este é um contributo que se pretende que seja útil em prol da sociedade, visto que a intervenção aborda diversos assuntos como a melhoria da mobilidade na cidade, uma preocupação em inserir socialmente a classe sénior na vida urbana e oferecendo a esta pequena parte de cidade uma diversidade de usos e formas de interacção social no espaço público urbano.

A análise realizada ao local de intervenção é fundamental para se perceber as potencialidades e fragilidades, ajudando-nos a aproximar dos utilizadores e habitantes desta zona.

Todos os métodos utilizados ajudaram a melhorar a arquitectura, isto é, todas estas fases consistem no acto de projectar e em todo o processo realizado até atingir uma proposta de Projecto Final para prova de Mestrado.



2 Enquadramento teórico



2.1 Conceitos

2.1.1 Território

Quando falamos em território, falamos em área, em espaço físico (geográfico), que é apropriado pelo homem.

Território é tudo o que nos rodeia, todos os elementos que encontramos fazem parte dele, tudo o que lhe dá forma e o compõe. Não se pode confundir com o lugar, este é apenas uma parte do espaço geográfico onde o homem vive e interage, um lugar é um local específico a que normalmente nos referimos, um pedaço do território.

"Ao termo território atribui-se o significado de área extensa, quase sempre relacionada com uma determinada característica, como seja posse, jurisdição ou uma funcionalidade específica."
(D'Abreu, 2007, p.73)

Podemos inicialmente definir dois tipos de variáveis que constituem o território: as variáveis biofísicas que descrevem as características biológicas e físicas e as variáveis socioeconómicas que descrevem as características sociais e actividades económicas presentes no território.

As variáveis biofísicas contêm elementos passivos, de acção natural, ou elementos activos, que derivam da intervenção do homem.

Dentro das variáveis biofísicas podemos dividi-las em dois grupos, naturais e antrópicas. As variáveis biofísicas naturais correspondem a elementos como a topografia do terreno, o clima, a geologia, os recursos hídricos e os recursos biológicos, já as variáveis biofísicas antrópicas correspondem ao tipo de ocupação do solo e ao seu uso, a paisagem, o património, e os riscos que podem ser naturais ou de acção humana.

No entanto as variáveis socioeconómicas referem-se à demografia, habitação, equipamentos, actividades económicas e migrações. Ajudam-nos a estudar e a perceber uma determinada população de um determinado território.

Como existem vários parâmetros que caracterizam e compõem o território, é necessário que estes sejam estudados e ordenados. Para isso, surgiu o ordenamento do território, que organiza os diferentes elementos que foram descritos anteriormente.

O ordenamento do território é essencialmente um ato político, económico e uma necessidade, pois disciplina o uso, a ocupação e a transformação dos solos.

Com o repentino aumento de construção em Portugal a partir dos anos setenta e oitenta, foi necessário criar normas e regras para que este aumento de construção fosse controlado.

O ordenamento do território é um instrumento político que ajuda a controlar a construção. Isto é necessário pois ajuda à necessidade da verificação de custos e da gestão de bens financeiros, pois coordena todas as infraestruturas urbanas. Assim consegue-se um sistema equilibrado que não responde apenas a necessidades esporádicas mas a questões que possam surgir no futuro.

Este instrumento relevou-se fundamental, pois ajuda directamente na qualidade de vida do homem que habita num determinado território. É importante que as regras do ordenamento sejam seguidas, desde a percentagem de espaços verdes quando surgem novas zonas habitacionais ou a manter proporção e controlo físico nos arruamentos, estradas, entre outros elementos. Essas funções diversas que o ordenamento do território determina fazem com que haja uma protecção em termos globais do próprio meio ambiente, equilibrando assim de certa forma o sistema ecológico e preservando a saúde e a qualidade de vida.

Esse ordenamento criou zonas de defesa da fauna, zonas de defesa do equilíbrio ecológico em termos normais. Fala-se, por isso, hoje em dia, nas reservas agrícolas, nas reservas ecológicas e até noutro tipo de zonas de protecção das albufeiras na questão do domínio hídrico. Todas estas zonas são lugares de amparo à própria construção, aconchegando e beneficiando deveras todo o urbanismo, todo o edificado.

2.1.2 Cidade

“A cidade encontra-se na origem das civilizações, de tal forma que é possível afirmar que a história das cidades corresponde à história da humanidade”(Ferrão, 2003)

Podemos entender a paisagem urbana como um espaço de produção e distribuição que permite criar relações entre humanos, onde se pode tomar decisões em conjunto ou criar o caos. O resultado deste comportamento torna-se imprevisível, apesar de ser uma criação do homem. Trata-se de uma construção em grande escala no espaço, apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo.

Cada cidade tem uma história e um passado que se destina a ajudar o homem a evoluir. Esta transmissão de informação, desde a antiguidade até ao presente, demonstra as diferentes épocas. Qualquer que seja a transformação que ocorre, premeditada ou espontânea, são características de uma época e reflectem esses tempos.

Da mesma maneira que existem lugares que nos fazem evocar épocas passadas, e ter informação e conhecimento das mesmas, também a época actual, através de elementos como a escala e durabilidade dos materiais das paisagens, garante que estas grandes mudanças ocorridas no carácter e na escala dos territórios, chegarão ao futuro e darão informação aos nossos descendentes.

Hoje em dia, a cidade contemporânea torna-se dominadora no território, cresce sem controlo e começa a ocupar demasiado território, na maior parte sem ser pensado ou planeado. Aparentemente, o homem perdeu o controlo desta expansão, não existe controlo na paisagem urbana e na paisagem natural.

“Hoje em dia, é cada vez mais difícil delimitar a cidade, tanto do ponto de vista conceptual, como do ponto de vista geográfico ou das políticas urbanas, pois trata-se de um objecto em evolução intensa e sem contornos precisos”(Ferrão, 2003)

O homem começa agora a olhar para a cidade com outros olhos, pois antes a delimitação geográfica não era um problema, mas hoje, no presente vive-se em cidades sem limites, fragmentadas ou dispersas. É difícil gerir a cidade, pois encontra-se sempre em crescimento.

Não se pode apenas simplificar a cidade e pensar que os problemas ficam resolvidos, é necessário criar uma visão estratégica para se entender as causas mais relevantes e complexas, e desta forma definir opções para a sua gestão.

Ferrão (2003, p.220) propõe que a cidade deve ser entendida a partir de três:

““ingredientes básicos”: os sítios, que constituem o seu corpo; as redes, que suportam os fluxos dando vida e movimento às mesmas; e o espírito cosmopolita, que lhe proporciona a alma garantindo o seu sentido interno e ao mesmo tempo distinção face às restantes aglomerações urbanas. Defende que cada cidade depende da sua posição geográfica e da cultura dos seus habitantes afirmando: “diz-me como são as tuas cidades, e eu dir-te-ei como é, e muito provavelmente será, o teu país ou o teu continente.”

É necessário perceber que a cidade não tem apenas aspectos físicos, temos que perceber que também é constituída por espaços criados e imaginados.

Qualquer utilizador urbano possui imensas relações com a sua cidade, e a sua imagem mental está repleta de memórias e significações, sendo estas elementos identificadores e diferenciadores.

Cada pessoa tem uma determinada percepção sobre a cidade, depende da sua opinião e experiência. Assim, cada pessoa cria uma representação pessoal da cidade e obviamente esta percepção varia de pessoa para pessoa. É o resultado entre um observador e o meio que o rodeia, implica que o objecto seja reconhecido e que ao mesmo tempo tenha um significado prático e emocional na visão do observador. Claro que a escala, o ponto de vista, a hora ou a estação do ano têm uma influência directa sobre a opinião do observador.

“A forma física de cada lugar possui imaginabilidade, e quanto maior for o expoente da imaginabilidade de um lugar, mais fácil será a sua identificação e a sua estruturação visual”(Lynch, 1990)

Pode-se afirmar desta forma que a realidade é captada de forma diferente de indivíduo para indi-

vídeo, com uma imagem única e própria acerca de uma dada cidade.

Hoje em dia, a representação que um determinado indivíduo tem de um local é extremamente influenciado por diversos meios. O factor da globalização, facilita a que sejam criadas imagens do que uma cidade é capaz de oferecer ou proporcionar sem a ter visitado. Desta forma as cidades promovem-se e atraem população.

“É importante para uma cidade que a sua imagem não estagne no tempo, pois, caso contrário, existem questões práticas que podem ser postas em causa. O objectivo passa então por alcançar um ambiente imaginável, mas que ao mesmo tempo seja aberto a mudanças”(Lynch, 1990)

2.1.3 Forma da cidade

A forma dada a qualquer cidade deve-lhe permitir ser adaptável e moldável e ao mesmo tempo responder às necessidades de qualquer cidadão perante a sua época. Temos que pensar que o termo “forma da cidade” não se limita apenas aos espaços da cidade mas à própria forma que se dá à cidade. Na maior parte dos casos esta é definida pelos elementos físicos como as vias, limites, bairros, cruzamentos e outros elementos. No entanto, qualquer elemento que pertença à cidade e lhe atribua forma é criado pelo homem de modo a responder às suas necessidades.

Kevin Lynch (1990), define os elementos constituintes da forma do seguinte modo:

As vias estão na origem da cidade e são uma condição necessária para a sua existência, onde passa o movimento e os outros elementos se organizam perante elas;

Os limites definem fronteiras entre duas partes, interrompem uma continuidade;

Os bairros são áreas urbanas de tamanho médio ou grande, com o propósito de construção de habitação;

Os cruzamentos são pontos estratégicos de uma cidade que podem ser junções;

Os outros elementos podem ser referências, normalmente representados por um elemento físico.

Para além da definição dos elementos, Lynch (1990, pp.103-104) ainda afirma que temos a oportunidade de formar o nosso mundo citadino como sendo uma “paisagem ideal: visível, coerente e clara”, de maneira a alcançarmos um meio “visivelmente organizado e nitidamente identificado”. Neste sentido, descreve algumas qualidades que a forma da cidade deve seguir: singularidade ou clareza, simplicidade da forma, continuidade, predominância, clareza de ligação, diferenciação direccional, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais e, nomes e significados.

Perante isto, Lynch, defende que qualquer pessoa que pretenda planear ou gerir uma cidade deve alcançar uma cidade rica em vias, cruzamentos, limites, bairros e elementos marcantes e que, ao mesmo tempo, sejam tidas em conta todas as qualidades de forma descritas.

No entanto, a qualidade da forma da cidade, para além de aspectos físicos, prende-se com aspecto sociais, pois diz também respeito à capacidade de cada pessoa gostar e identificar-se com o sítio onde mora (Guerra, 2003).

A forma da cidade assume ainda um papel importantíssimo no processo de orientação dos seus utilizadores, por isso é necessário que o meio ambiente, para além de bem organizado, seja também poético e simbólico.

2.1.4 Arquitectura

Arquitectura é o espaço edificado que é criado pelo homem para o homem. Sendo ele que vai usufruir do espaço, cria-o em sua função, adaptado às suas necessidades. Todo o espaço que é edificado tem em consideração a forma como o homem vive e se integra na sociedade e na natureza. Pelo que se observa, a arquitectura retrata a sociedade que possuímos ou as que já passaram. A arquitectura dá-nos uma ideia de história, de memórias, mas a história também nos ajuda a compreender a arquitectura.

“A arquitectura é um facto plástico para além do seu facto utilitário (...). A arquitectura e o urbanismo são o espelho fiel da sociedade, os edifícios são documentos que deixamos (...).” (Corbusier, 1923)

É de notar que a arquitectura como construção, possui sempre um carácter plástico, nunca deixa de ser um objecto, algo material, mas nunca deixa de ter uso, pois como já referi anteriormente, a arquitectura só tem sentido quando é feita em função do homem, tendo em conta as suas necessidades. Assim, cabe ao arquitecto, como artista, conciliar sempre a utilização com o aspeto estético que quer atribuir ao edifício, e nunca se deixar influenciar por um ou por outro aspeto.

Quando se constrói um espaço exterior temos que nos aperceber que o impacto deste é social, pois abrange mais do que uma pessoa, no entanto quando passamos para o espaço interior este torna-se mais íntimo, mais aconchegado. Por isso a arquitectura deve influenciar positivamente a qualidade de vida e o bem-estar do homem. O arquitecto deve ter a consciência de que o que cria deve levar as pessoas a habitar tanto o exterior como o interior, podendo desta forma contemplar toda a arquitectura do objecto.

Logo a arquitectura é um espaço habitável e que encerra em si todas as características que têm de ser tomadas por quem projecta.

O arquitecto ao mesmo tempo que produz deve ter em consideração, que além das pessoas que vão usufruir do interior, existem outros que apenas vão admirar o exterior. Quanto mais consensual for, melhor será a sua integração e aceitação por parte das pessoas.

Arquitectura e projecto são dois elementos diferentes. O projecto é a base para a arquitectura acontecer, não se pode falar em arquitectura enquanto objecto se ela não for construída, se o espaço não for físico, pois só assim se terá a verdadeira noção e percepção e se sentirá o que o espaço realmente é.

A arquitectura pode ser admirada e apelar aos sentimentos do homem. À semelhança da pintura e da escultura, que também podem causar emoções, estas não podem ser habitadas, no entanto a arquitectura tem um duplo significado, pode ser admirada e vivenciada. Esta deve ser vista como uma intervenção no território, no espaço e na paisagem.

Assim, pressupõe-se que uma obra seja adaptada ao espaço em que se insere em termos físicos e morfológicos. É crucial que a arquitectura entenda os elementos que a rodeiam e que os respeite integrando-se neles, que exista harmonia no conjunto total.

2.1.5 Paisagem

“A paisagem constitui um sistema de interdependências entre os factores físicos do meio ambiente - clima, pedologia, litologia, hidrologia e os seres vivos - plantas, animais e o homem, todos em equilíbrio.” (Rocha, 2007, p.9)

Podemos assim dizer que a paisagem é uma combinação de vários elementos físicos, biológicos e antrópicos, relacionados entre si, mantendo uma relação em constante mutação, num determinado espaço.

A paisagem é composta por variáveis biofísicas e socioeconómicas, sendo que as variáveis biofísicas constituem elementos passivos e activos que determinam potencialidades.

Nos elementos passivos permanecem as variáveis naturais, as que descrevem características biológicas e físicas do território e decorrem de processos e fenómenos naturais. Já nos elementos activos encontram-se as variáveis biofísicas antrópicas, que decorrem da acção dos indivíduos no território, podendo encontrar-se em maior ou menor equilíbrio com os factores naturais. Por fim, as variáveis sócio-económicas constituem elementos activos que determinam potencialidades e transformações, exprimem a dimensão populacional e as actividades económicas que, por sua vez, influenciam a dinâmica do ordenamento da paisagem (Relph, 1987, p. 19)

A paisagem consiste num processo de observação entre um observador e um local: sem observador não existe paisagem, pois não existe ninguém para o apreciar.

“As paisagens são os contextos visuais da existência quotidiana, embora eu suponha que pouca gente utilize frequentemente a palavra «paisagem» para descrever o que vê ao caminhar pela rua, ou através do vidro do carro.” (Relph, 1987, p. 12)

Quando analisamos uma paisagem, em que os elementos que a compõe fazem parte do nosso quotidiano e nos são próximos, é difícil enquadrá-los numa opinião clara e definida, por isso a palavra paisagem não é usada para nos referirmos ao que nos rodeia. Ao longo do tempo a paisagem vai sendo alterada, encontra-se em constante mutação. Estas alterações podem ser naturais, ou seja, a própria natureza adapta-se ao espaço através de fenómenos naturais resultantes de processos climáticos, ecológicos, sedimentação ou crescimento e evolução da vegetação, entre outros, ou pela manipulação do homem, como a agricultura, a indústria, entre outros. Resumindo, o estado de conservação do meio ambiente não reflete apenas os processos naturais, como também as intervenções do homem que provocam alterações directas no meio ambiente, que normalmente são maiores quanto maior for a população de um determinado local.

Mais população é sinónimo de maiores mudanças, uma vez que o crescimento populacional implica maiores alterações no uso dos solos, tendendo sempre em competir com as condições ambientais, como referem (Young, A., Carmo, R., 2007, p.551).

Apesar de serem estes dois tipos de factores que ditam as transformações da paisagem, estes têm influência directa um sobre o outro. Quando as actividades humanas transformam o meio, a natureza, ao defender-se destas alterações, vai afectar a vida e o bem estar do homem. A paisagem muda, e essas mudanças afectam o nosso comportamento, por exemplo as mudanças climáticas que fazem com que a sociedade se adapte.

Estas mudanças são conduzidas por complexas interacções entre três componentes: o meio físico, o meio biológico e o meio humano. Estes são históricos e muito dinâmicos e, ao inter-relacionarem-se, originam uma estrutura instável e em constante transformação. Esta constante transformação na paisagem pode ser “entendida utilizando escalas apropriadas de tempo e espaço” (Guevara, 2003, p.14).

O conceito “tempo” é determinante, mesmo que seja entendido como estudo da história. Neste caso é necessário entender-se a história dos diferentes factores da paisagem e as diversas interacções, uma vez que a contínua transformação da paisagem é produto da constante mudança de relação entre eles. Além disto, a relação da natureza com o homem, torna-se cada vez mais dependente, uma vez que o homem a usa para satisfazer as suas necessidades. Primitivamente, o ser humano dependia do estado puro da natureza, da transformação da vegetação e dos movimentos da fauna, sem ter grande interferência com o meio.

Com a descoberta do fogo, esta relação sofre uma transformação, onde a relação entre os componentes físicos e biológicos se tornam dependentes entre si.

Actualmente as sociedades transformam recursos naturais em bens de consumo, ou seja, transformam o meio para obter o que desejam e necessitam.

Na escala espacial, o factor a ser tido em conta é o meio, sendo que esta escala é entendida através do estudo do espaço físico e biológico, onde é essencial ter-se em conta todos os processos que nele ocorrem. Para isto, é necessário recorrer a elementos da ecologia da paisagem e da sua unidade básica, o ecossistema, que a ecologia da paisagem define claramente, como refere Guevara (2003, p.11):

"es aventurado decirlo pero el paisaje en ecología define al ecosistema de manera clara."

O homem altera e influencia a paisagem ao longo do tempo, para satisfazer os próprios interesses. Podemos assim definir a paisagem em 3 categorias, paisagem natural, naturalizada e urbana, que têm interferência do homem.

A paisagem pode ser caracterizada como natural, quando não existe qualquer intervenção do homem, e os elementos que constituem esta categoria têm livre arbítrio nas suas mudanças.

Mas temos que considerar que praticamente todas as paisagens já sofreram influências humanas, pelo menos a poluição que é produzida pelo ser humano, mas ao mesmo tempo o meio ambiente influencia o quotidiano do homem. Podemos afirmar que se trata de um ciclo vicioso, em que um depende do outro.

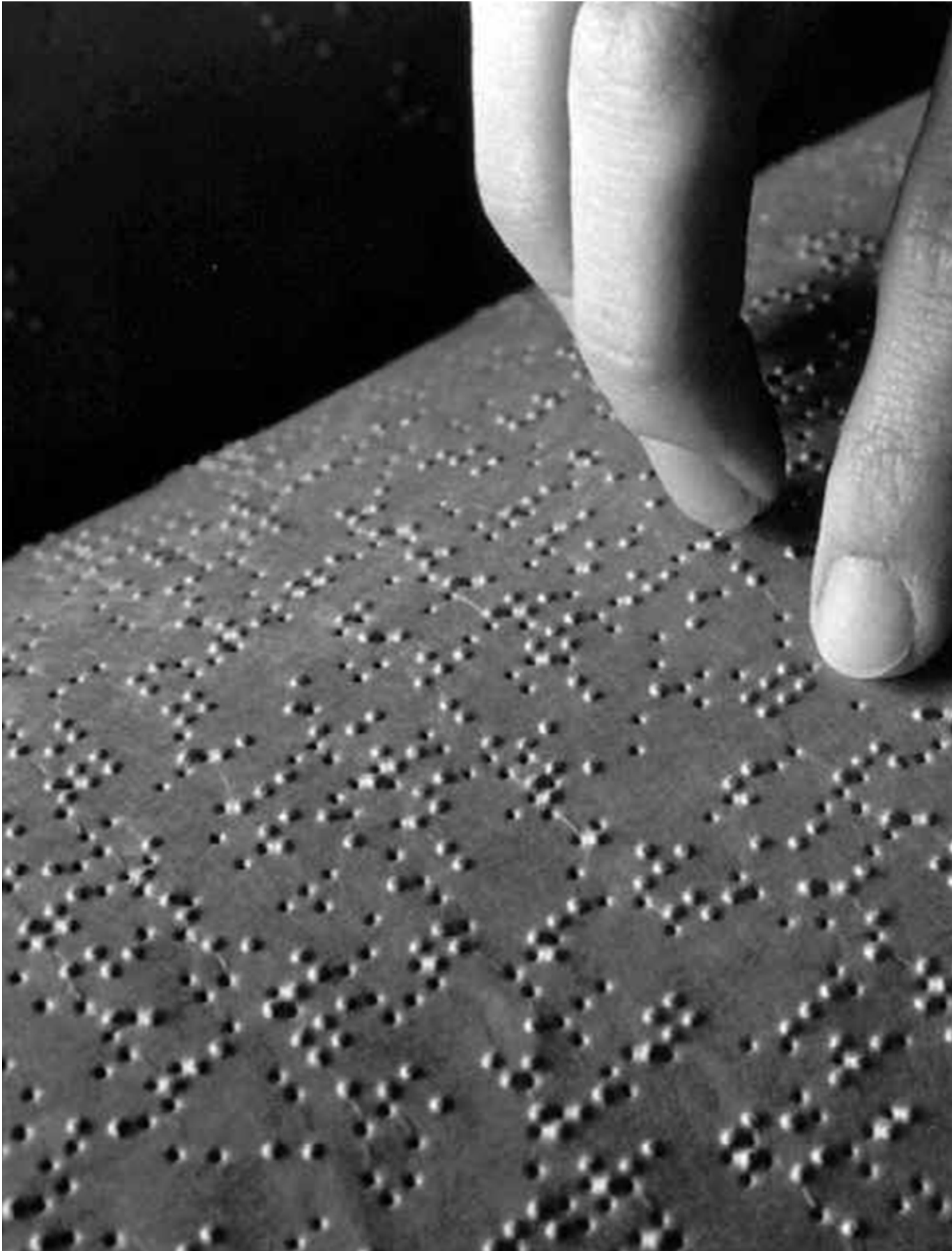
No entanto, podemos achar que uma paisagem se encontra no seu estado natural, mas esta pode ter sofrido intervenção humana, como o caso do Parque Natural da Serra da Estrela, onde a paisagem aparentemente é natural, mas esta foi parcialmente intervencionada pelo homem de forma a parecer natural, chama-se a este processo paisagem naturalizada.

Por fim temos a paisagem urbana que é totalmente caracterizada pela acção do homem sobre o ambiente circundante.

O desenvolvimento deste tipo de paisagem é dependente da dinâmica social e das transformações na sua estrutura, que podem ser lentas ou radicais. Esta dinâmica social tem um impacto mais rápido, manifestando-se através da construção de edifícios, ou mais lento, através de políticas de protecção da paisagem.

A evolução da paisagem urbana tem como base uma força económica. Este factor, compila e forma a própria história, pois por um lado podemos conservar e manter inalterado, como se não houvesse acção do tempo, mas respeitando a história do local, e por outro lado podemos assumir uma transformação total, onde não se respeita a história e o poder económico define o ambiente do lugar.

Segundo Relph (1897), actualmente a paisagem urbana é caracterizada pela existência de elementos como os arranha-céus, parques de estacionamento, grandes vias automóveis, entre outros; e é considerada omnipresente, mas ao mesmo tempo vulgar, desagradável e invisível. A partir do que foi dito, pode-se concluir que quando se fala em paisagem urbana, fala-se claramente em cidade.



2.2 Acessibilidade



2.2.1 Acessibilidade vs mobilidade

É possível observar que a cidade na sua maior parte não está acessível a todas as pessoas. Quando se desenha a cidade, os seus espaços e os edifícios, devem ser pensados de forma a incluir as pessoas e não ter práticas de limitação ou exclusão. O papel do arquitecto deve ajudar a minimizar estes desafios, e saber lidar com eles. Temos que perceber que qualquer pessoa num determinado ponto da sua vida pode ser confrontado com alguma incapacidade temporária ou permanente. Temos que assumir que este é um problema social, que deve ser resolvido por toda a comunidade e não apenas pelas pessoas que são portadoras de incapacidades. O meio envolvente tem a obrigação de contribuir positivamente para resolver, integrar e adaptar-se a estas necessidades. E a arquitetura tem de ser um meio de integração de uma população diferenciada, e não de discriminação.

Quando se fala em acessibilidades temos que pensar que estas não servem apenas para ajudar as pessoas portadoras de deficiências, mas também ajudar as pessoas com problemas de mobilidade, como as decorrentes do envelhecimento demográfico. É neste momento que temos que pensar a cidade com espaços funcionais para todas as pessoas, projectando cidades que contribuem positivamente para a sociedade, garantindo segurança, conforto e qualidade de vida.

Neste momento as cidades actuais são pensadas e construídas para o uso pedonal e uso automóvel, esquecendo as pessoas com dificuldades, e até muitas vezes marginalizando o próprio peão. Temos que pensar que o espaço público hoje em dia tem um papel fundamental na forma de viver a cidade, pois sem ele não há locomoção e não há vida na cidade. Este deve ser organizado e simples, livre de ruído e excesso de informação. Temos que pensar que as pessoas ao longo do dia estão em constante movimento, e percorrem diferentes espaços com diferentes configurações, o que dificulta o reconhecimento para uma pessoa normal, e que no caso de uma pessoa com incapacidades estes problemas são ampliados.

“Antes de arquitecto, o arquitecto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence (...) para ele, porém, projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância.” (Távora, 2006, p. 74)

A partir de agora enfrentamos novos desafios, construir espaços seguros e acessíveis a todos, quer socialmente quer urbanisticamente. Fornecer um espaço público acessível é essencial para que uma pessoa com incapacidades se sinta integrada e aceite na sociedade.

Quando se fala em mobilidade temos que perceber e compreender as novas realidades sociais e os conceitos de vida que se preveem para o futuro, torná-los flexíveis.

“ O envelhecimento da população já é, actualmente, uma tendência de dimensão mundial, embora seja na Europa que se localiza a maior parte das populações mais envelhecidas do mundo. Neste continente “grisalho”, Portugal ocupa hoje o lugar de um dos países mais envelhecidos. Trata-se de um caso peculiar entre as nações europeias, não por estar a envelhecer (porque todas as populações o estão!) mas pela rapidez com que este processo aqui se manifestou.” (Portugal e a Europa: os Números, Maria João Valente Rosa e Paulo Chitas, Fundação Francisco Manuel dos Santos)

Para todas as cidades serem inclusivas têm que perceber as diferentes restrições que existem nas diferentes pessoas. Estas restrições não retratam apenas as pessoas com incapacidades mas o facto de dificultar as actividades quotidianas dos habitantes de uma cidade. A restrição é o resultado entre um indivíduo e o ambiente, em que pode facilitar ou limitar a sua utilização, consoante a sua configuração espacial e características.

O ideal seria que todos os espaços que são projectados e construídos fossem polivalentes e tornassem as pessoas independentes apesar das suas capacidades e dos seus modos de vida. Muitas vezes verifica-se que a cidade separa as pessoas e exclui-as. Estes factos acontecem pela falta de formação e informação que ajudem a pensar como um espaço deve ser usado. Pode-se também dizer que o conceito de mobilidade muitas vezes é ignorado e esquecido, mas na maioria dos casos acredito que seja apenas ignorado, pois é mais fácil fingir que estes problemas não existem do que enfrentar a realidade e lidar com eles, e que são apenas uma dificuldade que impõe limitações à estética de determinado espaço, retirando o apelo que se deseja. Tenta partir a última frase em duas. É necessária uma mudança de mentalidade na sociedade actual e fazer cidades e espaços para todos:

“a nossa cidade só fará sentido quando todos a percorrermos livremente, cada um com as suas diferenças de capacidade de mobilidade.” (Teles, 2009, p. 25)

Claro que é economicamente impossível adaptar todos os espaços ao mesmo tempo. É necessário uma transformação gradual, em pontos estratégicos. Desta forma consegue-se começar a alertar a população para este problema e não produzir um choque drástico no quotidiano dos habitantes de uma cidade.

Obviamente estas adaptações devem ser consideradas consoante a sua escala. Numa escala maior, como as formas e os volumes dos edifícios que definem um determinado espaço público deve-se intervir de forma clara e simples, evitando as barreiras físicas. À medida que a escala vai diminuindo deve-se começar a pensar noutro tipo de pormenores, como o estudo dos materiais do pavimento até a escolha e localização do mobiliário urbano.

Tem que se concluir que é necessário organizar os diferentes espaços de forma clara, simples e acessível, respondendo às necessidades da sociedade. No entanto, as barreiras não se limitam ao espaço edificado, existem outros tipos de barreiras, designadamente, barreiras psicológicas. Estas infelizmente continuam a persistir no tempo e impedem que muitas pessoas sejam aceites por parte da sociedade. Não é possível comparar diferentes pessoas, cada uma tem a sua personalidade, forma de viver e pensar, não existem pessoas iguais, mas estas diferenças ainda não são completamente aceites pela sociedade, o que impede o convívio social. Este facto acontece devido ao medo e insegurança que as pessoas têm do desconhecido.

Estes factores resultam em discriminação e exclusão de determinados grupos de pessoas, como pessoas portadoras de deficiências físicas ou mentais, diferentes etnias ou culturas, entre outros. Existe uma falta de capacidade de conviver com a diferença. Esta distância que é criada entre os vários indivíduos faz com que a discriminação aumente, o que leva muitas vezes as pessoas discriminadas a isolarem-se ou terem comportamentos autodestrutivos ou anti-sociais.

Pode-se concluir que a atitude correcta seria a aceitação destas diferenças, deste modo reduzindo o sentimento de medo e desconfiança presente nas cidades, mas ao mesmo tempo é necessário haver uma relação recíproca e que ajude na partilha dos vários espaços.

Desta forma, é possível afirmar que se os espaços públicos e edifícios nas cidades se adaptarem a estas necessidades é possível haver coexistência das diferentes pessoas com as diferentes diferenças.



2.3 Espaço público



2.3.1 Espaços de encontro e de convívio

Nas cidades é extremamente necessário existirem espaços verdes. Estes ajudam no bom funcionamento dos espaços públicos e contribuem para a criação de espaços de lazer.

Temos que aceitar que as zonas verdes fazem parte da cidade e não são apenas um acessório, pois funcionam como locais de encontro, lazer e coesão social.

Os espaços exteriores sempre foram caracterizados pela grande dinâmica social que promovem, principalmente se estes tiverem vegetação.

Hoje em dia, a maioria da população vive em apartamentos, ou seja, em espaços pequenos que muitas vezes não são apropriados ao conforto e qualidade de vida para uma família. Por isso a importância de espaços públicos exteriores, pois ajudam a colmatar estas falhas e proporcionam às pessoas um espaço de convívio.

" são considerados como pontos de encontro, como zonas de desfogo no tecido urbano e revelam-se autênticos espaços de recreio, de encontro, de contemplação, de paz, indispensáveis à saúde mental da população urbana."(Pardal, 2006)

Na obra "Morte e vida das grandes cidades" de Jane Jacobs (1961), a autora refere a importância de espaços de encontro, diz que é necessário a existência de cruzamentos nas cidades e alerta para a necessidade de quarteirões e ruas curtas. Para Jacobs, as ruas longas e sem cruzamentos tornam-se impositivas e não permitem a escolha por parte das pessoas. Os cruzamentos são necessários para criar possibilidade de escolha, e em muitos casos marcam pontos relevantes na cidade, pois na maior parte dos casos, as esquinas destes cruzamentos dão origem a comércio. Defende ainda que as ruas curtas criam uma maior permeabilidade urbana e existem mais percursos alternativos, em que proporciona uma maior mobilidade na cidade e trajectos menos monótonos, logo existe um maior número de cruzamento de pessoas, o que torna o espaço público mais vivo.

Como acaba de ser referido, os cruzamentos são portanto um elemento muito importante para a vida da cidade. Estes permitem que haja um maior contacto entre as pessoas no espaço público.

Este tema é importante pois contribui directamente para os sentimentos de pertença ao espaço público que, consequentemente reforça a identidade de um local ou população. Frequentemente, os maiores utilizadores destes espaços são os idosos, pois nesta fase da vida é-lhes possível usufruir dos espaços públicos. Em muitas situações é possível ver as gerações mais velhas, os idosos, a passear as gerações mais novas, muitas vezes os seus netos. A partilha dos espaços por gerações diferentes ajuda a que as gerações mais novas se apercebam e entendam a sua importância na cidade e ao mesmo tempo para o homem. Por isso, é necessário continuar a fomentar este tipo de relações sociais.

É importante que as pessoas se sintam bem nos espaços públicos, apesar das suas condições físicas. A cidade, enquanto um organismo vivo deve ser pensada numa forma global, ajustada a todo o tipo de situações de forma a incluir toda a população e não a criar grupos de exclusão por não conseguir responder às suas necessidades.

É necessário perceber que com a desertificação do interior do país as cidades cada vez albergam mais pessoas, o que implica tornarem-se numa zona de habitação e convivência e trabalho; logo os espaços públicos são importantes para manter o equilíbrio e organização na sociedade.

2.3.2 Relações sociais no espaço público

O espaço público é o elemento que permite que haja relações sociais na cidade. O homem como parte constituinte da população é um elemento dinâmico que determina a identidade e vivência da cidade.

São a cultura, os costumes e o património imaterial em geral, que mais fortemente marcam a identidade de uma cidade.

"A identidade, caracterizada acima de tudo pela memória colectiva, é definida por adição de referências e por enlaces entre várias memórias, que podem estar ligadas ao passado, a pessoas e acontecimentos especiais, a alterações técnico-económicas, a hábitos culturais ligados ao espaço publico, entre outros" (Brandão, 2008, p.14)

Devido à sua importância na cidade, o espaço público é um elemento que merece atenção, devido às suas variadas funções, como espaço de convívio, cruzamento de culturas e ideias, relações sociais, elemento de coesão e definidor da malha urbana, entre outros. Também é importante que promova a coesão social, possibilitando o contacto entre as pessoas e criando sensação de proximidade.

"a interacção social mais ligada ao habitar, processa-se na maior parte das vezes nos espaços públicos inerentes aos edifícios de habitação envolvendo grupos de crianças, espaços próximos das habitações, mais recatados, procurados por adolescentes e adultos jovens, espaços acolhedores e facilmente acessíveis para a maior parte dos moradores, onde se possam sentir à vontade e confortáveis, em equipamentos colectivos, entre outros"(Cabrita, 1995, P. 99)

Não existe um sítio específico para haver interacção social. Cada indivíduo procura lugares diferentes para interagir socialmente, o que depende de diversos factores como o estado de espírito, necessidades pessoais ou até o clima. O que há em comum nestes pontos referidos anteriormente é que todos precisam do espaço público e por isso é importante dar-lhe atenção, visto que são lugares utilizados diariamente.

"a noção de cidade como local de reunião, de contacto social, de ponto de encontro, foi assumida como incontroversa através da historia da nossa civilização até ao seculo XX." (Cullen, 2009, p. 105)

Cullen dá também relevância à questão dos espaços públicos nas cidades e defende que este é inerente à arquitectura. Os espaços públicos das cidades são locais onde desde sempre aconteceram interacções sociais. Um dos papéis da arquitectura é definir estes palcos de interacção social, delimitando e caracterizando estes espaços.

A arquitectura é o instrumento que define as cidades, que define a malha urbana e que também dá carácter à cidade. É necessário haver espaço público para a arquitectura poder existir, pois sem espaço público não há interacção entre o homem o que leva a arquitectura a não ser precisa.

Hoje pensa-se a cidade como um negócio, em que o objectivo principal é angariar dinheiro, em que o espaço público é apenas um instrumento para os objectivos monetários aumentarem. Neste caso o arquitecto fica numa posição constrangedora, pois precisa de aceitar o modo de funcionar da cidade para conseguir um espaço publico apropriado para o homem.

"Deve-se entender a cidade como sendo o espaço público, o principal fundador da forma urbana, o espaço entre os edifícios que configura o domínio da socialização e da vivência comum, bem como colectivo da comunidade"(Brandão, 2008, p. 18)

A forma como a arquitectura é pensada hoje em dia influencia a vida no espaço público. Como é pensada a pensar na circulação do carro, e os edifícios criam o limite do edificado e não edificado, na maioria das vezes não existe espaço publico adequado para os peões caminharem e usufruírem da rua. Esta forma de pensar precisa de ser reformulada.

"Quando se trata o conceito da identidade admite-se sempre uma referência de interactividade, em que as relações com o que é o exterior, são constituintes da identidade" (Brandão, 2008, p. 14)

Cada indivíduo tem uma forma pessoal de caracterizar o espaço público, pode ser através de sentimentos de pertença ou de vivências, pois a cidade é diferente para cada indivíduo. As sensações podem depender de vivências associadas a esses espaços, como memórias ou eventos que lhe recordem sensação de familiaridade. As sensações de pertença ou apropriação do lugar fazem com que os habitantes usufruam vivamente dos espaços exteriores e podem ser definidas como

"processo que relaciona o sujeito com o espaço ou os objectos e pressupõe, no sentido positivo, uma empatia, um desejo, um domínio ainda que parcial ou apenas psicológico."(Cabrita, 1995, p. 55)

Jacobs evidencia as relações de vizinhança nos bairros, que poderão funcionar como um

"auxílio quando surge um problema muito grande".(Jacobs, 2009, p. 134)

A interacção social, para além de fundamental no desenvolvimento pessoal, é um aspecto fundamental para ajudar a cidade a funcionar em segurança. O aspecto de bairro com a interacção da rua, defendido por Jacobs, ajuda a ter uma cidade mais articulada, e assim uma cidade mais viva e coesa.

A forma como o homem se apropria dos espaços é muito pessoal. Como já referido, pode estar ligado a sentimentos que irão influenciar directamente a forma como vive o espaço, porém nem sempre podemos afirmar que todos os espaços têm uma ligação sentimental para o homem, noutros casos pode ser usado apenas por causa da função do espaço, como a procura de um abrigo, sombra ou um ambiente simpático.

Por isso, nem sempre a apropriação é uma coisa palpável, pois é definida por diferentes graus de afectos ou apenas por simples necessidade.

"O grau de apropriação por parte dos utilizadores dos espaços varia de pessoa para pessoa. As relações de vizinhança são definidas essencialmente como sendo o contacto entre pessoas que habitam numa certa proximidade física. Este contacto poderá ir do simples reconhecimento de alguém como morador num determinado bairro ou rua até às relações de amizade e convivência mais frequente, mais intensa."(- Cabrita, 1995, p. 83)



2.4 Espaços verdes



2.4.1 A importância da vegetação na cidade

“ O facto das cidades terem evoluído ao longo do tempo propiciou a necessidade de criar vegetação. As alamedas com árvores de um lado e do outro surgem no século XVIII, enquanto que na Idade Média havia uma ou duas árvores nos largos e praças. As cidades têm tido uma evolução ao longo dos tempos e, esta, está relacionada, particularmente, com o conceito de espaço verde urbano que tem sido sofrido mudanças ao longo da história.” (Castel-Branco e Soares, 2007)

As cidades não podem ser constituídas apenas por edifícios e pavimentos asfaltados, deve-se planejar espaços destinados a vegetação no espaço público. A vegetação é claramente um elemento importante no meio urbano, que se encontra sempre presente nos diversos espaços, como jardins, parques urbanos, alamedas ou jardins e quintais privados.

“ As árvores, e a vegetação em geral, são elementos estruturantes importantíssimos nas cidades, das quais depende a melhor circulação do ar e da água, a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas, de modo a, de certa forma, contrabalançar o artificialismo do meio urbano que tanto afecta a saúde psicossomática das populações, e ainda a de valorizar a escala e a proporção dos volumes edificados.” (Cabral e Telles, 2005)

Com a expansão das cidades, e a crescente impermeabilização dos solos, as árvores e os diferentes elementos verdes estão a ser expulsos da cidade. Aqui surge a necessidade de se perceber a importância que as zonas verdes têm nas cidades e como ajudam no funcionamento da mesma.

Os elementos vegetais têm uma função fulcral e directa no meio urbano. Pode-se destacar a contribuição para a estabilização e melhoria microclimática e redução de poluição atmosférica e poluição sonora, em que funcionam como barreiras amenizadoras de som, ameniza as zonas de maior calor e conseguem dar maiores zonas de conforto devido ao sombreamento. Desta forma tem-se uma melhoria significativa estética na cidade. Obviamente esta também tem influência directa com o homem, o facto de ajudar a criar um ambiente mais controlado e ausente do stress que o meio urbano provoca, ajuda a melhorar a saúde e o bem estar.

“Está amplamente demonstrado por vários estudos, em particular na área da medicina e psicologia, que a “pastilha da felicidade” é mesmo verde. O contacto com as árvores e as florestas promove a recuperação psicológica, melhora o estado de ânimo e a sensação de vigor e reduz o stress, a ansiedade, a depressão, a irritação e a fadiga psicológica. Adicionalmente, aumenta os níveis de atenção e de concentração, a criatividade, a capacidade de aprendizagem e a produtividade na escola e no trabalho. Estar no meio de árvores, além de aumentar a avaliação subjetiva individual de bem-estar, reduz objetivamente os indicadores fisiológicos de stress, tais como a pressão arterial, o ritmo cardíaco, a tensão muscular. Em geral, a atividade do sistema nervoso simpático (que gere a resposta ao stress) reduz-se e a do sistema nervoso parassimpático (que gere a resposta à calma) eleva-se.” (Marta Pinto, Prozac: a pastilha da felicidade é verde)

Desta forma a vegetação pode ser encarada como um elemento de desenho urbano para a criação de espaços de lazer e encontro, mas também como um elemento integrante da cidade. É possível referir alguns casos onde se praticou a ideologia de melhorar a vivência urbana com a inserção de espaços verdes. Temos o caso de Central Park, Manhattan, New York em 1857. A inserção de um parque de grandes dimensões no centro da cidade de forma a criar um espaço que promova a melhoria da qualidade de vida e o bem estar do homem.

Em Portugal um dos primeiros exemplos acontece em Lisboa com a criação do Jardim Botânico e a Avenida de Liberdade, que têm influências dos diversos parques que foram aparecendo ao longo da Europa.

Posteriormente, surge o conceito de um sistema contínuo de parques, que origina a concepção duma rede de espaços verdes que recriará a natureza no interior da cidade, em substituição da visão em unidades isoladas. Surgiram vários modelos, que tinham como preocupação a descentralização urbana e a redução dos contrastes entre a cidade e o campo (Castel-Branco e Soares, 2007).

2.4.2 Corredores verdes como elemento de ligação na cidade

O conceito de corredor verde começou a ser pensado e implantado no final do séc. XIX, início do séc. XX nos Estados Unidos da América. Na mesma época o homem começa a ter mais preocupação com os recursos naturais e começa a estudar a importância destes para manter a biodiversidade.

A importância dos corredores verdes têm sido discutida a nível mundial.

" Possibilitam usos e funções múltiplas, como: manejo das águas das chuvas, conservação de fragmentos de ecossistemas naturais ou recuperados, uso como vias de transporte alternativo e áreas de lazer, melhora da qualidade de vida dos habitantes (...)" (Cecília Herzog, 2008, p. 2)

Os corredores verdes têm três grupos de funções:

a) Ecológica

- Proteção de áreas naturais, constituindo habitats para plantas e animais, ajudando na manutenção da biodiversidade. Previne o isolamento das espécies, mantendo os processos demográficos naturais;

- Manutenção da vegetação ripícola, que produz matéria orgânica que serve de alimento aos animais aquáticos, permite e ajuda à criação de estruturas ripícolas diversas e dinâmicas, como charcos, piscinas e cascatas;

- A vegetação do corredor funciona como filtro urbano, melhorando a qualidade do ar e da água. Promove ainda o transporte de matéria, organismos e energia. Tem ainda a função de proteção nas áreas urbanas, intervindo positivamente nos processos hídricos, diminuindo o risco de erosão;

- Uma rede de corredores verdes bem estruturadas poderá ajudar as comunidades bióticas a adaptarem-se às mudanças ambientais de longo prazo;

b) Recreativa:

- Fornecimento de espaços para recreio e lazer;

- Criação de vias de circulação alternativas;

c) Cultural

- Contribuição para a preservação do património histórico e cultural;

- Manutenção e valorização da qualidade estética da paisagem;

Qualquer espaço verde deve ser pensado de forma a integrar toda a população residente na cidade.

Estes nunca devem ser direcionados ou focados num público alvo, pois ao criar-se um espaço restrito para uma determinada parte da população, cria-se um espaço de exclusão social. Devem ser inclusivos e pensados de forma a favorecer toda a gente.

Devido a demografia envelhecida de Portugal, deve ter-se mais atenção as necessidades de locomoção da população deste mesmo grupo. É importante que as modelações dos terrenos e as variações dos diferentes níveis sejam feitas de forma suave e sem obstáculos.

" Desta forma, o terreno deve ser de fácil acesso tanto para surdos, invisuais, deficientes motores, entre outros." (Cavalcanti, 2001, citado em Bins Ely e Dorneles, 2006).

Desta forma o conceito de espaço verde na cidade serve como elemento de ligação entre a população, a cidade e os espaços verdes.

No caso de Lisboa, ao ser implementado o corredor verde que leva as pessoas desde a Baixa Pombalina até ao Parque de Monsanto, serve como elemento de ligação da própria cidade. O facto de levar as pessoas a usufruir de um espaço verde que se assume no meio da cidade e que ao mesmo tempo lhes permite chegar a diferentes pontos, usufruindo do contacto com a natureza é um ponto positivo.

Desta forma, é possível afirmar que existem dois tipos de ligação. A ligação feita com as necessidades da população, melhorando o seu bem-estar e vivências, e a ligação com a cidade e os diferentes locais.



2.5 Fundação Calouste Gulbenkian e “O nosso km2”



O programa "O nosso km²", surgiu em 2011, por iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian. Sendo o lema da fundação "melhorar o mundo", entenderam os seus responsáveis que para melhorar o mundo deveriam começar pela área urbana onde se encontra a sede da fundação. Por isso, o programa "O Nosso km²", pretende actuar na freguesia das Avenidas Novas, em Lisboa.

Mas não nos podemos deixar enganar pelo nome do programa, pois apesar deste se chamar "O Nosso km²", a área total da freguesia é actualmente de mais de dois quilómetros quadrados (após a recente fusão administrativa das freguesias de Nossa Senhora de Fátima e de São Sebastião da Pedreira).

Este programa tem como objectivo encontrar soluções para responder a problemas sociais complexos, como a exclusão social, a integração de diferentes etnias, e a criação de emprego jovem, entre outras carências da freguesia.

Neste momento o programa encontra-se mais activo no Bairro do Rêgo. Este bairro encontra-se numa situação de exclusão, pois toda a sua periferia está fechada com construção nova e mais alta, direccionada para uma classe económica com mais posses. O facto de o bairro ter uma população multicultural e idosa provoca exclusão social o que leva outras pessoas a abandonarem estes espaços.

Este facto acontece também porque a freguesia tem um valor económico alto, devido à sua localização central na cidade, tornando-se apetecível para o sector imobiliário. Por isso, o programa pretende envolver o máximo de instituições públicas e privadas que se localizem na freguesia das Avenidas Novas para construir uma comunidade inclusiva, dialogante e solidária, que consiga resolver os seus problemas sociais, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e bem-estar da população.

Para concretizar estas ideias, pretende-se construir e partilhar um único objectivo com todos os parceiros, criar e reforçar as redes de vizinhança e um ambiente de confiança, proporcionando o apoio a iniciativas da sociedade civil, com vista à resolução de questões ligadas à vivência na freguesia.

Desta forma, o melhoramento das ruas e espaços urbanos vai ter uma transformação enorme na forma como os habitantes da freguesia vão vivenciar o espaço público, melhorando as relações entre si.



3 Projecto



3.1 Existente

3.1.1 Evolução da cidade de Lisboa

A origem de Lisboa remonta ao período pré-histórico. A partir de 195 a.C. a invasão romana de Odisipo, denominação da época, ajudou no crescimento da cidade a nível socioeconómico e cultural. Na época romana é reforçada a localização da cidade através das vias romanas para Mérida e para Bracara, actual cidade de Braga.

A partir do séc. III, o império romano começa a sofrer invasões de outros povos, como os germanos em 500 d.C. e dos árabes a partir de 700 d.C.. Esta instabilidade leva a que os habitantes deixem a periferia e se refugiem na cidade. Desta forma houve um crescimento exponencial na construção e na formação da cidade.

Em 1000 d.C., no período da reconquista cristã, Lisboa foi ocupada por Castela, até 1147, quando D. Afonso Henriques conquista a cidade, e com a participação cristã expande a cidade para fora das muralhas.

Entre 1373 – 75, D. Fernando perante as ameaças de Castela decide construir uma nova muralha. Até esta data a cidade tinha apenas 16 hectares, passando a possuir aproximadamente 100 hectares, aumentando a sua área em cerca de 6,5 vezes mais.

A partir do reinado de D. João I, a cidade começa a ser urbanizada, inicialmente na colina do Carmo em 1400.

“ À entrada do século XVI, Lisboa modificou profundamente a sua estrutura urbana, física e simbolicamente, com a instalação da corte junto ao rio, num novo paço real rapidamente construído para fora da cerca, sobre os armazéns das mercadorias da Mina e da Índia (...)” (França, 1980, p. 19)

Em 1500 a corte de D. Manuel abandona o Castelo de S. Jorge e fixa-se no Terreiro do Paço, centrando a vida comercial da cidade nesta zona. Na mesma altura, a zona do Bairro Alto, que até esta altura era uma zona agrícola, começa a ser urbanizada e recebe o primeiro loteamento renascentista. Esta zona tornou-se apetecível para a classe nobre, onde viriam a ser construídos muitos palacetes. Esta operação urbanística no Bairro Alto marca a passagem do séc. XVI para o séc. XVII na vida urbana da cidade. A partir deste momento é criada uma consciência urbanística e arquitectónica (CML)

Em 1755 dá-se o terramoto, onde cerca de dois terços da cidade é arrasada, destruindo cerca de três mil casas, afectando maioritariamente a zona da Baixa, do Castelo e do Carmo, que eram as zonas urbanas com mais movimento.

Apesar do desastre, este evento é uma oportunidade para uma reconstrução pensada, dando uma nova imagem à cidade.

A partir deste momento, nasce a ideia de Lisboa Pombalina. Marquês de Pombal, primeiro ministro do rei D. José, em parceria com arquitectos e engenheiros (Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel), aplica um urbanismo sujeito a regras fixas e com uma evolução construtiva, que iria dar uma nova visão do mundo sobre Lisboa.

O plano da Baixa Pombalina baseia-se numa planta ortogonal, com ruas alinhadas, em que os edifícios obedecem a regras de construção tendo em conta conceitos básicos de resistência às acções sísmicas.

O sistema urbano obedece a uma composição de eixos em que a simetria é o tema obrigatório, em que nos extremos se pretendia destacar monumentos ou estátuas.

“ Para trás do Terreiro do Paço, a Baixa continuava a ser o coração da cidade activa (...)” (França, 1980, p. 42)

A partir deste momento Lisboa começa a recuperar e os limites da cidade são alargados em círculo tendo a Baixa Pombalina como ponto de origem. Surge também um novo ideal, onde a construção de jardins começa a ser implantada na cidade, tais como os jardins de S. Pedro de Alcântara, da Estrela e do Príncipe Real. A Avenida da Liberdade tem um papel importante no desenvolvimento da cidade, onde também surge o conceito de passeio público.

“ De 1850 a 1910 dá-se, de uma forma nítida, a passagem da Lisboa “ribeirinha” à Lisboa “nuclear radio-

concêntrica". (...) da cidade organizada em função do rio à cidade organizada radialmente em função de um centro terciário." (Soares, 1980, p. 27)

A partir deste ponto começa um novo eixo de desenvolvimento que parte da Avenida da Liberdade. Este novo desenvolvimento começa com a Avenida Fontes Pereira de Melo, que vai unir a Baixa até ao Campo Grande, passando pela Praça Duque de Saldanha e pela Avenida de República e todas as ruas adjacentes. Surgem assim as Avenidas Novas.

Para as Avenidas Novas, foram elaborados diferentes planos, mas o projecto seleccionado foi o do engenheiro Ressano Garcia. Este plano assenta num sistema semelhante à construção da Baixa, onde se pretende ter uma organização ortogonal, conseguindo um desafogo urbanístico na cidade.

O plano final para as Avenidas Novas é aprovado em 1889, onde já se podia ver o Parque Eduardo VII e no extremo norte o Parque do Campo Grande.

O modo como o conjunto das avenidas da Liberdade/Fontes Pereira de Melo e República, que se articulam numa linha quebrada, evidencia uma continuidade desde a Praça do Comércio até ao exterior Norte de Lisboa, com um desenho claro e definido. Podemos observar também que as avenidas criadas perpendicularmente em relação à Avenida da Liberdade, transportam o urbanismo para zonas até agora estagnadas, onde era possível observar uma barreira entre oriente e ocidente. Apesar do novo urbanismo ser extremamente claro, com uma malha ortogonal, no caso do Plano das Avenidas Novas, este adapta-se à topografia da cidade, onde encontra linhas definidas pelas pré-existências da cidade.

É possível afirmar que o Plano das Avenidas Novas, trouxe uma nova visão para Lisboa, e temos que considerar que apesar da formação parisiense de Ressano Garcia, este aceitou as partes antigas da cidade, que tinham sido refeitas por volta de um século, integrando-as no seu plano. Mas as qualidades indiscutíveis do desenho urbano das Avenidas Novas não se verifica na sua arquitectura. Ao não existirem normas que se manifestem em relação a esta matéria, como fora feito na Baixa Pombalina, os edifícios nas Avenidas Novas ficam rotulados como efémeros. A questão é que não havendo regras para a construção cada proprietário ou promotor, poderia fazer o que quisesse sem quaisquer consequências.

Depois da 1ª Guerra Mundial, a cidade começa a preencher as malhas vazias que resultaram dos eixos das novas avenidas. Aparecem também novos bairros direccionados para a classe média, onde os logradouros começam a ter alguma importância como equipamentos de lazer. Nos anos 30, durante a orientação de Duarte Pacheco (inicialmente Presidente da Câmara de Lisboa e posteriormente Ministro das Obras Públicas), inicia-se a construção de novos bairros, desenhados por urbanistas, em que se assumem ruas largas e a homogeneidade no desenho das fachadas, denominado estilo Português Suave. Na mesma altura, o Município decide criar um parque verde para a cidade, conhecido como Parque florestal de Monsanto.

A partir deste momento reconhece-se que seria necessário um plano de urbanização para a cidade, com a criação de parques e jardins. Estes espaços verdes que seriam propostos não seriam apenas para o prazer dos habitantes da cidade, mas também uma reserva de ar puro imprescindível à vida da cidade.

A partir daqui, os novos bairros que vão surgindo, são planeados segundo a Carta de Atenas. Uma época em que são construídos blocos residenciais livres e separados por espaços verdes em que se procura uma melhor exposição solar e um melhor arejamento.

Para efeitos do nosso projecto, podemos observar hoje em dia, que as Avenidas Novas têm um desenho urbano qualificado, mas de um corpo sem forma, ruidoso e desordenado, onde a ausência de qualidade arquitectónica é visível (sobretudo atendendo às sucessivas demolições e reconstruções ocorridas durante o século XX).

3.1.2 Ressano Garcia e o plano das Avenidas Novas

Frederico Ressano Garcia (1847 – 1911), foi professor de engenharia, engenheiro, político e administrados que se destacou por ter dirigido a expansão e renovação urbana de Lisboa no séc. XIX. Destacaram-se os seus trabalhos para a Avenida da Liberdade, a Praça Marquês de Pombal, a Avenida 24 de Julho, os bairros de campo de Ourique e da Estefânia (Correia, 2011, p. 1)

Frequentou a Escola Académica até aos 14 anos, conseguindo depois matricular-se na Escola Politécnica de Lisboa no curso de engenharia, e mais tarde conseguiu a transferência para a École Imperiale des Ponts et Chaussées em Paris, onde acaba o curso em 1869, e mais tarde volta para Lisboa.

Após o seu regresso a Lisboa é nomeado professor de engenharia no Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, e em 1874 é designado engenheiro na Câmara Municipal de Lisboa, onde determinou uma nova visão urbanística. A sua formação em Paris dotou-o de um pragmatismo e planeamento no desenvolvimento dos projectos urbanos.

Conseguiu organizar o departamento técnico da CML, onde a sua principal tarefa foi retomar as ideias de expansão urbana da Lisboa de Marquês de Pombal.

“(…) até à proclamação da República, “fazia-se a Avenida” como se fazia a Rua do Ouro e o Chiado: para passear, ver e ser visto, numa ritualização do passeio urbano cujas características eram ainda românticas.”(Silva, 2006, p. 127)

Elaborou um plano urbano na zona norte da cidade, “Avenidas Novas”, iniciado a partir das margens do rio Tejo, tendo como eixo principal uma avenida larga, a Avenida da Liberdade, para concretizar as necessidades modernas, oriundas, sobretudo, do desejo de rentabilizar a articulação de Lisboa com a periferia de onde vinham os abastecimentos diários de legumes, leite, fruta e animais, bem como muitos trabalhadores domésticos.

Na elaboração do plano para as Avenidas Novas, foi influenciado pelos conceitos de Haussmann na renovação de Paris, a que assistiu enquanto estudante, onde o contacto directo com a transformação da cidade lhe permitiu reflectir sobre os recursos e as soluções aplicadas. Ao adoptar uma estratégia semelhante em Lisboa, conseguiu melhorar a salubridade da cidade. Podemos afirmar que Ressano Garcia é o Haussmann Português, cujo desenvolvimento da cidade pode ser comparável ao de Manuel da Maia ou a Duarte Pacheco.

“(…) não teve a apoiá-lo nem o Marquês de Pombal, nem Salazar. Por isso, as Avenidas Novas, que ele fará nascer, têm a marca de um tempo incerto em que o Estado foi mais fraco e a sociedade manifestou as suas grandes influências, económicas e culturais.”(Silva, 2006, p. 129)

Ao criar o movimento de abrir um novo passeio público no centro da cidade, a Avenida da Liberdade, começam a surgir novos bairros, que definem novas artérias da cidade, como o Bairro Barata Salgueiro, que se articula com o Rato e S. Mamede, o Bairro Camões, construído para a pequena e média burguesia, tendo como eixo principal a Rua do Conde, o Bairro de Picoas, que aproveitava algumas das vias existentes como a Estrada das Picoas e a Calçada do Sacramento. Dentro do plano das Avenidas Novas podemos destacar a Praça Duque de Saldanha, a Praça de Entrecampos e a Avenida de República como os eixos mais importantes da expansão da cidade.

“pretendia-se abrir um boulevard que “partindo do fundo do Passeio Público corte parte inferior do Salitre e siga pelas terras de vale do Pereiro até S. Sebastião da Pedreira ramificando-se para o Campo Pequeno.”(Silva, 2006, p. 127)

Como já referido anteriormente, Ressano Garcia, baseia o seu plano para as Avenidas Novas no urbanismo praticado em Paris por Haussmann e em Barcelona por Cerdá. Algumas das características destas novas formas de desenhar a cidade é tentar torná-las mais saudáveis. Até este momento, as cidades eram consideradas organismos doentes, devido às ruas estreitas e tortuosas, onde o ar tem dificuldade em circular e a iluminação é escassa. Obviamente as casas e os interiores dos quarteirões, de dimensões pequenas também seriam objecto de transformação.

Abriu as ruas, dar-lhes uma dimensão adequada, dotá-las de infraestruturas e já pensando nos transportes públicos, deixar as ruas preparadas para a sua circulação. Surge também a introdução da natureza na cidade, pelo que podemos afirmar que surge aqui a arquitectura paisagística.

“Com a colaboração dos agrónomos, nascia assim a arquitectura paisagística que, nesta época, pouco deve à multissecular arte dos jardins eruditos ou populares.”(Silva, 2006, p. 130)

Os elementos vegetais são pensados e introduzidos nas ruas largas, nos passeios e criam-se espaços verdes, jardins, com a função de ajudar a manter a cidade limpa.

O plano das Avenidas Novas visava posteriormente a venda dos lotes organizados nos novos quarteirões, deixando a sua edificação a cargo de iniciativas privadas. No caso de Paris, o plano definiu normas relativamente aos edifícios que iriam ser construídos, dotando a cidade de uma arquitectura uniformizada, criando uma imagem de força da capital francesa. No caso de Lisboa, o plano das Avenidas Novas não definiu as regras em relação à construção, tornando a nova imagem da cidade fraca e fragmentada. Ressano Garcia tinha noção da importância da iniciativa privada como operação financiadora do plano implantado: eram necessários fundos que seriam suportados com as expropriações e urbanizações planeadas.

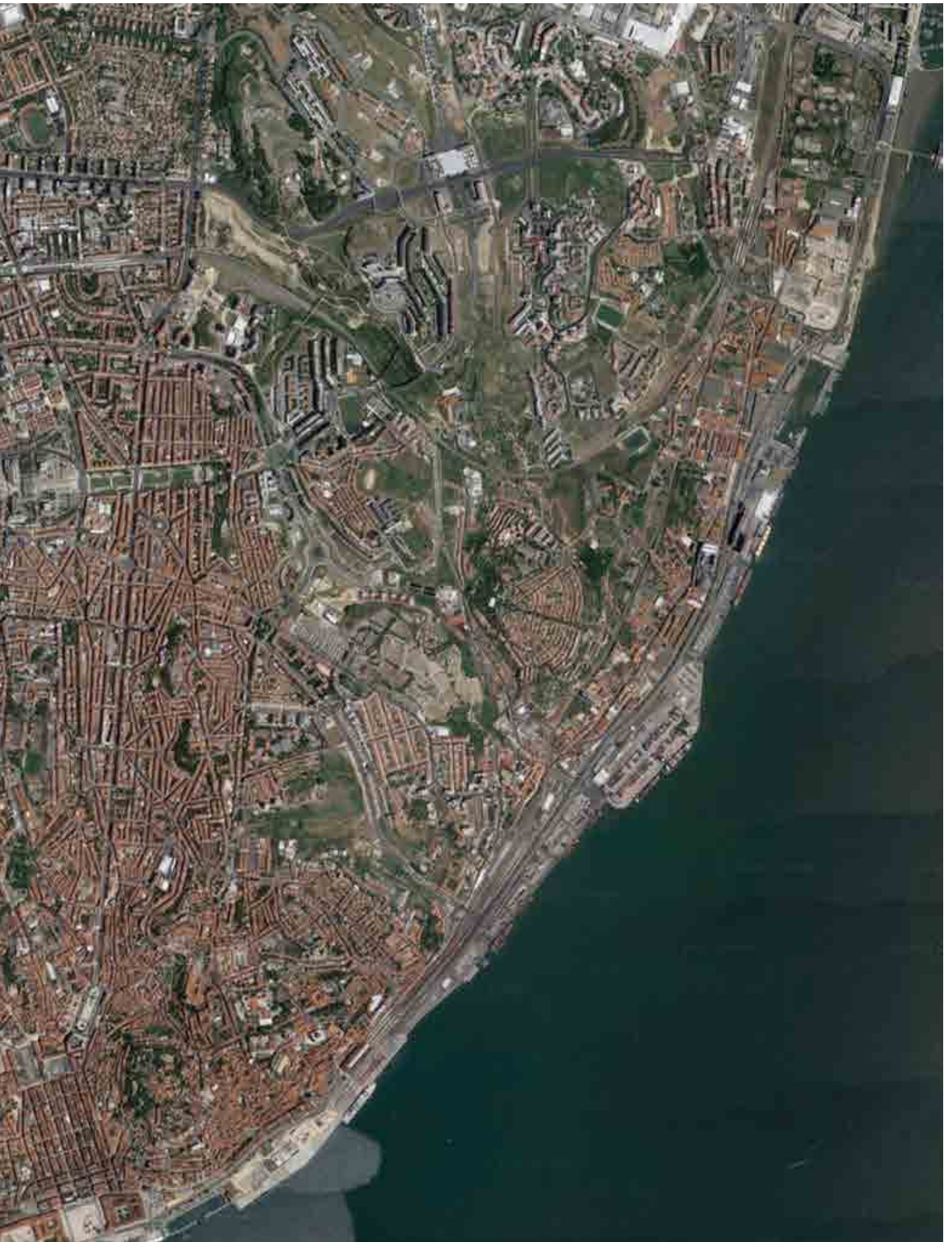
“(...) precisava de dinheiro e contava recebe-lo rapidamente com a venda dos terrenos e os impostos sobre as construções”(França, 1989, p.14)

Contudo, a falta de controlo e dos regulamentos em relação à construção provocou um surto de construção descontrolado, reflectindo uma oposição entre o plano e os edifícios que estavam a ser construídos.

Para além da intervenção no sistema viário, era necessário dar resposta urgente ao crescimento demográfico que se fazia sentir. Entre 1864 e 1920, a população portuguesa aumentou cerca de 45%, verificando-se que Lisboa foi a cidade que mais sofreu com o aumento da população residente, passando de 163 763 habitantes em 1864 para 484 664 em 1920 (França, 1980, p. 93)



Fig 7
Mapa google earth 2017



3.1.3 Contexto urbano da freguesia das Avenidas Novas

Enquadramento histórico e geográfico

Lisboa é a capital de Portugal situando-se na zona centro do país. Estando próxima do Oceano Atlântico, é delimitada a oeste pelos concelhos de Oeiras e Amadora, a este e sul pelo Rio Tejo e a norte pelos concelhos de Odivelas e Loures.

A cidade de Lisboa estende-se por uma área de cerca 100 km², segundo o Instituto Geográfico Português e com uma população de 547 773 habitantes, segundo os Censos de 2011. A sua localização no país é estratégica, pois ao situar-se na foz do Rio Tejo, a maior da Península Ibérica, consegue ter um porto natural, reforçando o comércio entre Portugal e o resto do Mundo, não esquecendo que foi aqui que as naus e caravelas partiram na época dos descobrimentos.

“ O sítio, protegido do oceano mas a ele ligado por águas tranquilas, com montes e vales férteis sob um clima ameno, naturalmente atraiu populações que sucessivamente invadiram e ocuparam o território extremo da península da “Hispania”. “ (França, 1980, p. 9)

Lisboa conta com um clima temperado, com invernos curtos e verões longos e quentes. As tardes quentes convidam para um agradável passeio junto ao rio, ou a usufruir das diversas esplanadas e miradouros espalhados pela cidade.

O concelho de Lisboa está dividido em 53 freguesias, das quais faz parte a freguesia das Avenidas Novas, que após a agregação das freguesias ordenada pelo estado português juntou a freguesia de Nossa Sr^a de Fátima e São Sebastião da Pedreira, que se localizam na zona norte da cidade.

A freguesia é limitada a Norte pela Avenida das Forças Armadas, a Este pela Avenida da República, Rua Entrecampos, Rua Arco do Cego, Rua D^a Filipa de Vilhena, a Sul pela Avenida Duque de Ávila, Praça Duque de Saldanha, Avenida Fontes Pereira de Melo, Praça Marquês de Pombal e a Oeste pela Avenida Rua Artilharia 1, Rua Marquês de Fronteira, Rua Dr^o Júlio Dantas, Praça de Espanha, Avenida dos Combatentes e Estrada das Laranjeiras. Podemos também dizer que nesta freguesia se localizam sucursais e sedes das mais importantes entidades e instituições, como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, o Hospital Curry Cabral, o Banco Português de Negócios, a Casa da Moeda e muitas outras.

Como a localização da freguesia está muito perto do centro da cidade, esta encontra-se muito bem servida por uma rede de transportes rodo e ferroviários, de companhias como Comboios de Portugal, Metro de Lisboa, Carris, Táxis de Lisboa entre outras empresas. Além dos diversos tipos de transportes públicos, existe uma forte presença de transportes individuais. O nome da freguesia surgiu pela designação dada ao plano de expansão urbana para norte da cidade de Lisboa. Acabaram por surgir novos bairros com moradias unifamiliares e imóveis de rendimento ocupados pela classe média e alta. Como já foi dito anteriormente, o plano de expansão a cargo de Ressano Garcia, tem como influência os conceitos de Haussmann, logo esta freguesia é dotada de avenidas largas e espaços verdes.

Análise urbana

O concelho de Lisboa tem vindo a perder população ao longo dos últimos anos, mas os concelhos limítrofes têm visto a sua população a aumentar. Podemos afirmar que tem havido uma deslocação da população para a periferia, possivelmente devido ao custo de vida mais baixo. Depois de uma análise entre 1991 até 2011, observa-se que apenas 4 das 53 freguesias obtiveram uma variação positiva da população residente, como Carnide com 58%, Lumiar com 16%, Ameixoeira com 12% e Charneca com 4%. Curiosamente estas freguesias localizam-se na periferia da cidade, no entanto as freguesias centrais e mais antigas apresentam uma variação negativa.

A cidade de Lisboa pode ser caracterizada por duas realidades distintas e completamente opostas. Por um lado, temos o centro da cidade que tem um elevado valor arquitectónico e um novo perfil de novos residentes. Na Baixa, os edifícios pombalinos e habitações vazias têm dado lugar a condomínios fechados com vista sobre o Rio Tejo, tornando esta zona cara e atractiva para novos residentes que valorizam o ambiente urbano das cidades. Assistimos a um processo de gentrificação do centro da cidade em que os residentes mais antigos são confrontados com uma nova elite social. Este processo é dinamizador



Fig 8
Mapa de população residente



Fig 9
Mapa de população idosa



Fig 10
Mapa de alojamentos

pois ajuda na recuperação das zonas degradadas no centro de Lisboa.

Apesar dos últimos dados apontarem para um crescimento positivo dos habitantes no centro da cidade e para uma mudança de novos residentes para os bairros tradicionais das zonas históricas, não podemos esquecer que um grande número de pessoas residentes no centro da cidade são população idosa. Esta parte da população é formada por residentes de longa data que, neste momento, sobrevivem com pensões ou recursos económicos muito reduzidos. Devido à sua situação económica, muitos idosos vivem em habitações degradadas, sem possibilidades de se mudarem para uma habitação que lhes proporcione melhores condições de vida.

Somos assim confrontados com duas realidades no centro de Lisboa: uma com um centro da cidade rico e atractivo para a população de elevado poder económico e turistas e outra com um centro da cidade em declínio, com habitações degradadas e uma população envelhecida e com poucas posses económicas.

Como a agregação das freguesias é relativamente recente, os dados disponibilizados não seriam concretos, daí optar-se por usar os dados da freguesia de Nossa Sr^a de Fátima, para se conseguir dar uma percepção mais real da situação do local de estudo (que era abrangido por essa antiga freguesia).

Tecido Urbano

Cheios e vazios

Quando se faz a análise da freguesia das Avenidas Novas a nível de cheios e vazios, verifica-se que existe alguma dispersão. Aqui já encontramos um índice de construção elevado mas a sua ocupação no território esta limitada pela forma do quarteirão, o que possibilita as grandes avenidas presentes no local de estudo.

Como já foi mencionado anteriormente, a linha do comboio causa uma quebra no território, onde podemos verificar que na zona sul, identificamos claramente o Campo Pequeno, a Fundação Calouste Gulbenkian e o Hospital Curry Cabral, bem como a malha das avenidas novas. Nesta zona da freguesia, o único local que não se encontra definido são os terrenos junto a linha do comboio e ao Hospital.

Na zona norte verifica-se que o Bairro do Rego é a única zona que se encontra definida, com uma forma de quarteirão, mas que se encontra disposta numa disposição mais orgânica. O resto do território encontra-se maioritariamente vazio (quarteirão da antiga Feira Popular) ou desorganizado (terrenos que se encontram junto à linha do comboio).

A introdução de infraestruturas na cidade, claramente beneficia a cidade, mas a nível de território provoca uma quebra e uma barreira em relação à malha consolidada.

Vias

A freguesia das Avenidas Novas, alberga algumas das mais importantes avenidas de Lisboa, como o caso da Avenida da República, a Avenida 5 de Outubro, a Avenida de Berna, a Avenida das Forças Armadas, a Avenida Duque de Valbom, entre outras.

Edificado e Número de pisos

Numa primeira leitura verifica-se uma grande densidade, com edifícios de oito pisos e mais. Analisando esta área com mais atenção, nos quarteirões adjacentes à Avenida da República, verifica-se que os edifícios de maior altura foram os últimos a serem construídos (por demolição e substituição dos antigos), e de acordo com a foto aérea, observa-se uma grande diferença de cércias, entre os antigos e os novos, resultado da rentabilização do solo. Outra questão interessante a ser analisada é a proximidade a eixos viários importantes e de grande fluxo, por exemplo a Avenida dos Combatentes e a Avenida das Forças Armadas, onde se encontram os edifícios maiores.

Áreas verdes

Ao longo da freguesia podemos encontrar alguns espaços verdes públicos como o caso do Parque Eduardo VII, o Jardim Amália, a Praça de Espanha, o Jardim de Campo Grande, entre outros e alguns privados como a jardim da Fundação Calouste Gulbenkian. Todos os espaços verdes foram planeados e desenhados de forma a estarem integrados na cidade e para que as pessoas possam usufruir deles. A dimensão destes espaços verdes também vem ajudar a cidade a manter um equilíbrio na salubridade

do terreno, pois sem eles, todo o território seria construído. Uma das preocupações de Ressano Garcia ao desenhar as Avenidas Novas foi a implantação de espaços verdes no plano e árvores nas ruas. Ao introduzir vegetação na cidade, a qualidade de vida na cidade melhoraria, e ao mesmo tempo tornar-se-ia mais agradável para passear e ser desfrutada.

No caso dos logradouros dos quarteirões, inicialmente seriam para criar jardins privados para os moradores dos mesmos, mas como o passar dos anos, estes começaram a ser invadidos por anexos ou ampliações das superfícies comerciais existentes no piso 0, o que contribuiu para a diminuição da salubridade do território.

A paisagem de Lisboa também se distingue pelos diferentes tipos de flora que uma pessoa vai encontrando ao longo da cidade, não podemos esquecer que durante a época dos Descobrimentos muitas árvores não naturais da nossa flora foram introduzidas em Portugal, como é o caso do jacarandá e das palmeiras, que são das árvores que se encontram com mais predominância.

Ruído

De uma análise do mapa de ruído, constata-se que a principal fonte de ruído está associada ao tráfego rodoviário. Este depende de vários factores como, número de vias, fluxo viário, sentido das vias, distância das vias às fachadas, entre outros. Isto é visível ao longo das vias principais cujo ruído vai reduzindo no interior dos quarteirões pelas barreiras do edificado e ruas de tráfego reduzido. Temos que considerar que ao longo do tempo este mapa vai ficando desactualizado, pois a cidade está em constante mutação, onde novos elementos de protecção podem aparecer ou desaparecer, formarem-se e densificarem-se, mudança de sentido viário, mudança de pavimento entre outros.

Outro dos factores que ajuda a que esta zona acabe por sofrer de mais ruído será o cone de aproximação ao aeroporto, que se situa por cima da freguesia em análise. Temos o exemplo positivo da Fundação Calouste Gulbenkian, que se encontra circunscrita por elementos de protecção sonora como árvores e muros, de forma a criar um ambiente artificial de paz e calma no centro da cidade.

Demografia

A antiga freguesia de Nossa Sr^a de Fátima tem cerca de 2 km² de área, com uma população residente de 15283 habitantes, dos quais 6692 homens e 8591 mulheres, segundo os censos de 2011, onde a idade média da população é entre os 45 e os 50 anos de idade, com um número de famílias de 7081.

Como a freguesia está próxima do centro da cidade, e das características que tornam esta freguesia apelativa devido as condições que oferece, desde transportes públicos e às principais avenidas de Lisboa e à implantação de sedes de grandes empresas, somos confrontados com uma freguesia que é caracterizada por uma população flutuante, ou seja durante o dia temos um movimento frenético, devido às pessoas que se deslocam para o trabalho nesta zona, ou para zonas comerciais, mas a população que realmente reside nesta freguesia é mínima, em que grande parte dela é idosa e são habitantes de longa data. A parte da população jovem que se encontra na freguesia são estudantes que habitam durante o tempo da formação superior e depois voltam às suas cidades de origem. Temos assim duas realidades dentro desta freguesia muito semelhantes ao centro de Lisboa: durante o dia uma freguesia bastante movimentada por pessoas não residentes e à noite uma freguesia desértica com uma população idosa.

Pudemos confirmar que desde 2001 até 2011 houve uma diminuição no índice de envelhecimento de 269 idosos por cada 100 jovens para 220 idosos por cada 100 jovens. Mesmo assim a freguesia encontra-se numa situação crítica, em que o número de idosos é mais do dobro dos jovens. Apesar da freguesia sofrer um aumento de 12% da população residente entre os 0 e os 14 anos, esta classe não se encontra dentro da população activa, ou seja temos uma freguesia onde a maioria das pessoas que trabalham nesta freguesia são residentes de outras freguesias ou concelhos.

Uma das realidades em Lisboa, é que ainda existe abandono escolar, apesar deste problema ter vindo a diminuir nos últimos anos, mas temos que ter em conta que o mercado de trabalho exige cada vez mais qualificações que só são possíveis de obter com determinados níveis de escolaridade. No caso da freguesia de Nossa Sr^a de Fátima, esta conseguiu praticamente anular esta taxa, que em 1991 estava em 5.78% passando para 0.82% em 2001; no entanto a taxa de analfabetismo aumentou de 3.78% em 1991 para 4.13% em 2001. Podemos deduzir que esta última taxa aumentou devido à diminuição da população jovem residente, ficando uma população idosa residente. Assim, logicamente a taxa de analfabetismo aumenta onde a taxa de população idosa também aumenta, sendo também de ter em consideração que a população idosa dificilmente muda de habitação, enquanto os jovens transitam facilmente para outras

freguesias.

A freguesia em análise, tem extremos contraditórios: por um lado a taxa de analfabetismo aumentou nos últimos 10 anos, mas por outro lado é uma das freguesias com maior número de licenciados residentes, onde muitos estudantes procuram habitação devido à proximidade com a Cidade Universitária e com o Instituto Superior Técnico de Lisboa.



3.2 Programa



3.2.1 Analisar para resolver

O território de estudo para Projecto Final de Mestrado situa-se em Lisboa, e desde o início que foi realizada a sua análise em diferentes escalas. Através dela começou-se a conhecer melhor o território e a perceber o local da intervenção, neste caso a freguesia das Avenidas Novas e a cidade de Lisboa.

Perante a análise efectuada, é possível perceber que nos encontramos num ambiente urbano, completamente transformado pelo homem.

Nesta zona, temos um sistema viário bastante complexo, onde o carro tem mais destaque que o peão, pois os perfis viários encontram-se sem escala humana, com a maioria dos edifícios acima dos 5 pisos, o que cria um limite vertical entre espaço público e espaço privado. Observa-se assim a imagem típica de uma grande cidade em que o peão se encontra fora de escala.

A área de estudo encontra-se dividida em duas zonas, a zona norte e a zona sul. O que causa esta divisão do território é a linha de comboio, que criou não só uma enorme quebra física como também social.

Na zona sul encontramos os edifícios mais altos, mais comércio, edifícios culturais e algumas das empresas mais importantes a nível nacional. Também é possível referir que nesta zona se encontra a população mais jovem. No entanto na zona norte o edificado encontra-se numa média de 5 pisos e é praticamente para habitação pois o comércio é escasso e a maior parte da população é idosa.

A linha do comboio não é o único elemento que ajuda a diferenciar estas duas zonas. A topografia é um elemento que diferencia claramente o território, pois na zona sul este é mais plano e fácil de caminhar e o edificado adopta uma forma mais regular, no entanto a zona norte encontra-se numa zona mais irregular, onde é fácil de perceber pela malha do edificado que adopta uma forma mais orgânica.

Depois da análise urbana feita é fácil perceber que é necessário voltar a reunir o território, pois neste momento apresenta duas realidades completamente diferentes. É possível observar que para os peões foi construída uma ponte aérea sobre a linha do comboio que não transmite segurança para os peões, enquanto que para o carro foi construído um túnel que passa por debaixo da linha do comboio, mas que não pode ser usado pelos peões. Cria-se assim uma dinâmica secundária para os peões.

Aparentemente, neste tipo de território central não existem espaços vazios, mas após algumas visitas ao território conhece-se a perceber que os terrenos na periferia da linha do comboio estão vazios. Claramente a infraestrutura é um contra-senso, pois é um incómodo para a cidade, mas é um instrumento útil para as pessoas que vivem nos subúrbios e precisam do comboio para se deslocar. Outro espaço a destacar é o antigo terreno da feira popular que se encontra vazio. Quando se começa a juntar todos os terrenos que se encontram vazios, começamos a perceber que nas avenidas principais houve preocupação com a construção, mas que nos quarteirões mais interiores e terrenos próximos da linha do comboio isso foi em parte esquecido.

Apesar desta zona da cidade ter tido um plano que definiu a sua malha urbana, muitas das ruas acabaram por ser adaptadas às novas necessidades, o que alterou completamente a imagem inicial do plano das Avenidas Novas.

Não se pode afirmar que existe um vazio urbano no local de intervenção, mas sim falta de ordenamento do território e perceber a sua lógica e funcionamento.

É fácil começar a perceber que esta zona de Lisboa é uma freguesia de travessia e de população flutuante, ou seja, durante o dia temos imenso tráfego pedonal e automóvel, claramente devido à quantidade de empresas, universidades e edifícios culturais aqui situados, mas no final do dia e à noite é o oposto, um espaço praticamente vazio, onde os habitantes são poucos. Esta dinâmica na freguesia deve-se ao facto de as habitações estarem numa zona apetecível mas serem bastante caras para as possibilidades económicas das famílias, o que leva as pessoas a não se fixem nesta zona.

A zona de intervenção assume-se ainda com características específicas de uma paisagem urbana, mencionadas anteriormente por Relph. É uma zona de novas construções e que ignora as suas pré-existências, tanto em relação ao tamanho dos edifícios como à utilização dos materiais. O excessivo uso de sinais eléctricos, parques de estacionamento, comboio e outras infraestruturas causam um nível de ruído muito

alto. Todos estes factores reforçam a desorganização e caos deste espaço.

É fácil concluir que este território, apesar de parecer organizado, tem bastantes problemas a nível físico e sociais.

Assim, os problemas físicos representam pontos conflituosos entre as diferentes cotas, como foi dito anteriormente, criando-se duas zonas distintas e onde se detecta a existência da dificuldade que os peões têm para atravessar de uma zona para a outra, devido às infra-estruturas presentes.

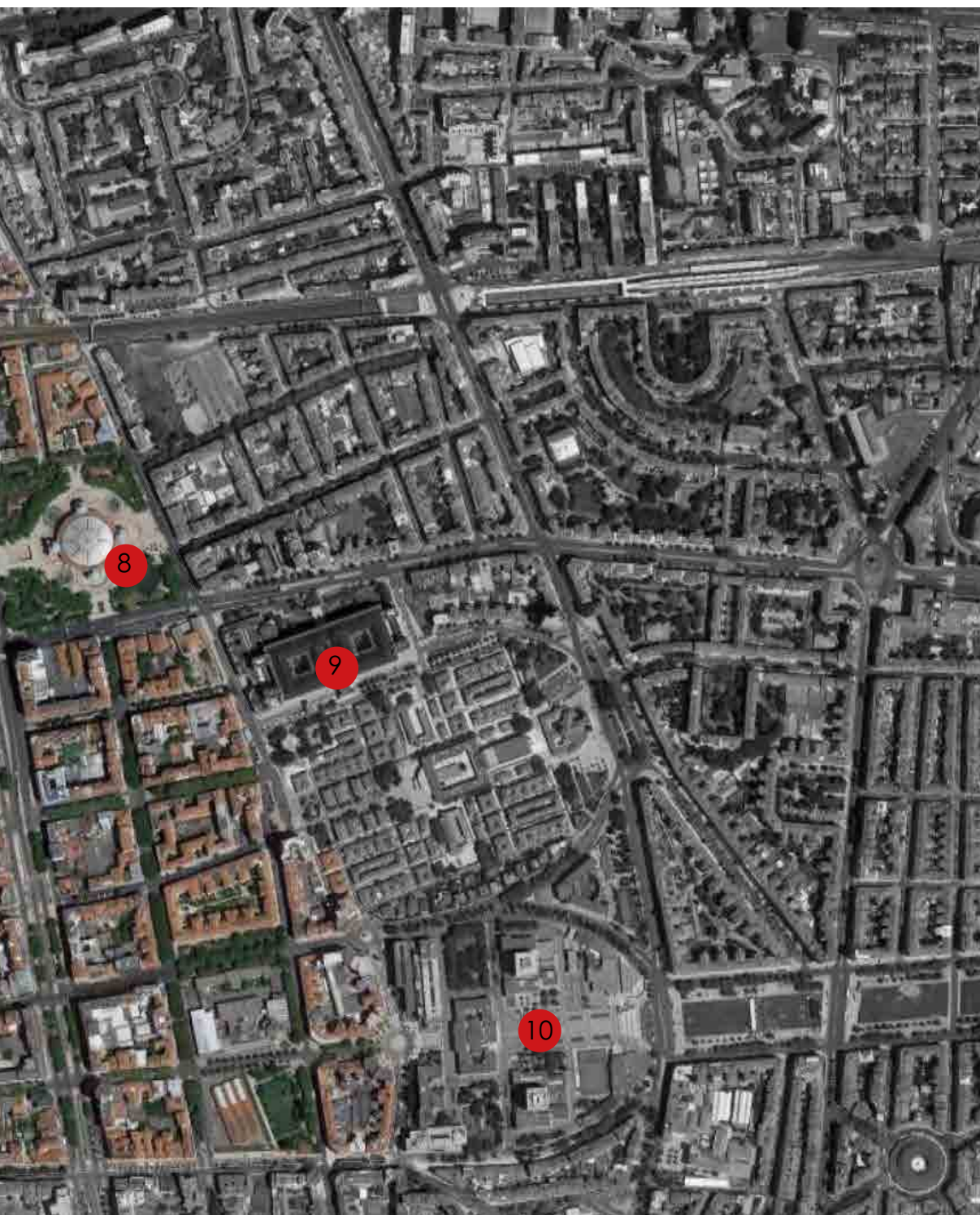
Por outro lado, temos os aspectos sociais, em que é possível verificar uma distinta divisão de classes etárias e sociais. Na zona norte encontramos a população mais idosa e com menos poder económico. É também possível afirmar que a existência de um bairro social nas proximidades ajuda a que esta zona se torne menos apetecível por causar uma sensação de insegurança. No entanto na zona sul encontramos uma população mais jovem, talvez por conseguir suportar os custos associados a viver nesta zona.

Conclui-se que toda a área de intervenção não está pensada para as pessoas com mobilidade condicionada. O espaço público possui uma forma desorganizada e os elementos que o constituem não foram pensados para os utilizadores com dificuldades de mobilidade. Esta zona da cidade é apenas pensada para o automóvel, pois não possui as condições necessárias para a mobilidade do peão, mesmo sem dificuldades de locomoção.

Perante todas as condicionantes e conflitos captados nesta fase de análise, é necessário pensar em respostas e soluções. É importante pensar na configuração de todo o espaço e como este vai influenciar as diferentes relações com a envolvente.

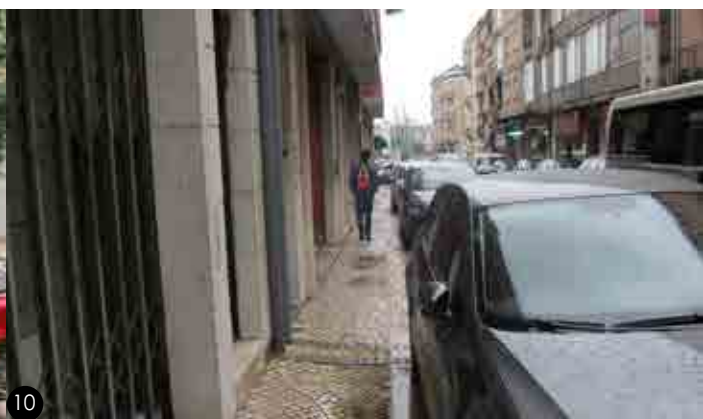


Fig 12
Vista aérea google earth 2017



- 1- Praça de Espanha
- 2- Fundação Calouste Gulbenkian
- 3- Hospital Curry Cabral
- 4- MEO
- 5- Estação de Entre Campos
- 6- Feira Popular
- 7- Campo Grande
- 8- Campo Pequeno
- 9- Casa da Moeda
- 10- Instituto Superior Técnico





1- Fig 13
Fotografia de autor

2- Fig 14
Fotografia de autor

3- Fig 15
Fotografia de autor

4- Fig 16
Fotografia de autor

5- Fig 17
Fotografia de autor

6- Fig 18
Fotografia de autor

7- Fig 19
Fotografia de autor

8- Fig 20
Fotografia de autor



9- Fig 21
Fotografia de autor

10- Fig 22
Fotografia de autor

11- Fig 23
Fotografia de autor

12- Fig 24
Fotografia de autor

13- Fig 25
Fotografia de autor

14- Fig 26
Fotografia de autor

15- Fig 27
Fotografia de autor

16- Fig 28
Fotografia de autor

3.2.2 Compreender e DIALOGAR com a envolvente

Quando se começa a pensar num projecto para um determinado local, primeiro é necessário entendê-lo e absorver as suas características para que a proposta se enquadre e respeite a envolvente.

No caso do local de intervenção, como é um território bastante complexo, a proposta precisa de aceitar toda a confusão que lhe é associada.

Para se conseguir que um espaço seja integrante não basta adicionar elementos, é preciso ter em conta todo o local e as suas características e perceber o que se deve fazer:

"quando faço um edifício, um grande ou pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente" (Zumthor, 2006, p.65)

Para que um espaço resulte precisa de equilíbrio e escala. Neste caso, opta-se por um processo de libertar espaço, permitir que este respire e ao mesmo tempo dignificar a envolvente com uma nova frente urbana que não seja edificado, e desta forma criar espaço para as pessoas poderem circular livremente.

A integração de um espaço não é possível sem considerar a influência daquilo que o rodeia. A integração dos edifícios propostos deriva de uma análise à malha urbana da cidade. Desta forma é possível perceber como se devem integrar os edifícios e os espaços públicos. Desta forma a proposta enquadra-se com vários elementos da envolvente que passavam despercebidos ou simplesmente eram ignorados.

Neste caso, optou-se por uma proposta com uma escala gigantesca e que irá ter uma presença muito grande na cidade. Mas apesar da escala da proposta, esta respeita as cêrceas envolventes, a topografia e as regras que estão associadas à zona escolhida. Além dos elementos referidos, a proposta consegue retomar a ligação do território que tinha sido perdida há muito tempo.

A proposta implanta-se de uma forma diferente do restante edificado e assume a sua presença e carácter, mas consegue transformar o espaço tornando-o útil, agradável, vivo e acessível aos diferentes utilizadores.

É possível concluir que a abordagem desta proposta apesar de utilizar elementos que são reconhecidos pelo homem, não estão usados de forma tradicional, o que lhe confere um aspecto totalmente diferente. Marca a sua presença e contraria o que se passa actualmente na zona.

"cada edifício é construído com um determinado objectivo, num determinado lugar e para uma determinada sociedade." (Zumthor, 2005, p.24)

A proposta não procura apenas integrar-se a si própria, mas também aos espaços que a rodeiam, os elementos que fazem parte da envolvente e que não são ignorados. Pretende criar uma relação com as duas zonas do território e ajudar a aceitar a linha do comboio.

Neste caso é possível incorporar características físicas próprias do local através da configuração do edifício, como a topografia e as cêrceas do edificado existente, à semelhança do que acontece na escala urbana, como no caso da nova praça na Avenida de Berna. Não se pretende que a proposta se dilua com a envolvente, pretende-se que assuma a sua escala e ao mesmo tempo a sua simplicidade, pois para que seja uma peça integrada, não tem necessariamente que ser igual ao que a rodeia, mas tem que respeitar a envolvente e estabelecer uma boa relação com ela.

Pretende-se que tanto a proposta como a envolvente, se tornem inseparáveis, para que quando seja retirada alguma parte, se note a sua ausência. Por outro lado, espera-se que esta proposta seja aceite e se torne um espaço vivo e desejável.

3.2.3 Ponto de partida

O início desta proposta começa com o desejo de voltar a reunir o território entre as duas zonas separadas e criar um percurso verde interior na cidade, que as pessoas possam usufruir. Desta forma passaria a ser possível haver maior permeabilidade pedonal entre as duas zonas e uma estratégia pedonal para esta zona da cidade, unindo a Avenida da Liberdade até ao Jardim do Campo Grande.

Para se conseguir a reunião do território foi necessário identificar o ponto certo para o fazer.

Neste caso, é possível ver que o PDM de Lisboa tem grandes zonas que precisam de reordenamento de território como é o caso da Universidade Nova de Lisboa, onde se inclui o complexo do Hospital Curry Cabral, em que muito do edificado não se encontra a funcionar e está num estado de degradação avançado.

Com a análise anteriormente feita sobre os terrenos que se encontram vazios, detectou-se a possibilidade de criar uma ponte entre as duas margens da linha do comboio. Desta forma, é possível voltar a abrir esta zona ao público, sendo o ponto ideal para a inserção da proposta que voltará a unir o território.

Esta localização têm outras vantagens pois a sua localização próxima à Fundação Calouste Gulbenkian permite que agora as pessoas que habitam na zona norte tenham outras vivências e melhoram a proximidade com a fundação. Consegue-se ainda reforçar a ligação com a cidade em geral.

Está prevista a transferência da FCSH da Universidade Nova de Lisboa para outra zona da cidade, bem como a desactivação parcial do Hospital Curry Cabral. Por isso, será uma oportunidade para reformular esta zona da Avenida de Berna.

Como a Fundação Calouste Gulbenkian é um equipamento importante na cidade, este está rodeado de vegetação que cria um limite físico mas translúcido no perímetro da sua propriedade. Desta forma as pessoas conseguem sempre aperceber-se do edifício no meio da vegetação. Com a mesma intenção pretende-se dar uma nova imagem à Avenida de Berna, em que se cria uma frente urbana com vegetação. Assim, é possível dignificar o espaço público e dar novas sensações aos peões.

A proposta urbana para esta zona tem três fases. A primeira já referida anteriormente é o reordenamento da frente urbana da Avenida de Berna, com a inserção de edifícios de habitação, colocados perpendicularmente à avenida, de forma a dar permeabilidade visual para os edifícios do Hospital Curry Cabral que serão mantidos. Outra parte desta mesma fase é a criação de uma praça pública associada ao edifício que vai unir o território e permitir a passagem pedonal entre as duas zonas.

Como esta zona da cidade está muito bem servida a nível de acessos, como o eixo norte-sul, o metro, a proximidade com o aeroporto e outros transportes públicos bem como privados, a escolha do programa para este edifício foi intuitiva. Sendo assim, será uma oportunidade para a criação de um centro de congressos e hotel.

Uma segunda fase da proposta urbana propõe o arranjo da margem norte da linha do comboio. Desta forma pretende-se também criar uma ligação ao terreno devoluto da Feira Popular. Neste vazio urbano pretende-se que apareçam edifícios de habitação no limite do terreno e deixando o interior vazio para a implementação de um parque urbano que fará a ligação com o jardim do Campo Grande. A terceira e última fase localiza-se na zona norte, nos terrenos da EPUL junto à Av. das Forças Armadas, onde se pretende construir um espaço público agradável, relacionado com os edifícios de habitação já existentes.

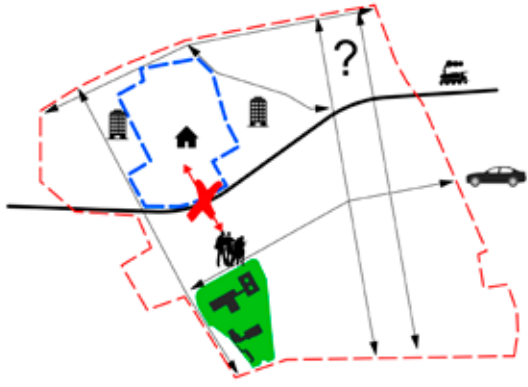


fig 29
esquema 1

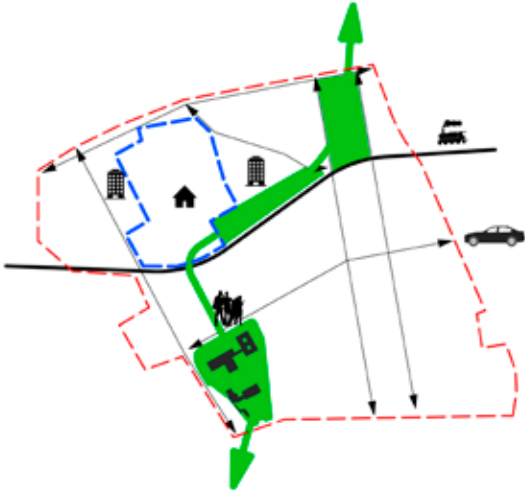


fig 30
esquema 2

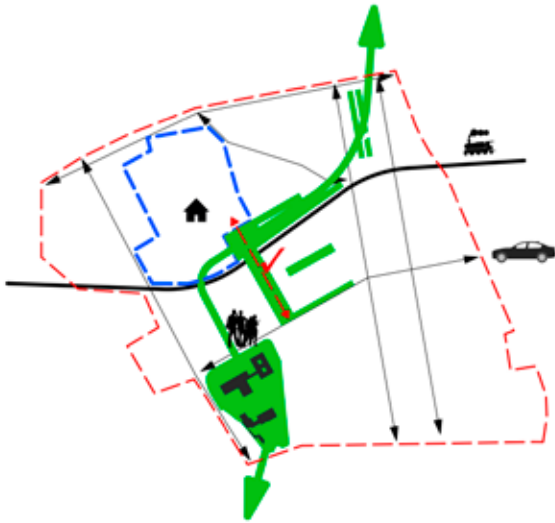


fig 31
esquema 3

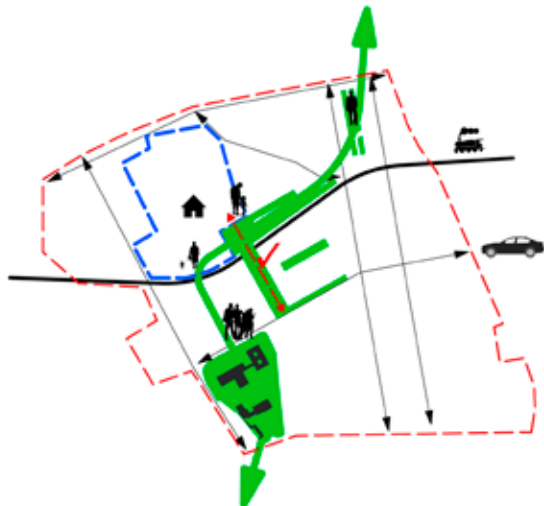


fig 32
esquema 4

3.2.3 Construir como continuidade do território

Após a análise do território e definida a estratégia para esta zona da cidade, inicia-se o desenvolvimento do Centro de Congressos e do Hotel.

O objectivo da implantação deste programa nesta zona da cidade, inicialmente surgiu através de motivações políticas. Já há algum tempo que se fala de um novo centro de congressos em Lisboa. A localização na Avenida de Berna, uma das principais de Lisboa, a proximidade com o aeroporto e o eixo norte-sul e os transportes públicos fazem desta localização o local ideal para a implantação deste programa. Apesar de esta zona estar muito bem servida de serviços de hotelaria, neste caso é necessário que o programa de um hotel acompanhe o centro de congressos devido à sua proximidade e complemento funcional.

Surge assim a oportunidade de estudar e perceber como funciona um edifício com diferentes dinâmicas e que ao mesmo tempo consiga permitir a travessia pedonal entre a zona norte e a zona sul, resolvendo assim este problema.

Numa primeira fase foi necessária a reorganização da malha viária e perceber como esta se organiza em Lisboa. Procurar e identificar os elementos que lhe pertencem como os cruzamentos e os que não lhe pertencem como as rotundas. A partir daqui é possível definir os novos traçados das ruas pois o plano das Avenidas Novas de Ressano Garcia ajuda a conseguir-se um traçado ortogonal, simplificando os circuitos.

Quando se iniciou esta proposta, sempre se colocou em causa a forma como esta deveria sobrepor-se à linha de comboio, onde seriam os percursos privados e os percursos públicos. Começou-se a perceber que a dinâmica do edifício não se cingiria restritamente ao seu programa, mas que também funcionaria como uma ponte. É neste ponto que é necessário encontrar o equilíbrio dos diferentes espaços.

Esta estratégia de unir o território já é praticada há muito tempo, como o caso da Ponte Vecchio, sobre o Rio Arno em Florença, Itália. É uma ponte com construção no seu tabuleiro, o que se torna numa zona comercial sobre o rio (Fig.33).

Como as cotas topográficas das duas zonas são bastante diferentes, existindo uma diferença de 17 metros, foi necessário encontrar uma forma que se ajustasse a estas diferenças e que permitisse manter uma distância de 7 metros em relação à linha de comboio e evitar construir sobre o túnel que faz a ligação automóvel entre a zona norte e zona sul que passa por baixo da linha do comboio, tudo isto sem que o novo edifício-ponte se destaque em relação às cêrceas dos edifícios da envolvente.

Neste caso assume-se a avenida de Berna como cota zero e o ponto mais alto do Bairro do Rêgo, situado na zona norte, como a cota mais alta.

Como um dos problemas do Bairro do Rêgo é a falta de um espaço que permita o convívio e lazer entre os habitantes, surgiu aqui uma oportunidade de o criar. Mas como o território está todo construído, é necessário criá-lo. Assim assume-se que a cota mais alta do projecto será na zona norte e deste modo é possível criar uma plataforma para se implantar o novo espaço público necessário para este Bairro.

Começa-se a perceber que existem uma data de condicionantes que implicam uma consciência crítica para se conseguir construir uma proposta.

Como se pretende apresentar um Centro de Congressos, pressupõe-se que é um edifício de dimensões gigantescas e que irá ter destaque na planta da cidade, como é o caso desta proposta. Além de exigir um programa complexo, esta forma surge através dos edifícios da envolvente.

Procura-se assim um modo de conciliar as várias condicionantes antes referidas, com as necessidades da população e a exigência do programa. Como já foi referido anteriormente, parte deste plano de um novo corredor verde em Lisboa, pretende dar uma nova frente urbana à Avenida de Berna e conseguir criar um espaço digno para os peões.

Este espaço procura ter uma grande dinâmica social, o que pressupõe bastantes pessoas a usufruir do mesmo, logo necessita de alguma área para conseguir dar conforto às pessoas. É possível perceber a ideia dos diversos espaços que vão surgir através da proposta Centro Cultural Luz de



fig 33
Ponte vecchio



fig 34
Centro cultural Luz, São Paulo, Herzog e De Meuron

Herzog & De Meuron (Fig. 34). O conceito do edifício prevê um centro cultural aberto, um centro público, percorrido por programas diferentes onde é permitida a visibilidade entre as diversas atividades e interagir entre elas. O edifício é composto por faixas horizontais cruzadas, como as ruas da cidade. Desta forma pretende-se criar interações dinâmicas e diversificadas entre os espaços de performance, as escolas, e os outros programas. O edifício tem um conjunto variado de programas e nos espaços exteriores, consegue-se ter árvores, contacto direto com luz e verde.

O facto de se criar uma praça junto à Avenida de Berna ajuda a criar espaço livre no perímetro do Centro de Congressos que, devido à sua dimensão, necessita de espaço para respirar e envolver-se na dinâmica da praça.

Este espaço tem como referência a praça que antecede o Centro George Pompidou, em Paris, de Renzo Piano. Sendo Paris uma cidade que também se encontra organizada em quarteirões, em que o edificado ocupa o perímetro dos mesmos, neste caso francês optou-se por deixar um vazio na cidade de forma a criar um local de encontro e lazer. Este espaço além de ser um ótimo espaço público, tem a capacidade de conseguir absorver a complexidade do Centro George Pompidou. Ou seja, o facto de haver este vazio, permite às pessoas conseguir perceber a arquitectura enquanto usufruem de um espaço público (Fig. 35).

Como parte do programa do centro de congressos introduziu-se uma rua, que permita o uso público e a travessia entre norte e sul.

De modo a criar uma simetria no edifício, definiu-se que a rua irá atravessar no meio do edifício. Desta forma cria-se uma abertura que irá ter uma vertente pública, a rua, constituída por várias rampas de inclinação controlada e respectivas zonas de paragem devido às acessibilidades e mobilidade. Este gesto de "abrir" o edifício ao meio é possível observar no projecto de Dominique Perrault, EWHA Womans University, Coreia do Sul (Fig. 36). Aí foi criada uma rua que divide a universidade em dois volumes, mas desta forma consegue-se também a introdução de luz no interior do edifício.

O volume proposto procura uma relação com a envolvente, mas também apela a um relacionamento entre o interior e o exterior.

Durante a elaboração deste edifício pensou-se muito na relação que este iria ter com o exterior. Surgiu assim uma questão: pretende-se mostrar para o exterior aquilo que acontece no interior?

Esta relação interior e exterior é sempre feita através de grandes vãos, em que se procura a inexistência de elementos que bloqueiem esta relação. Procura-se conseguir dotar o edifício de permeabilidade visual com o exterior. Devido ao seu tamanho, foi necessária a implantação de pátios que ajudassem a trazer luz para o interior e que ao mesmo tempo fossem um pequeno oásis no interior do edifício. Desta forma consegue-se trazer o exterior para o interior e proporcionar um ambiente mais relaxante.

No interior, procurou-se que o centro de congressos tivesse uma componente pública e que apesar do seu programa direccionado para conferências, certas zonas pudessem ter uso público. Sendo assim, como uma das dificuldades da zona é o estacionamento automóvel, procura-se responder a essa carência, integrando dois pisos de estacionamento subterrâneo que não ter uso público. No total dos dois pisos encontram-se 392 estacionamentos dos quais 8 estão preparados para pessoas de mobilidade condicionada. (Fig. 39 e 40)

No piso zero (Fig. 41), onde se faz a entrada para o centro de congressos, é possível encontrar os espaços partilhados entre público e privado. Aqui encontram-se zonas de estar e lazer que são promovidas pelo contacto com o exterior através de grandes vãos que pretendem quebrar a noção de interior e exterior, onde é possível ver o movimento das ruas e a partir do exterior consegue-se ver o interior. Não se procura esconder a relação entre os dois espaços. Trabalham-se zonas com pé direito duplo e desta forma consegue-se perceber os ambientes e a forma como a luz entra e ilumina estes espaços. Encontramos vários tipos de mobiliário, que criam zonas de estar que permitem momentos de relaxamento, e outros que servem de apoio aos cinco restaurantes. Pretende-se que neste espaço haja bastante dinamismo e movimento.

Neste mesmo piso é possível encontrar o grande auditório. Este é um espaço que pretende ser polivalente, que pode servir para conferências ou espetáculos de dança, com capacidade para 1800 espectadores. É possível aceder a este auditório através do piso zero e através do piso um. Como este espaço é um grande vazio no meio do edifício, procura-se responder a diferentes questões com os diferentes acessos. É possível aceder através de uma escadaria monumental a partir dos espaços de lazer, que têm entradas ligadas directamente ao exterior.



fig 35
Centro George Pompidou, Paris, Renzo Piano



fig 36
Ewha womans university, Seoul, Dominique Perrault

Como este tipo de edifícios normalmente chama multidões para as diferentes actividades, pretende-se que os materiais a usar sejam resistentes.

Por isso escolhe-se uma imagem que represente a época da revolução industrial, onde se procura a imagem do betão, ferro, infra estruturas à vista e o uso de vários elementos mecânicos que facilitem a locomoção das pessoas dentro do edifício.

Como já foi referido, no piso um (Fig. 42) é possível aceder ao grande auditório e a uma zona de exposições que tem relação vertical com um dos espaços de estar no piso zero. O acesso ao piso dois (Fig.43) é feito através de escadas mecânicas, que penetram um buraco na laje e percorrem o pé direito duplo de um dos espaços de lazer do piso zero. Neste piso é possível encontrar as salas de reunião, os auditórios secundários e a biblioteca. É necessário perceber que se procurou sempre a relação com o exterior e trabalhar a luz de diferentes formas.

Apesar de aqui se começar a perceber que o edifício se encontra esventrado pela rua que o atravessa, associam-se os corredores de circulação à rua. Desta forma cria-se um dinamismo em que é possível percebermos que existe dois tipos de circulação em direcções diferentes. A rua tem uma direcção na diagonal enquanto no edifício se circular na horizontal. Aqui referem-se alguns dos momentos em que o edifício se mostra para o exterior e pretende fundir-se com ele.

Neste piso começamos a encontrar pátios que pretendem dar um ar mais orgânico ao edifício e ao mesmo tempo a possibilidade de entrada de luz. Aqui também é possível criar pequenas bolsas onde as pessoas podem "fugir" nos intervalos apenas para fumar um cigarro ou apenas apanhar ar fresco.

A nível programático encontram-se mais quatro auditórios de pequenas dimensões e salas de reuniões para encontros mais pequenos. Um dos grandes elementos deste piso é a biblioteca.

Esta parte do programa surge pela proximidade com a cidade universitária, e desta forma é possível atrair a população mais jovem para o edifício. Uma das vantagens deste espaço é que pode funcionar num horário mais prolongado, pois pode funcionar como uma zona independente do centro de congressos.

Como já foi referido anteriormente, o limite superior do centro de congressos seria a cota mais alta do terreno da zona norte, para se conseguir criar um espaço público digno para este bairro: à semelhança do gesto que foi criado em New York com o projecto do High Line de James Corner Field operations e Diller Scofidio + Renfro (Fig.37). Procurou-se utilizar uma infraestrutura abandonada no meio de Manhattan e reabilitá-la através de um projecto paisagístico. Desta forma foi possível introduzir um novo percurso na cidade e introduzir mais vegetação na cidade. Ao longo do percurso foram criados diversos espaços de lazer, convívio e observação com o objectivo das pessoas usufruírem deles e ao mesmo tempo poderem "afastar-se" um pouco da cidade.

É possível encontrar este conceito nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian. Este espaço funciona como elemento "isolador" da cidade. Como na periferia do lote se encontra sempre vegetação e no seu interior foram criados percursos e espaços abertos, as pessoas sentem-se isoladas da cidade e sentem-se como se estivessem numa paisagem natural. Os diversos espaços que são criados levam a que as pessoas se apropriem deles e os vivam.

Como um dos elementos da cobertura do centro de congressos é a rua que faz a ligação entre as duas zonas da cidade, esta pressupõe que haja percursos directos, com o objectivo de chegar a um sítio o mais rapidamente possível. Por isso é necessário criar dois tipos de percursos distintos: percursos rápidos e percursos lentos. Desta forma é possível haver percursos e zonas direccionadas às pessoas que pretendem usar este espaço como um jardim e às que pretendem usar apenas como travessia.

Para os percursos directos procura-se manter a mesma direcção da rua de forma a simplificar a travessia e a orientar as pessoas de forma rápida. No entanto, os percursos lentos pretendem que as pessoas se envolvam nos diversos espaços que são criados. Ao longo do jardim vamos encontrando espaços mais fechados devido à proximidade da vegetação, em que se pretende dar um ambiente mais acolhedor, assim como podemos usar os espaços mais abertos de forma a criar zonas de convívio. Procura-se ao longo do percurso inserir mobiliário urbano para que as pessoas possam parar, sentar-se e descansar.

Uma das vantagens em se estar a no jardim a esta cota é a vista que se consegue sobre a cidade e ao mesmo tempo é como se fosse um prolongamento do jardim da Fundação Calouste Gulbenkian até ao rio Tejo.

Por uma questão de mobilidade e acessibilidade todos os percursos estão à mesma cota. Desta forma todos os utilizadores podem usufruir dos diversos espaços.

Para evitar que no fim do jardim as pessoas tivessem que voltar para trás, foi criado um acesso mecanizado que faz a ligação com a praça da Avenida de Berna. Desta forma existem duas formas de alcançar a zona norte da freguesia: através da rampa com um percurso directo, ou através de um percurso indirecto por escadas mecânicas e elevador que permite usufruir do jardim. Bairro do Rego e Avenida de Berna, apesar de separados pela linha de comboio ficam deste modo ligados através de percursos contínuos de peões.

"Dar ordem e relação ao meio que circunda o homem – é a tarefa do arquitecto." (Rasmussen, 2007, p.11)

O hotel, como complemento do centro de congressos partilha a mesma estrutura, mas é um elemento independente. Procura-se aqui um hotel que responda às necessidades essenciais e que mantenha o contacto com o jardim na cobertura.

Para o volume do hotel desenhou-se um elemento estreito e vertical, que ao mesmo tempo consegue dar equilíbrio ao volume horizontal do centro de congressos e criar espaços livres para os acessos ao jardim.

Desta forma o programa social do hotel encontra-se dividido em duas partes. A recepção, zona de espera, bar, restaurante, zona de administração e outras zonas como estacionamento e lavandaria estão localizados nos andares mais baixos e o spa, ginásio, piscina e um bar nos últimos pisos.

Procura-se que a zona do bar e do restaurante tenham uma relação com o exterior através de caos grandes e desta forma criar um prolongamento do interior para exterior. O mesmo conceito tenta-se explorar na outra zona social nos últimos pisos (spa, ginásio, piscina e bar) mantém na mesma a relação com o exterior. Como estas zonas estão associadas a relaxamento, esta relação com o exterior é essencial para se obter o ambiente desejado. (Fig 44, 46, 48)

Os quartos e suites encontram-se nos pisos no meio do programa social, desta forma consegue-se privilegiar os quartos com a melhor localização para apreciar a vista, tanto para o lado norte como o lado sul. Sendo que no lado norte têm uma vista sobre o bairro de Rêgo enquanto no lado sul tem uma vista sobre o jardim do centro de congressos e o jardim da FCG. Quanto mais alto o quarto melhor será a vista sobre a cidade até ao rio Tejo. (Fig 45)

Neste exercício procura-se explorar duas tipologias de quartos. No primeiro tipo, quarto simples, procura-se responder às necessidades básicas que um quarto tenta responder, como uma casa de banho, um espaço de arrumação e uma cama. Mas como este hotel se encontra mais direccionado para o centro de congressos, houve a necessidade de se colocar uma mesa que pretende ter diferentes usos. Pode funcionar como mesa de trabalho, de reuniões ou de refeições. Desta forma o quarto torna-se um espaço polivalente.

No segundo tipo de quarto, suite, pretende-se mais espaço para as pessoas. Aqui define-se a zona social e a zona privada. Na zona social, podemos encontrar uma sala de estar associada à varanda mantendo a relação com o exterior e uma mesa de refeições com a mesma versatilidade funcional já referida anteriormente. No entanto, a instalação sanitária é dividida em duas partes, uma em que encontramos a zona de banhos e outra zona onde temos as outras peças como o lavatório, a sanita e o bidé. Desta forma, a segunda zona da casa de banho é acessível tanto pelo quarto como pelo espaço social, evitando-se a invasão das pessoas convidadas para o quarto.

Um dos objectivos é que nos quartos exista uma relação com o exterior, por isso usam-se grandes envidraçados que permitam usufruir da vista e das respectivas varandas, fazendo com que as pessoas criem uma relação mais próxima com a cidade. Desta forma o edifício possui uma volumetria com destaque na envolvente, mas que ao mesmo tempo pretende misturar-se e ser aceite.

" Os edifícios entram numa nova fase de existência, passam a ser arquitectura em vez de brinquedos arrumadinhos – pois a arquitectura significa formas criadas em torno do homem, criadas para nelas se viver, não meramente para serem vistas de fora." (Rasmussen, 2007, p.11)



fig 37

High Line de James Corner Field operations e Diller Scofidio + Renfro



fig 38
Imagem do exterior



fig 39
Imagem do interior





PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

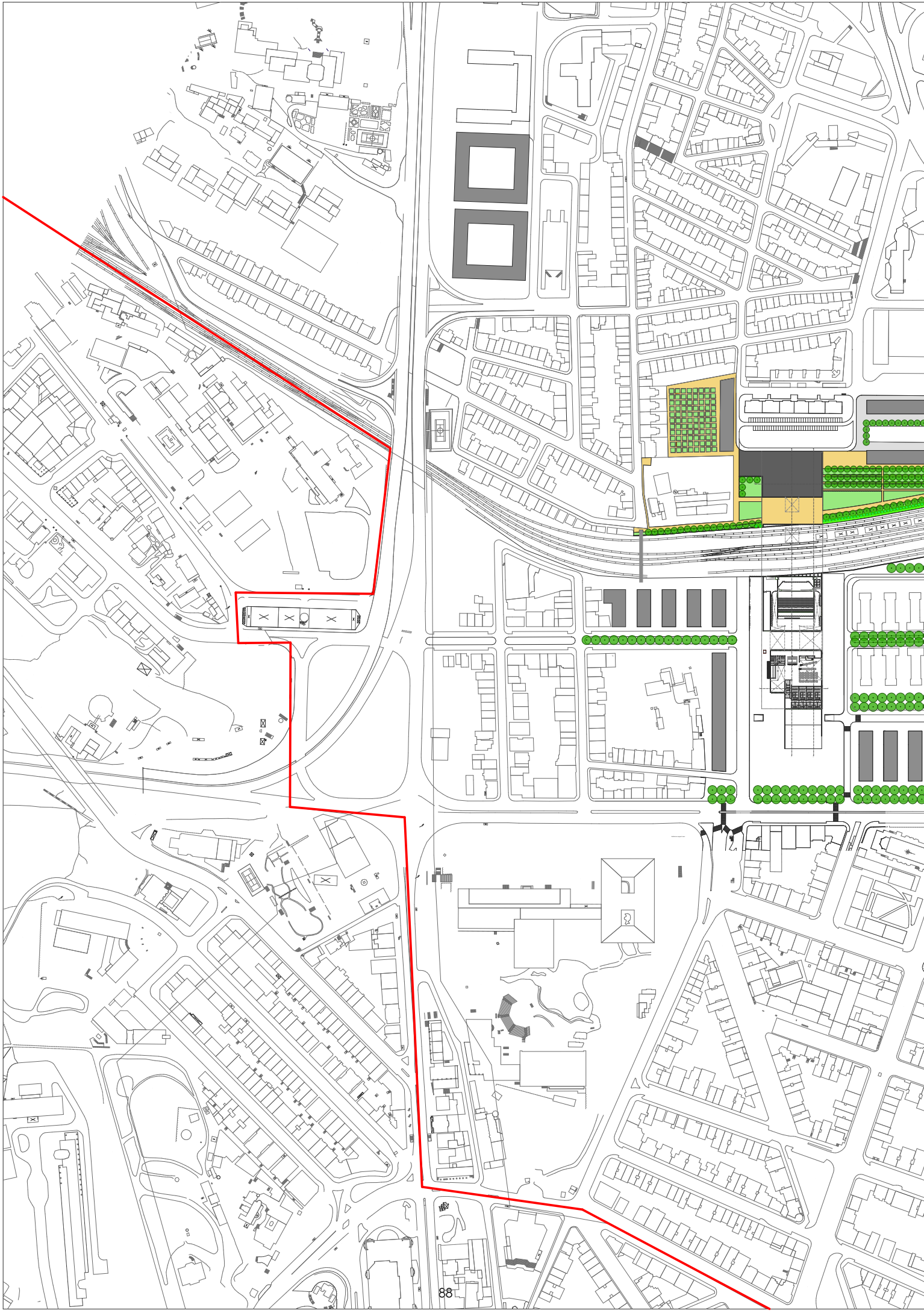
Avenidas Novas - Lisboa

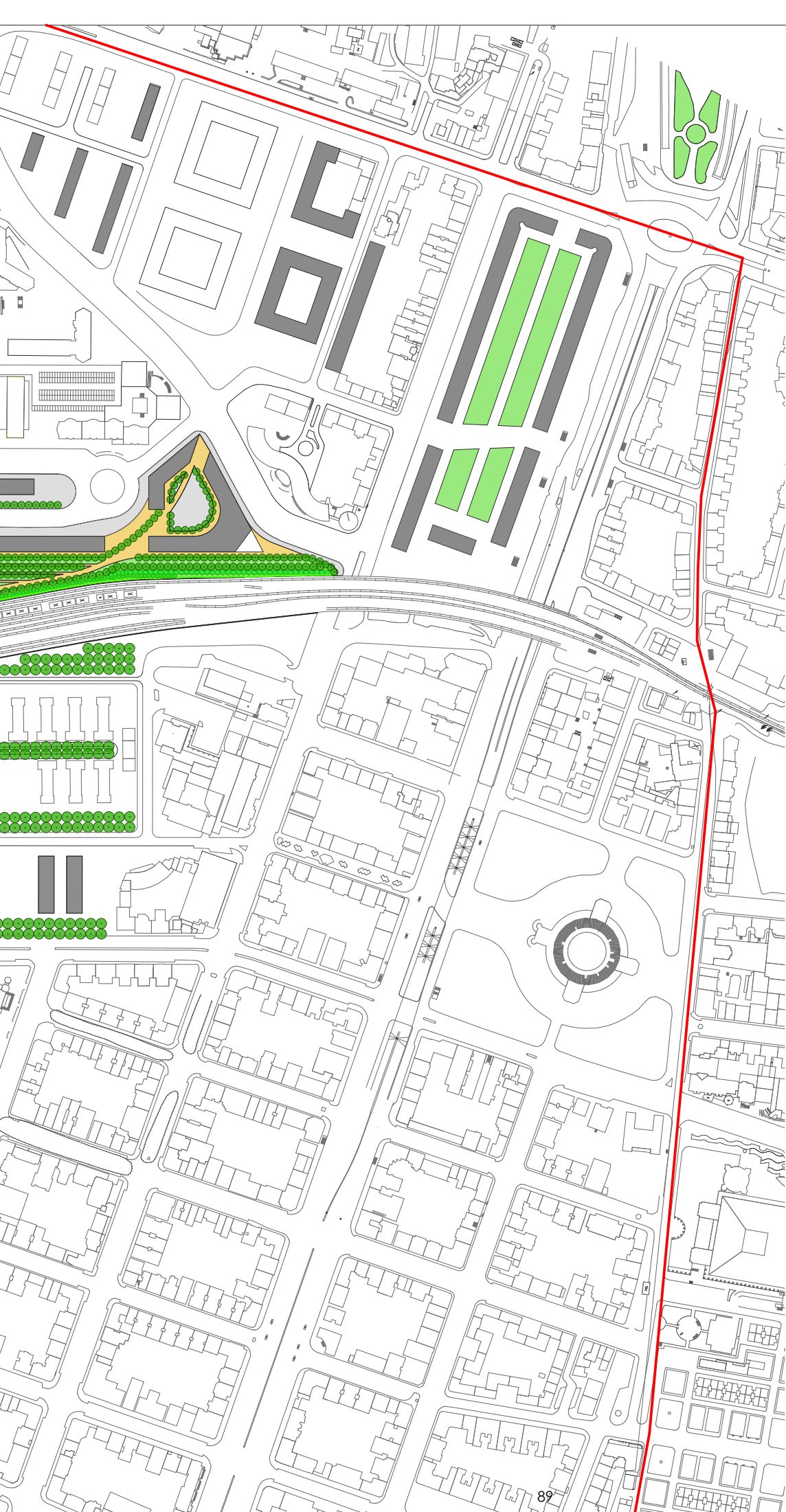
Implantação esc.1 .30000

Outubro 2017



42





PROJECTO

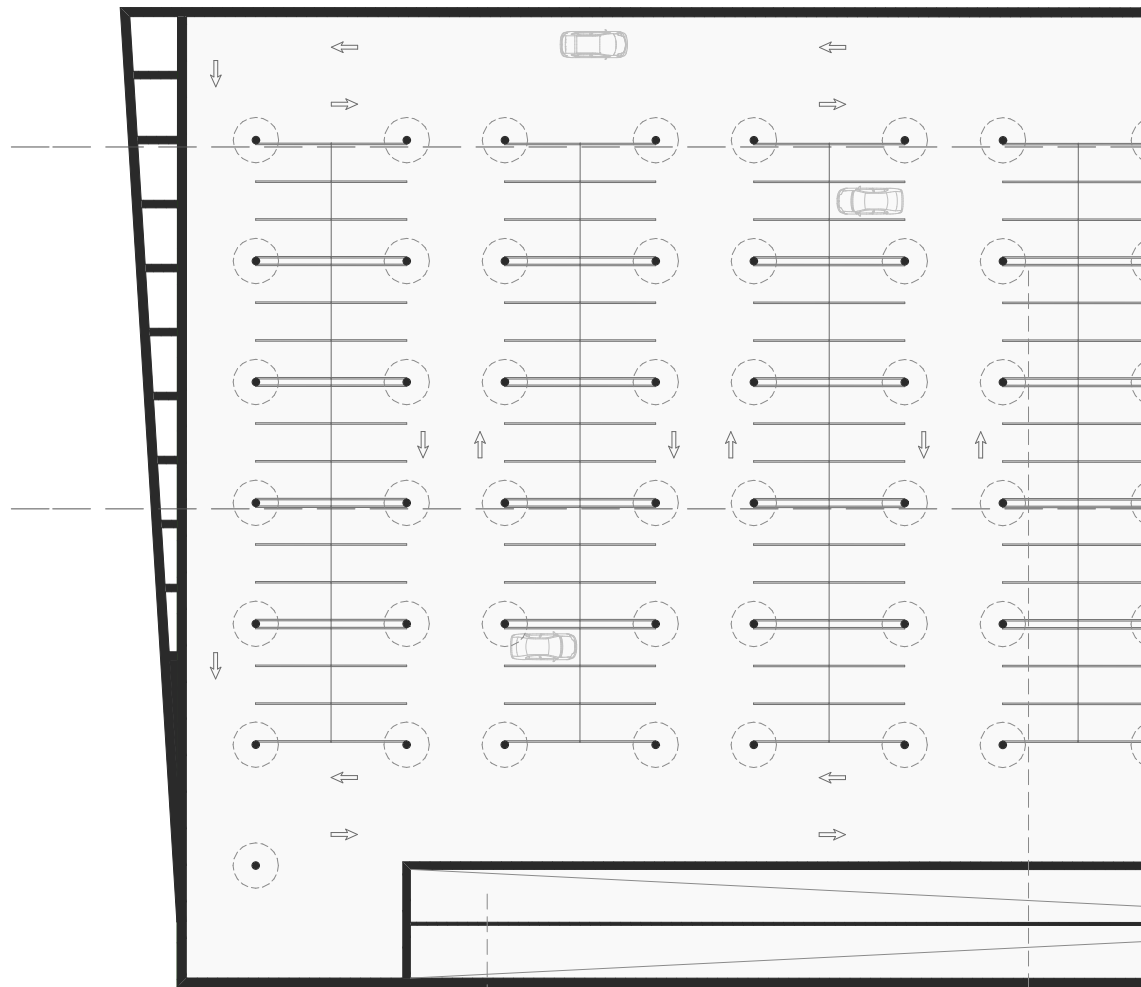
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa

Planta geral esc.1.5000

Outubro 2017

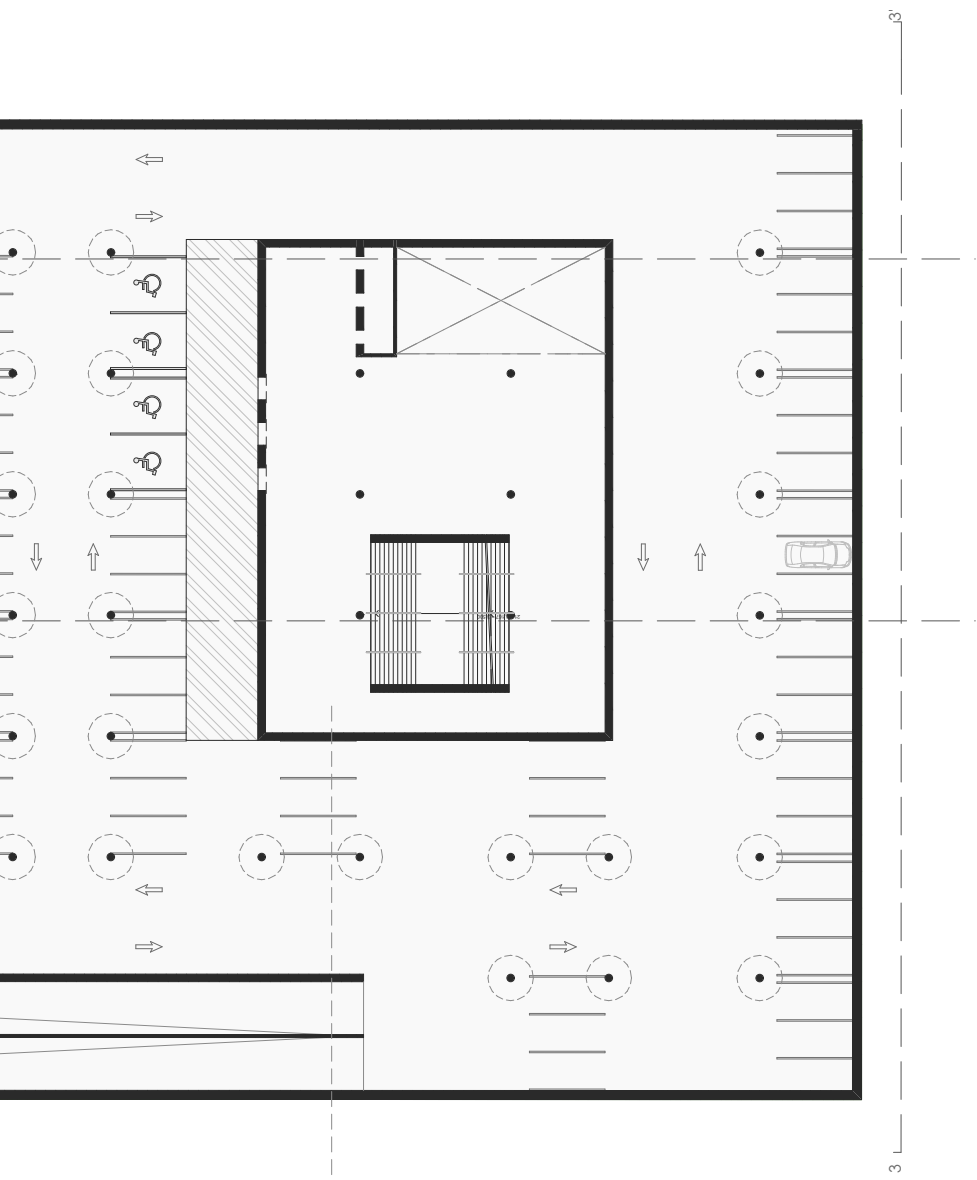


43



—Rampas de acesso

—Zona de e



estacionamento

Acessos

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

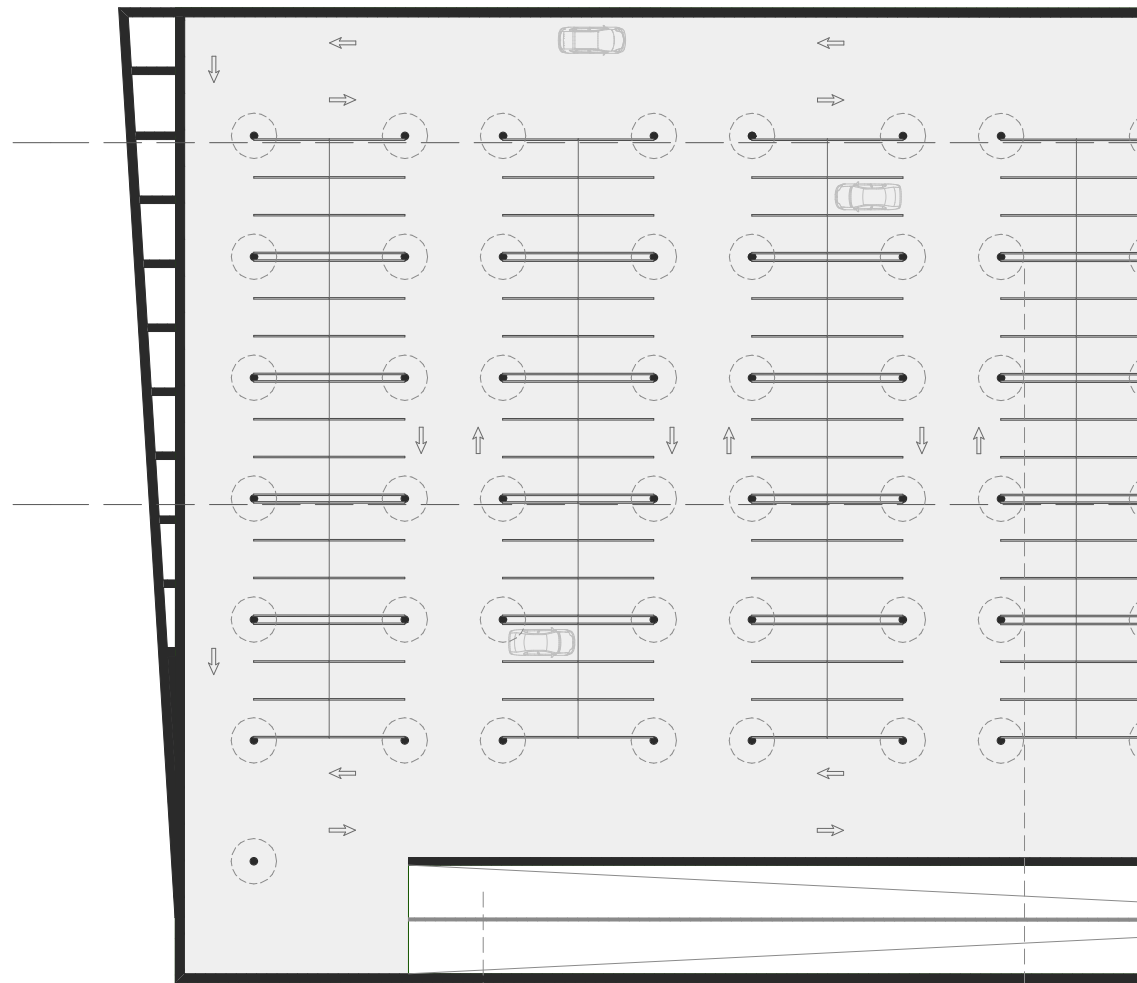
planta -2

esc.1.500

Outubro 2017

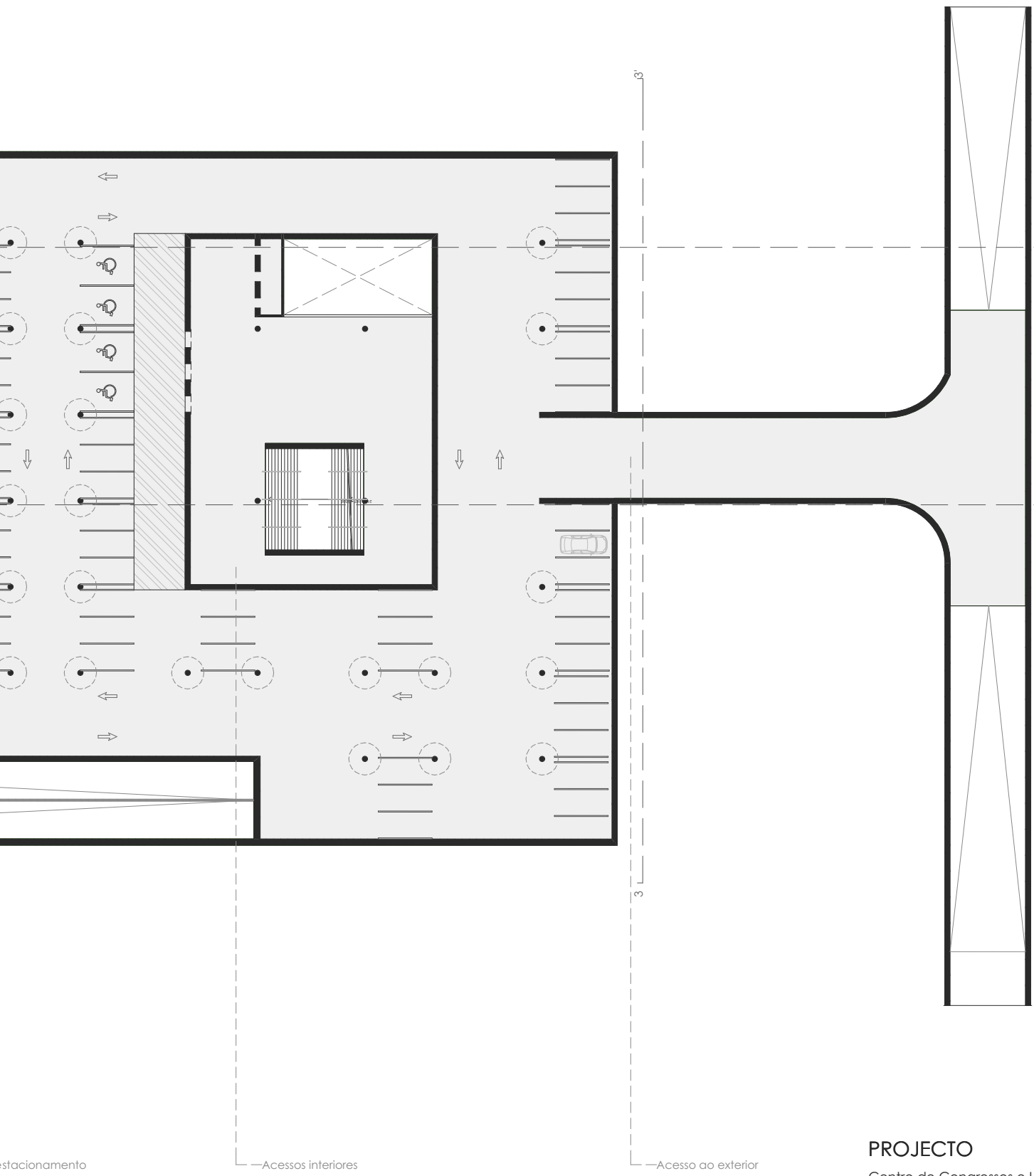


44



—Rampas de acesso

—Zona de e



estacionamento

—Acessos interiores

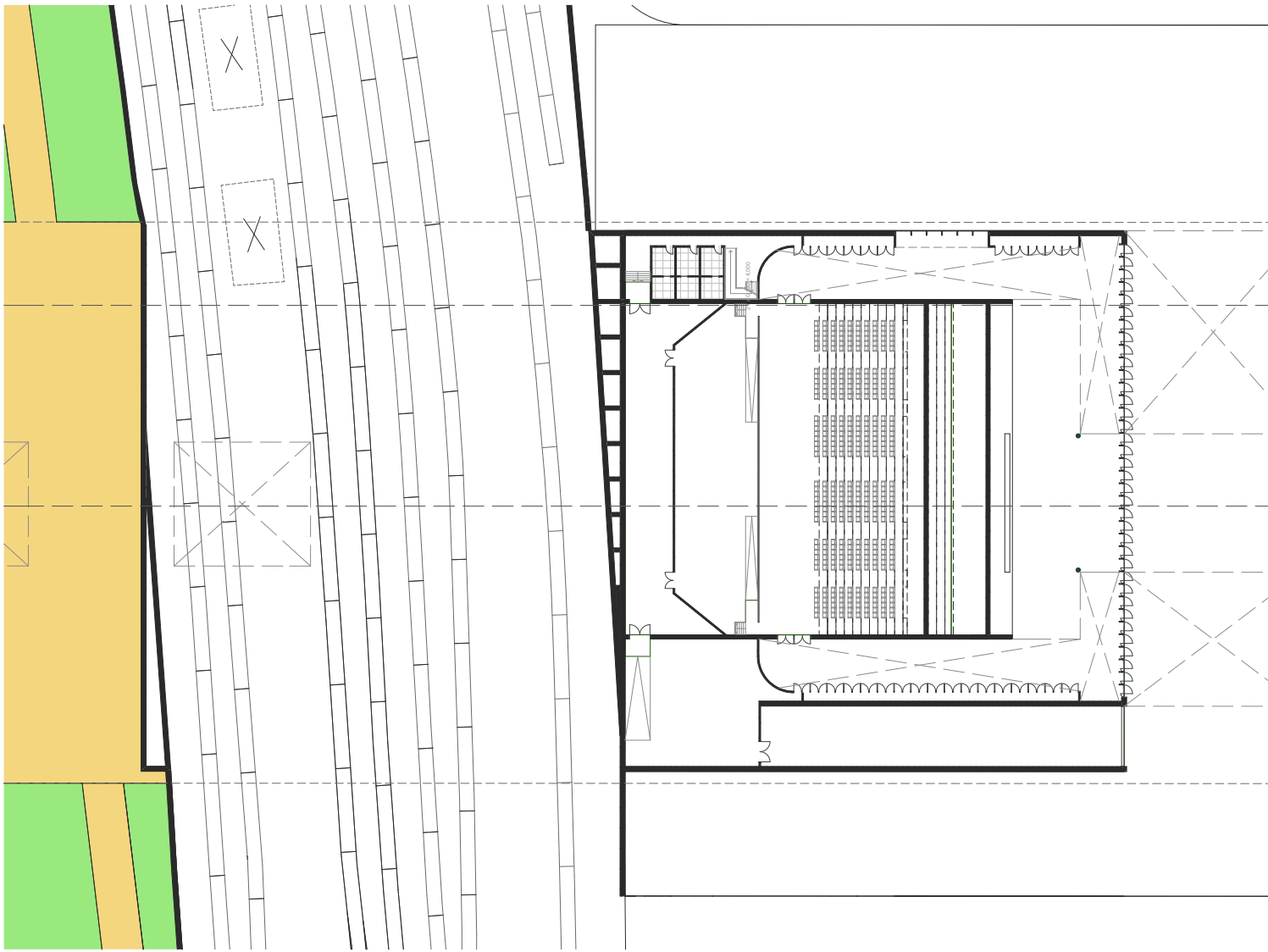
—Acesso ao exterior

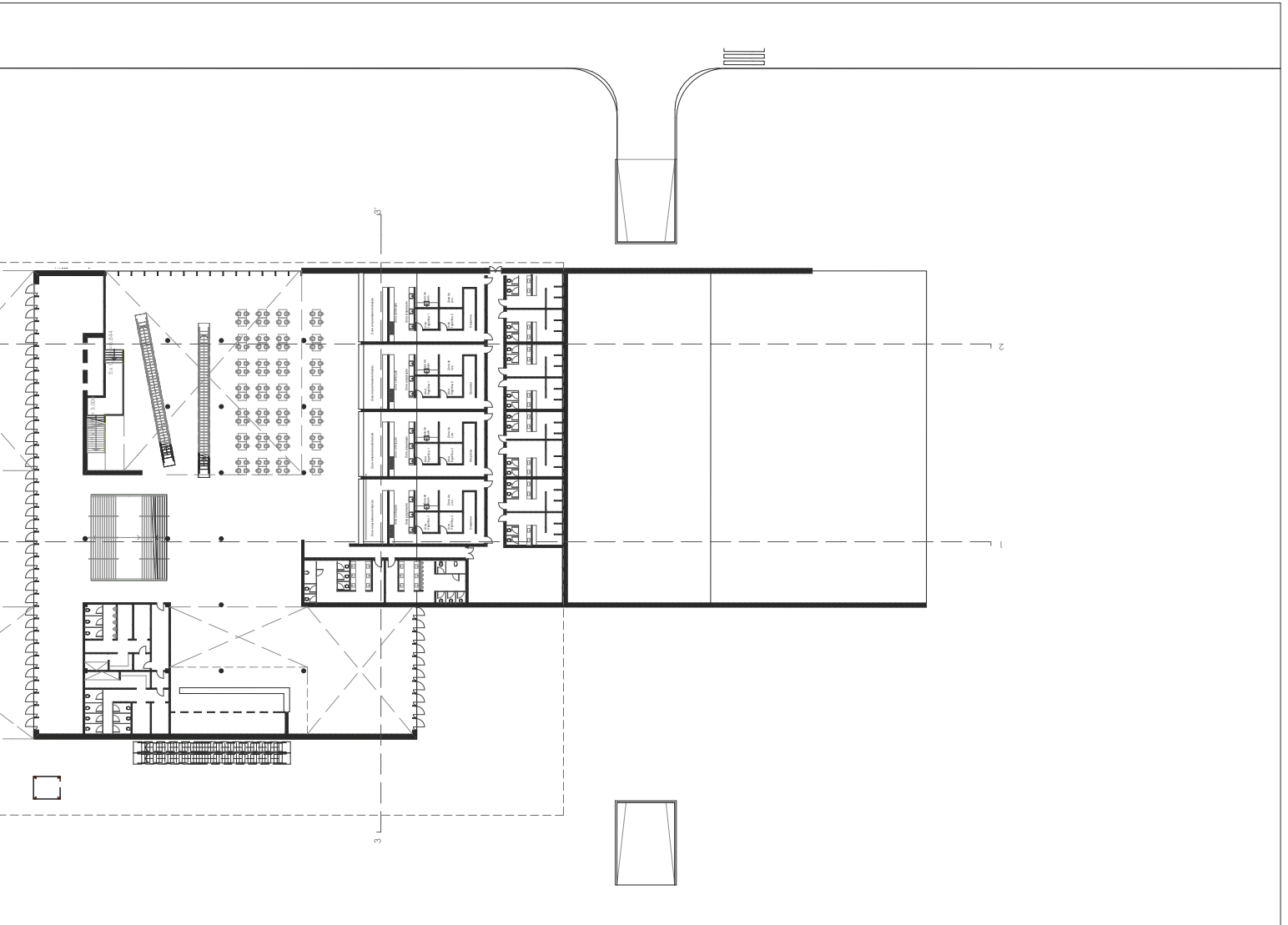
PROJECTO
 Centro de Congressos e Hotel
 Avenidas Novas - Lisboa
 planta -1 esc.1.500

Outubro 2017



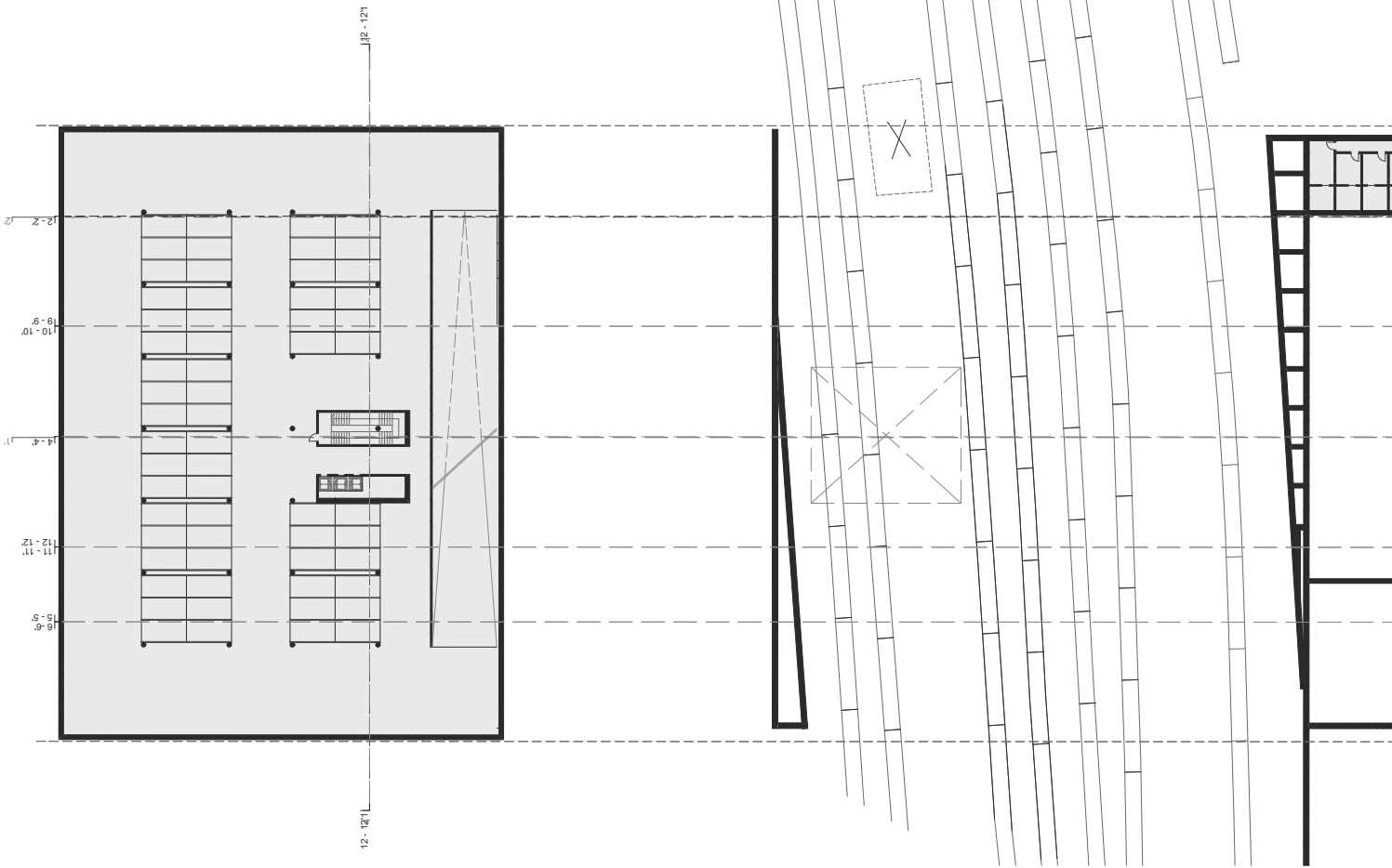
45

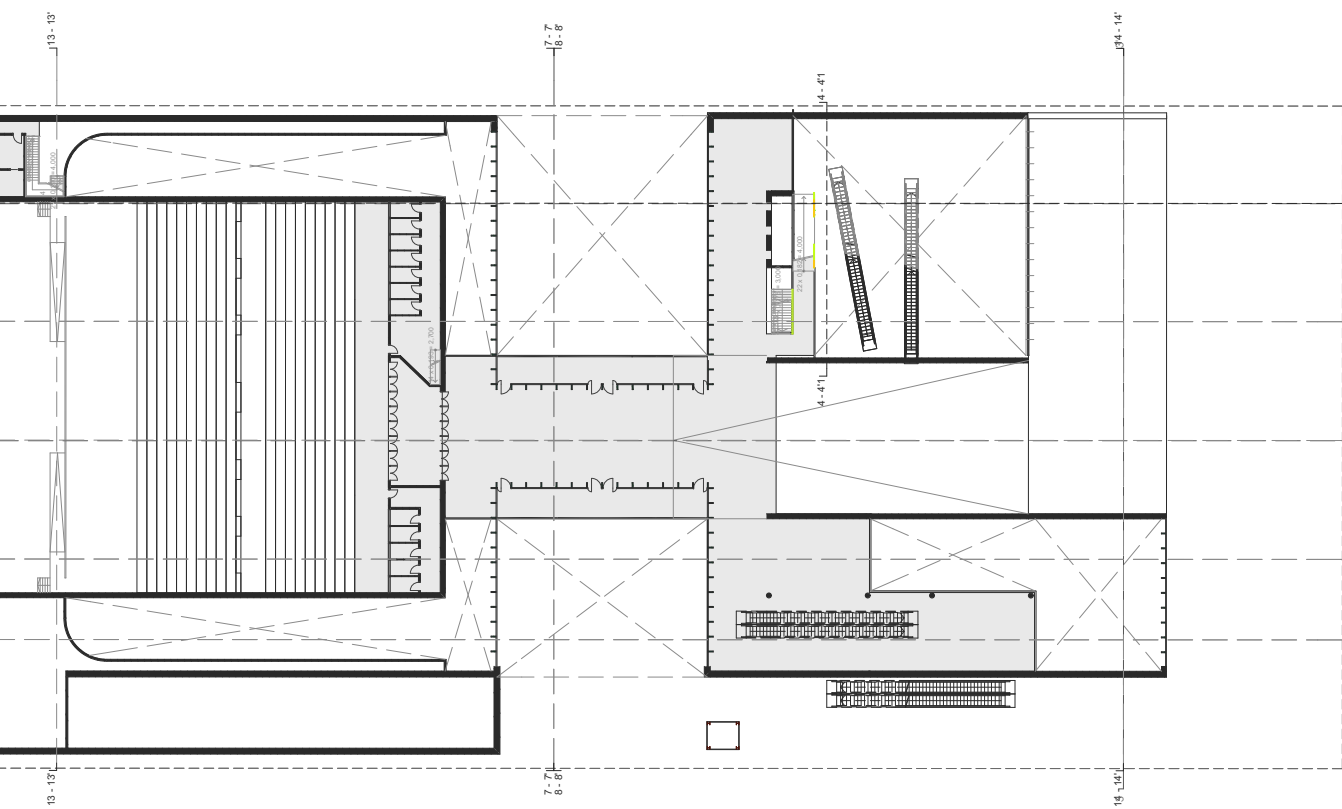




PROJECTO
 Centro de Congressos e Hotel
 Avenidas Novas - Lisboa
 planta 0 esc.1.500

Outubro 2017
 ⊖ 46

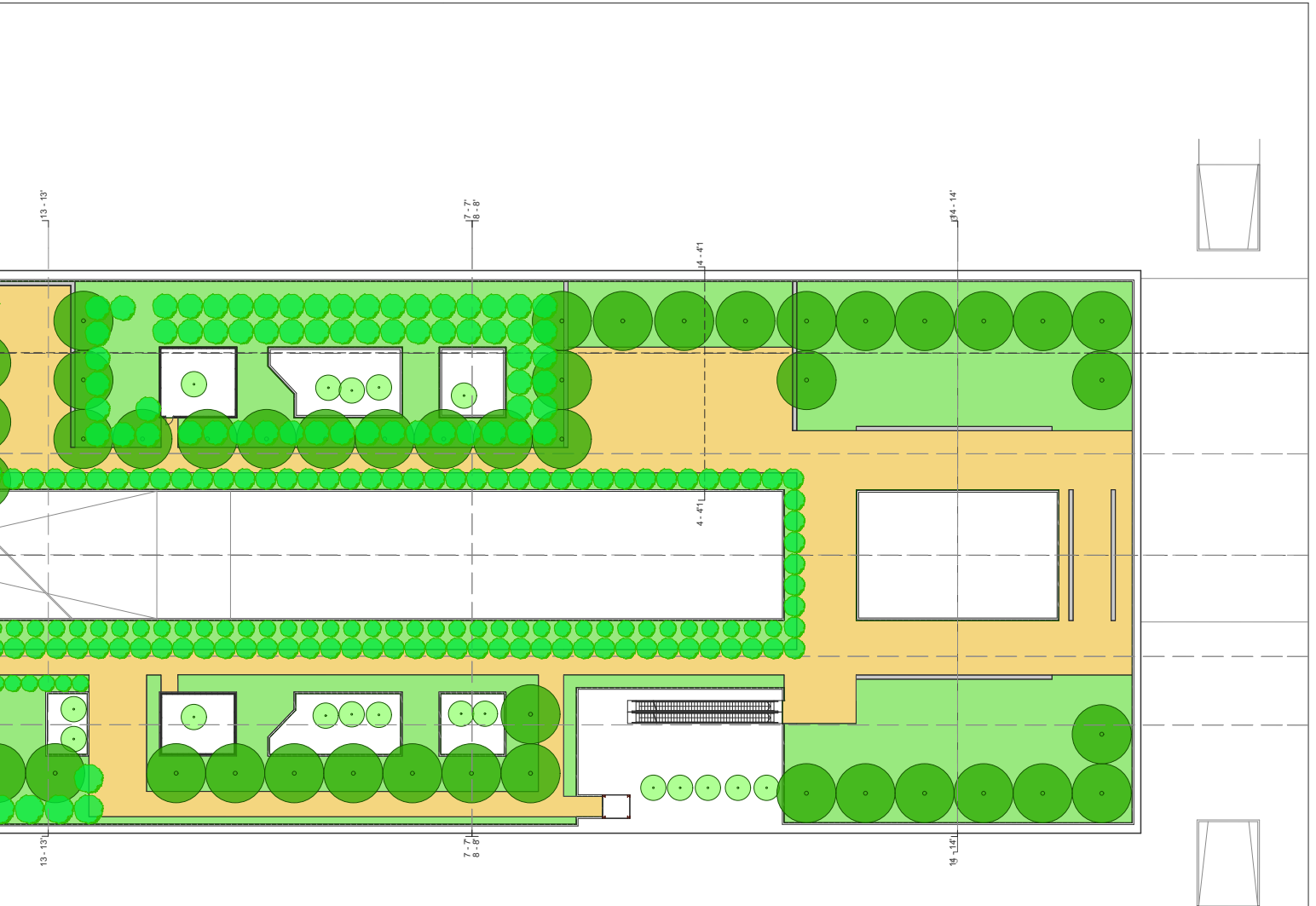




PROJECTO
 Centro de Congressos e Hotel
 Avenidas Novas - Lisboa
 planta 1 esc.1.500

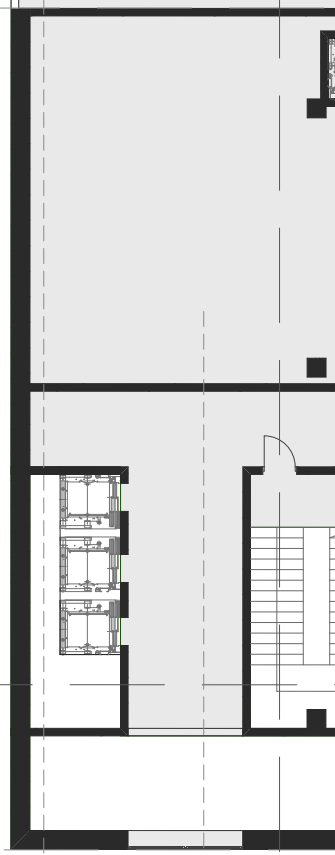
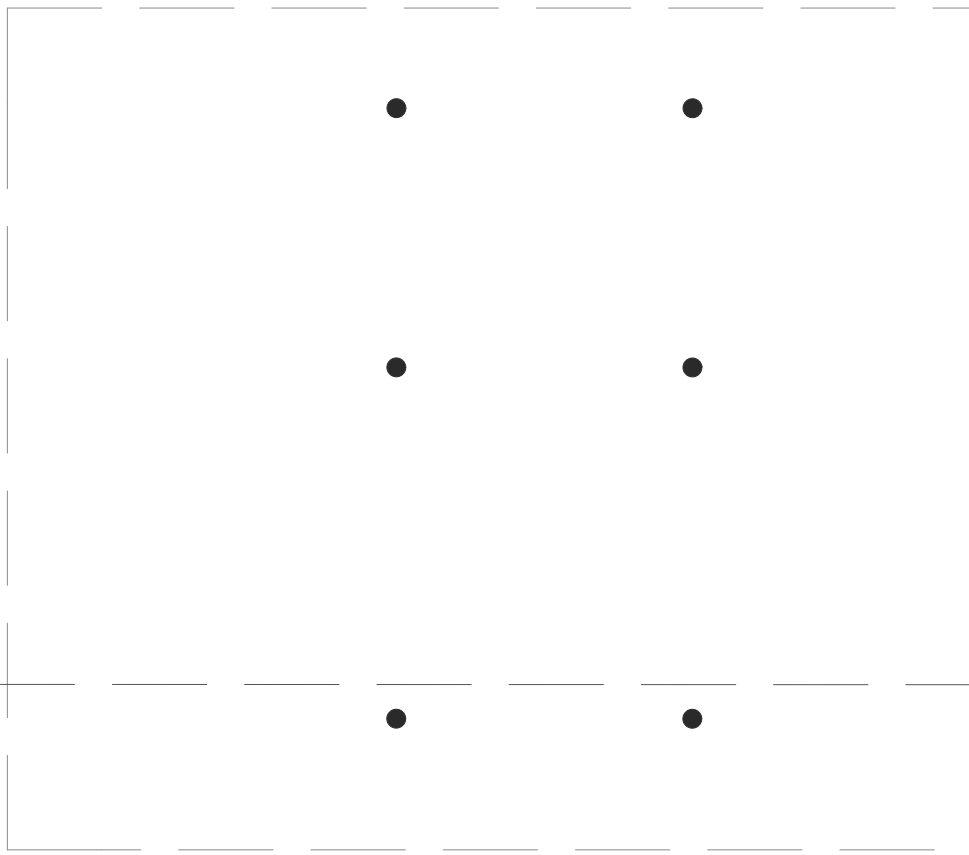
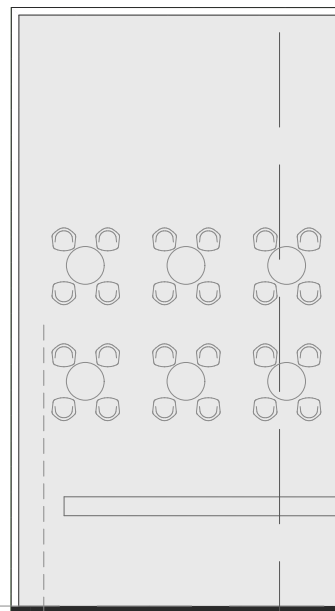
Outubro 2017
 ⊖ 47





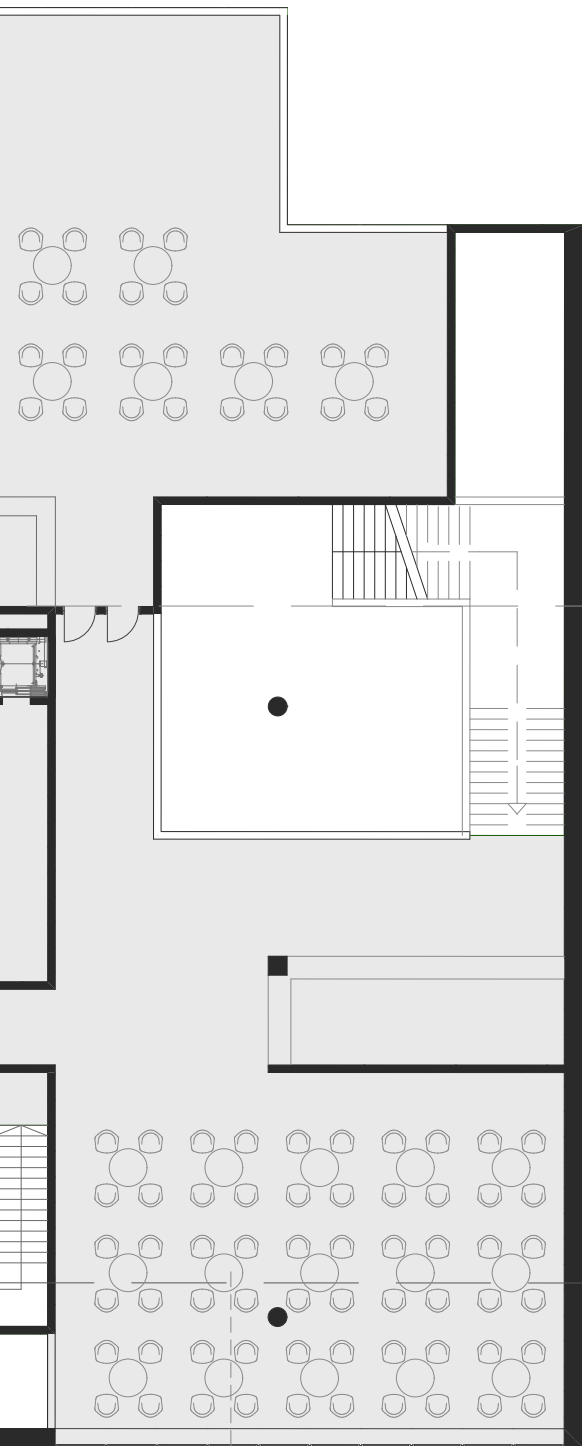
PROJECTO
 Centro de Congressos e Hotel
 Avenidas Novas - Lisboa
 planta 3 esc.1.500

Outubro 2017
 ⊖ 48



—Esplanada

—Cozinha



—Sala de refeições

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

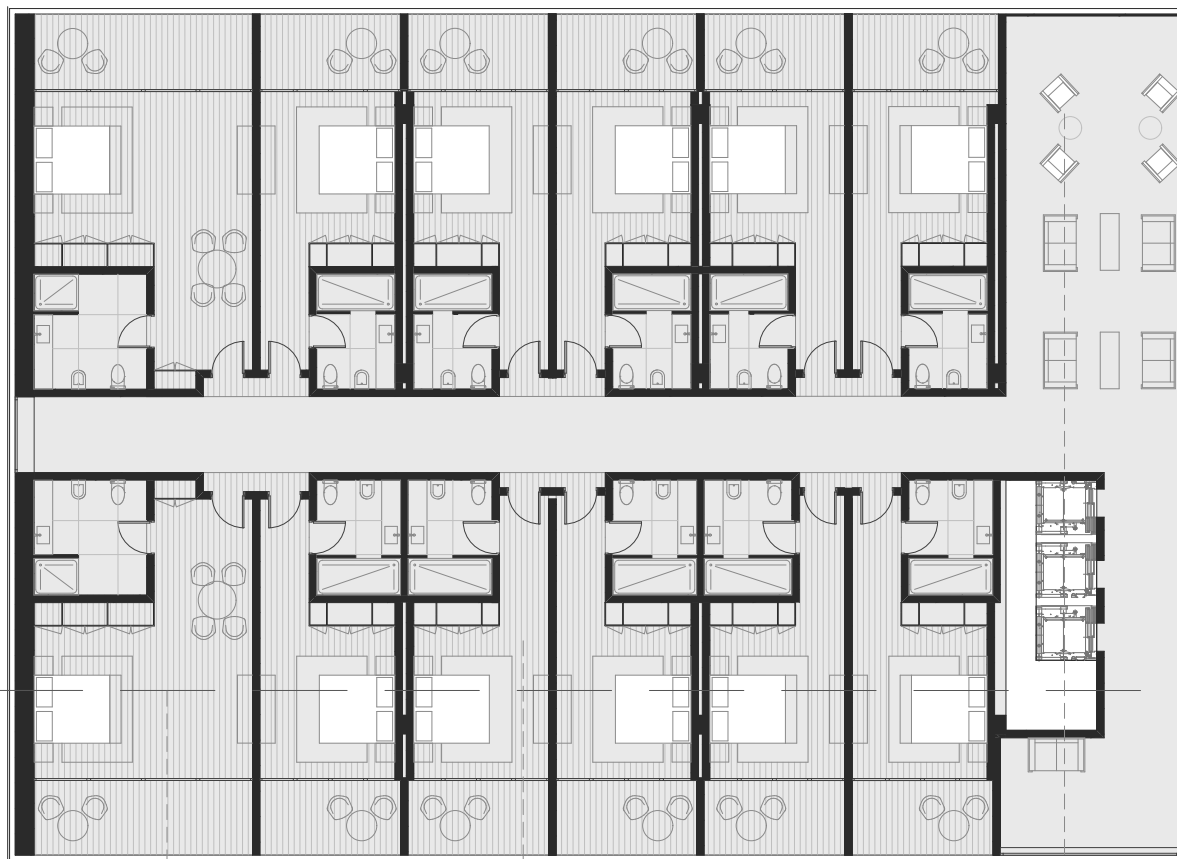
planta 4

esc.1.200

Outubro 2017



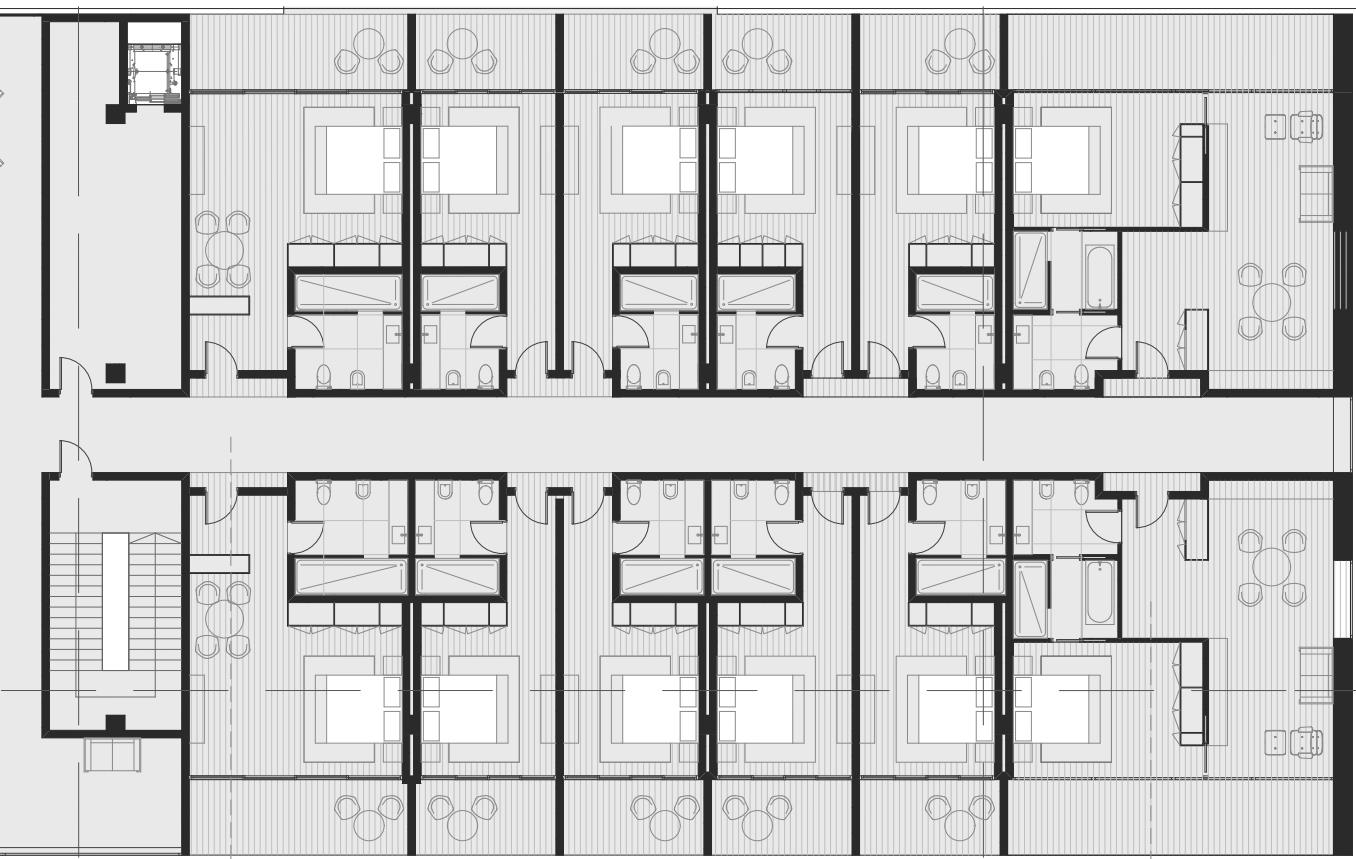
49



— Quarto equipado a mobilidade condicionada

— Quarto simples

— Zona de e



—Corredor

—Suite

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

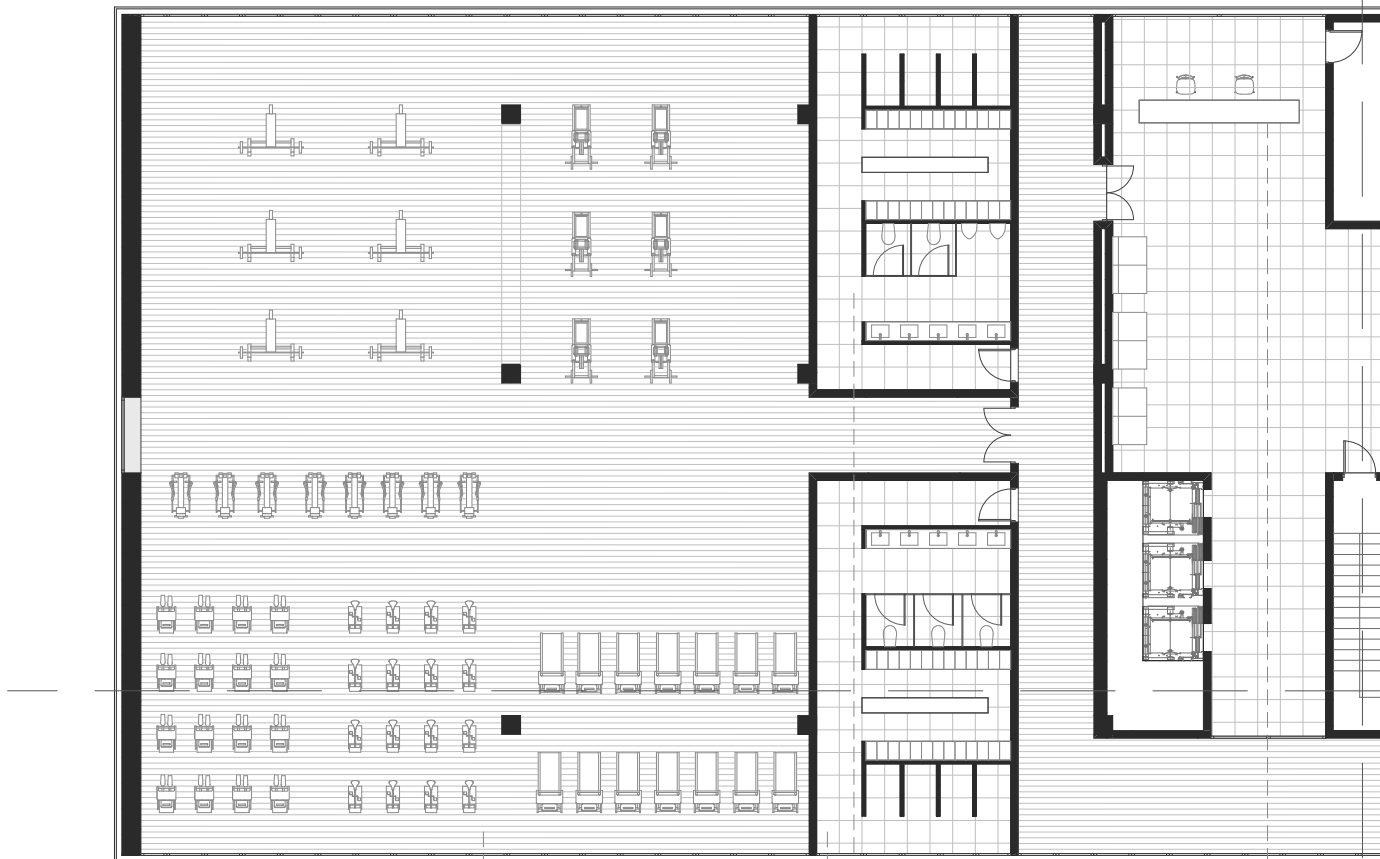
Avenidas Novas - Lisboa

planta 5 até 18 esc.1.200

Outubro 2017



51

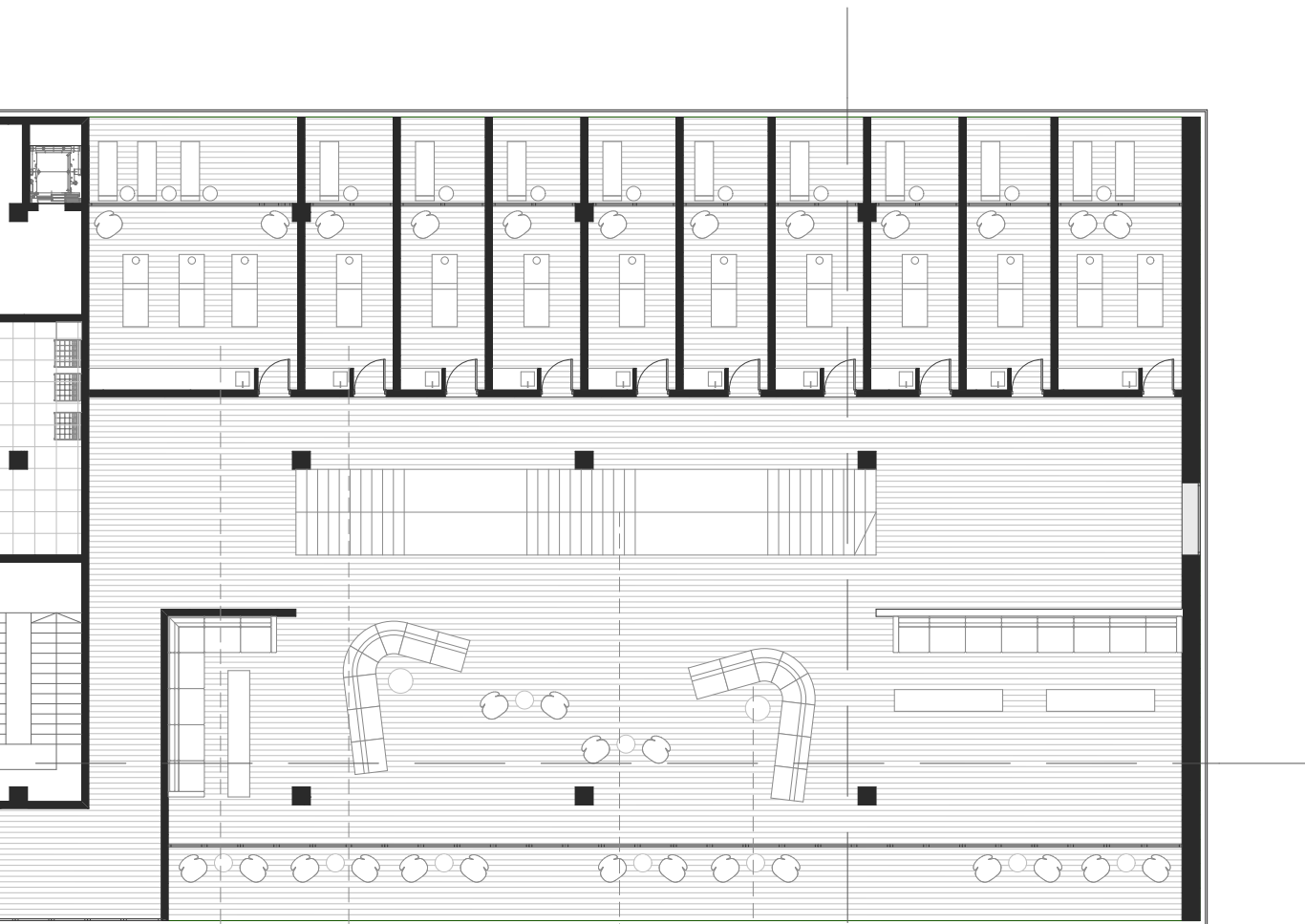


—Ginásio

—Balneário Masculino

—Balneário Feminino

—Recepção



o e Sala de espera

—Sala de massagem de grupo

—Sala de massagem individual

—Escadas acesso 2º piso spa

—Lounge Spa

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

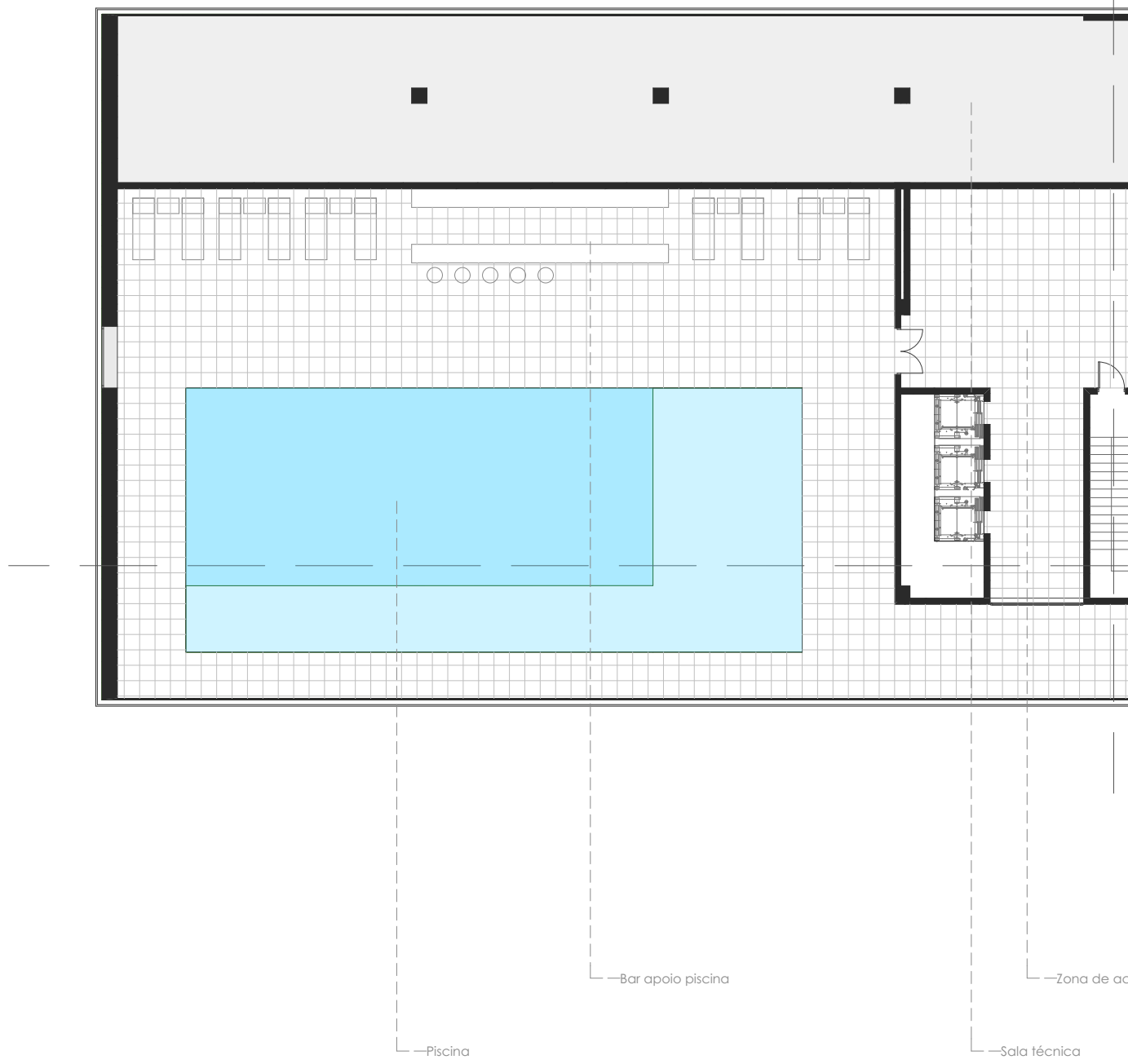
planta 19

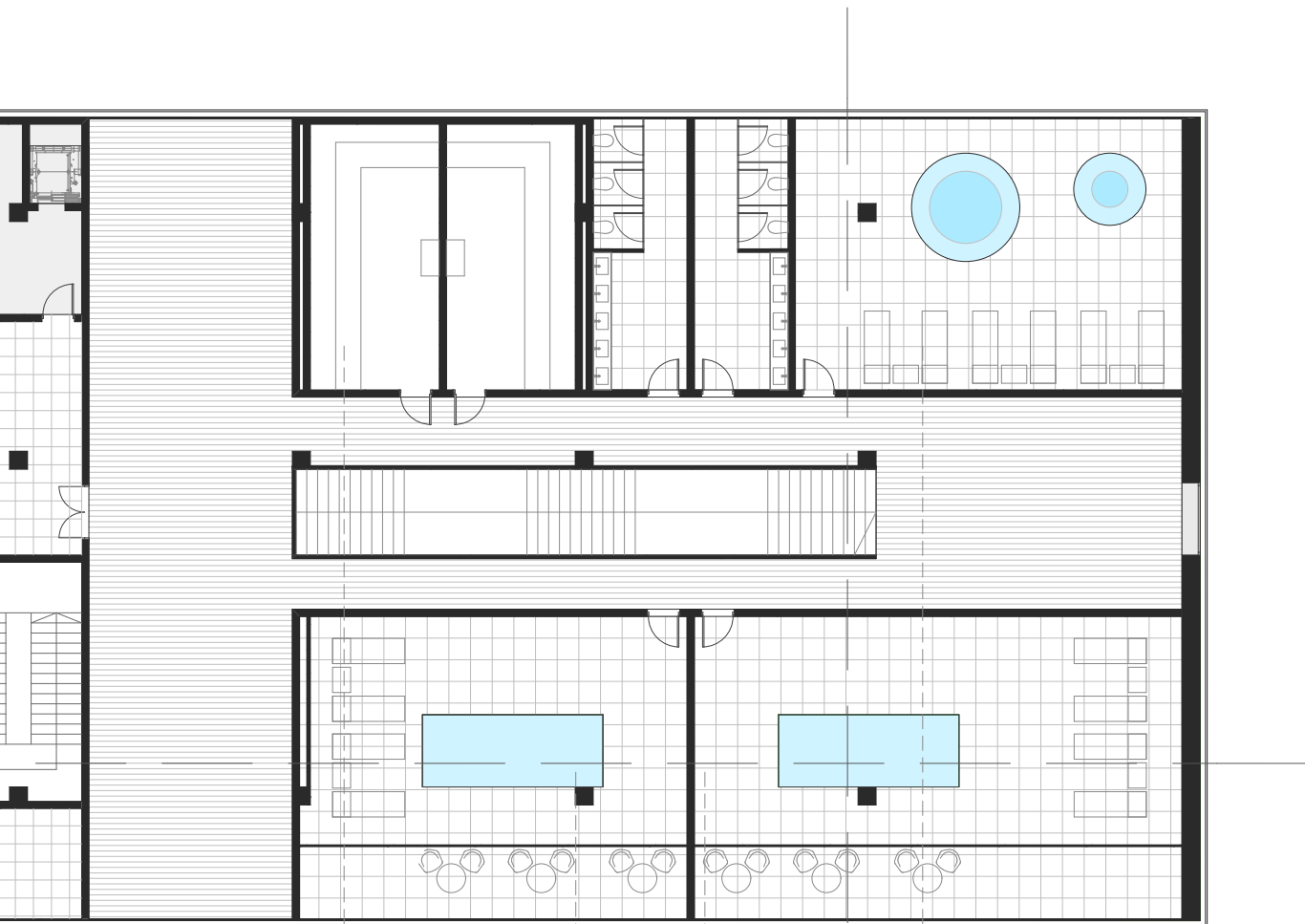
esc.1.200

Outubro 2017



52





cesso piscina

—Sauna

—Piscina de agua fria

—Piscina de agua quente

—Sala de hidroterapia

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

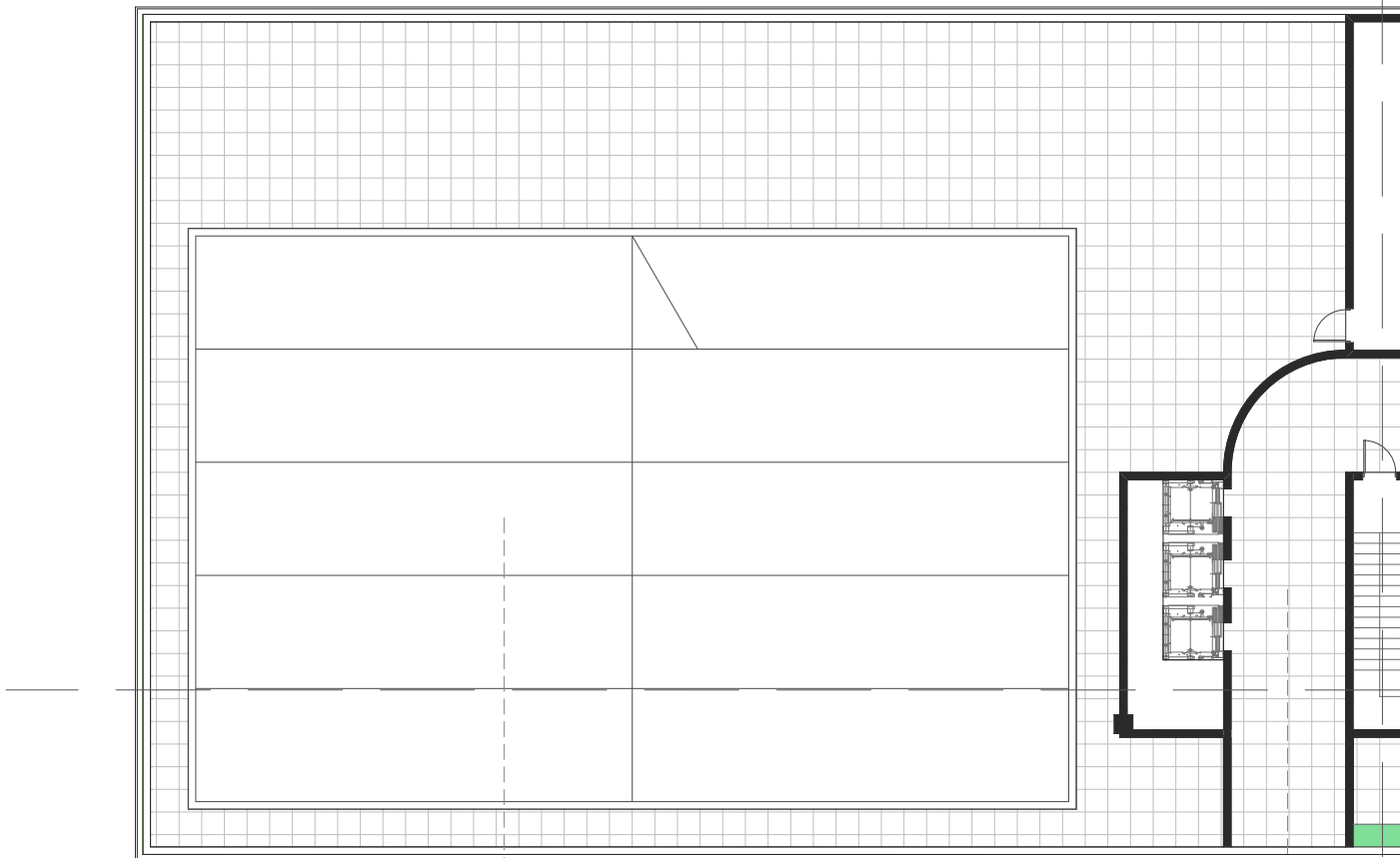
planta 20

esc.1.200

Outubro 2017

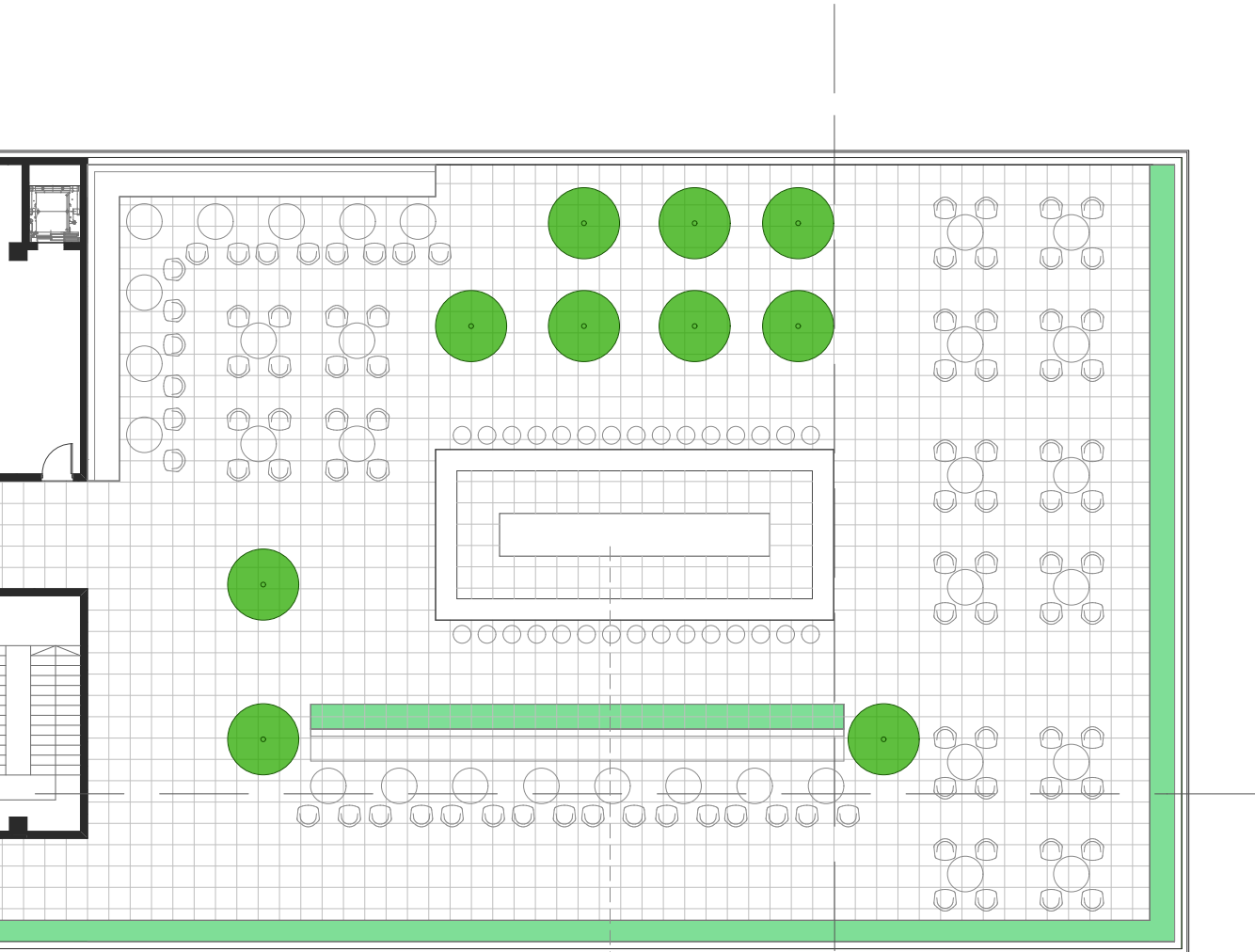


53



—Cobertura em vidro recolhível

—Zona che



gada bar cobertura

Bar/Miradouro na cobertura

PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

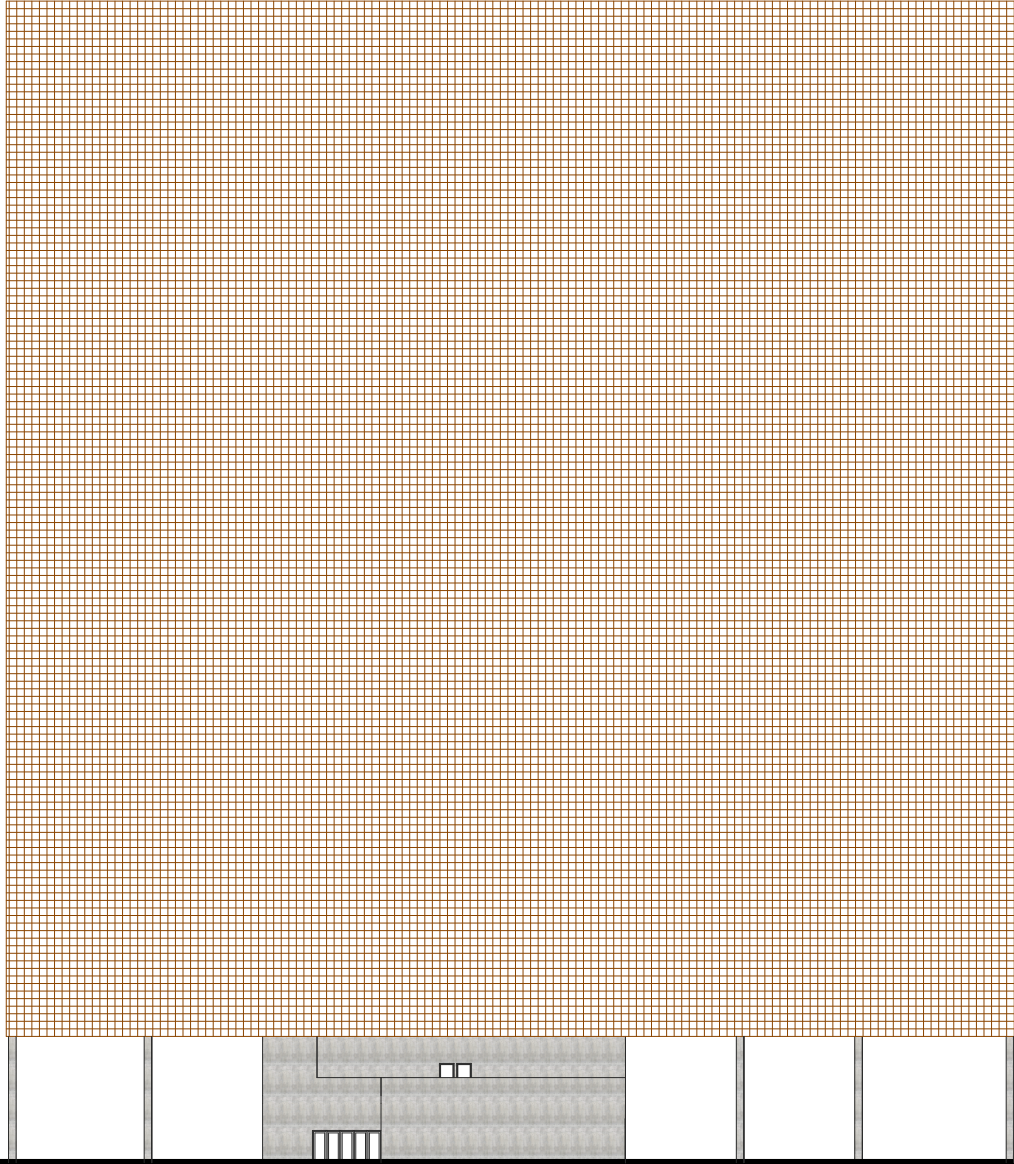
planta 21

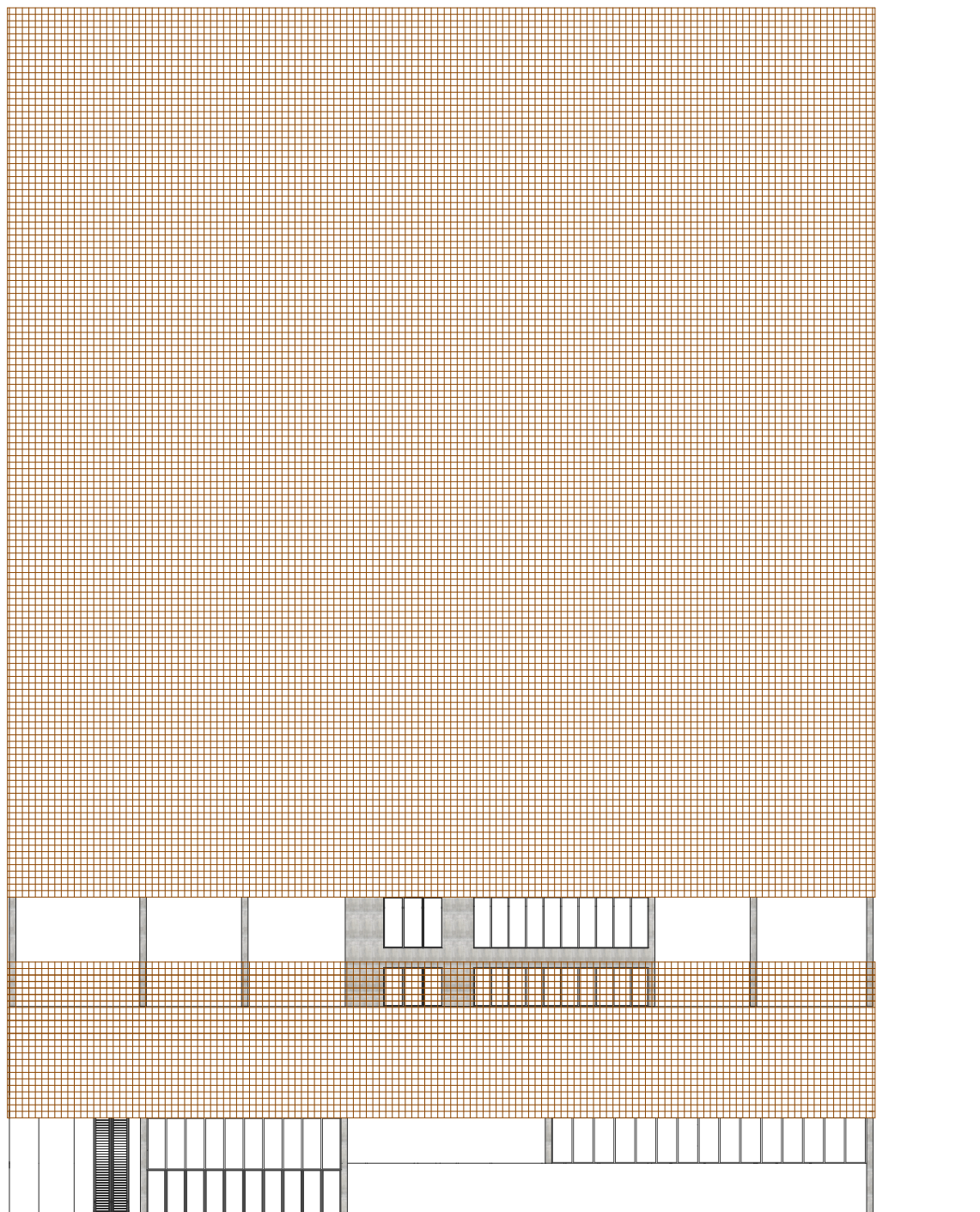
esc.1.200

Outubro 2017



54





PROJECTO

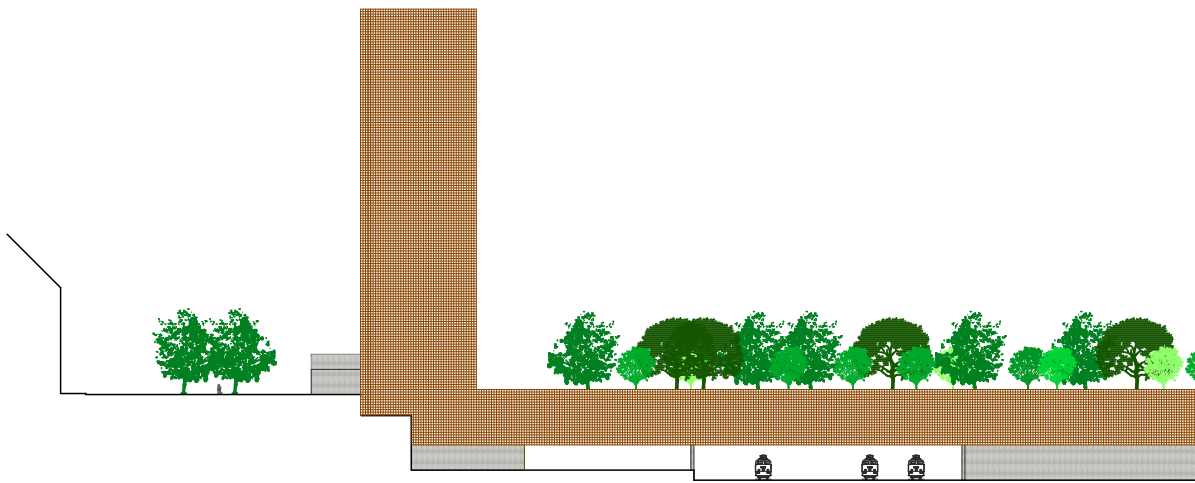
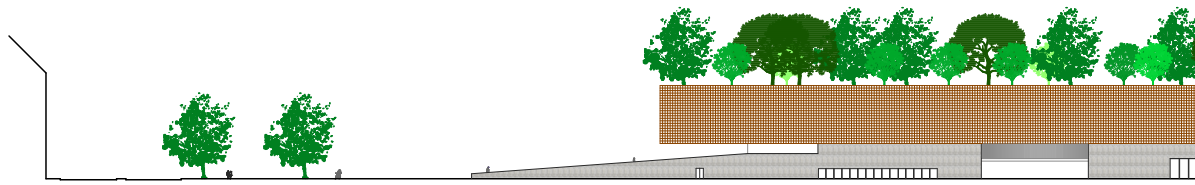
Centro de Congressos e Hotel

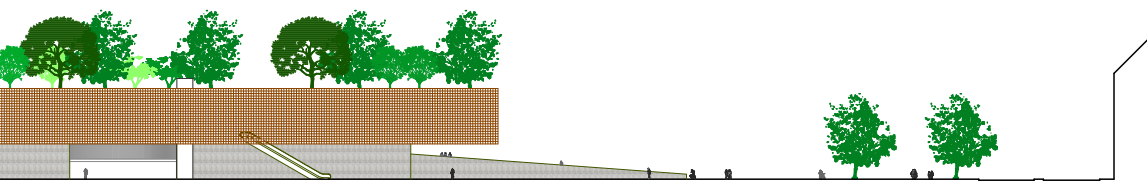
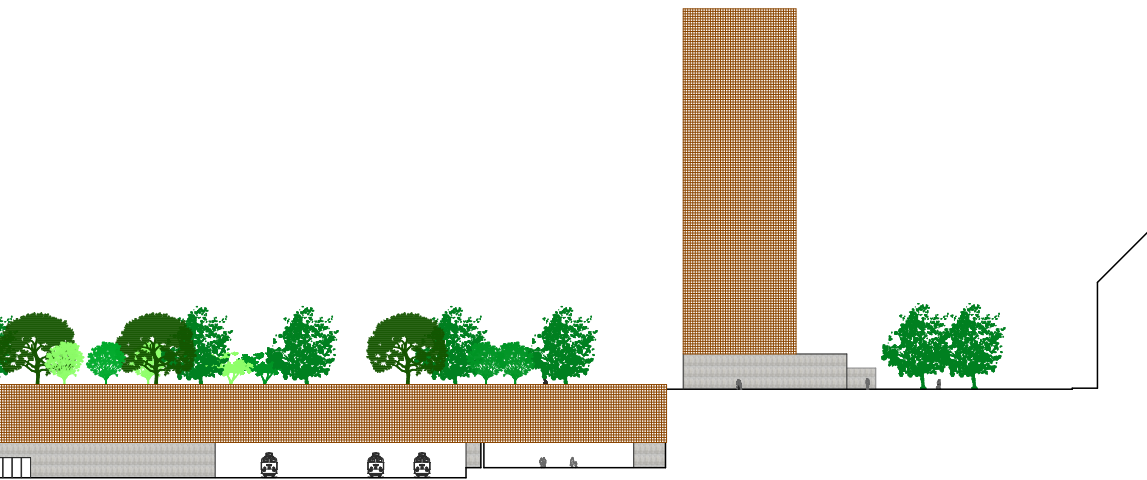
Avenidas Novas - Lisboa

Alçado Norte e Sul esc.1.500

Outubro 2017

55





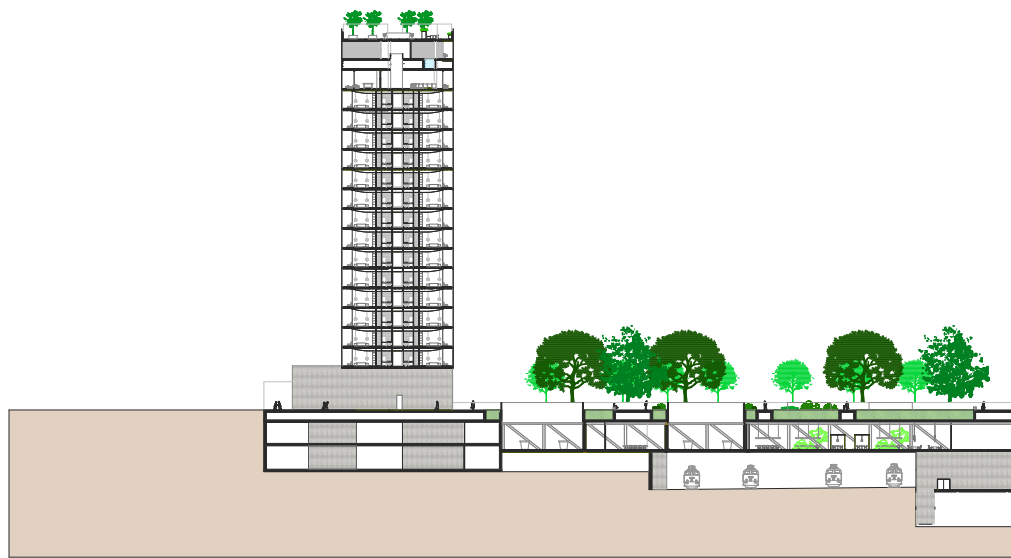
PROJECTO

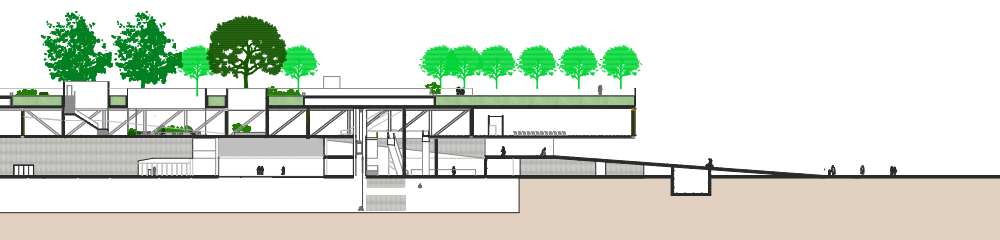
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa

Alçados Este e Oeste esc.1.500

Outubro 2017

56

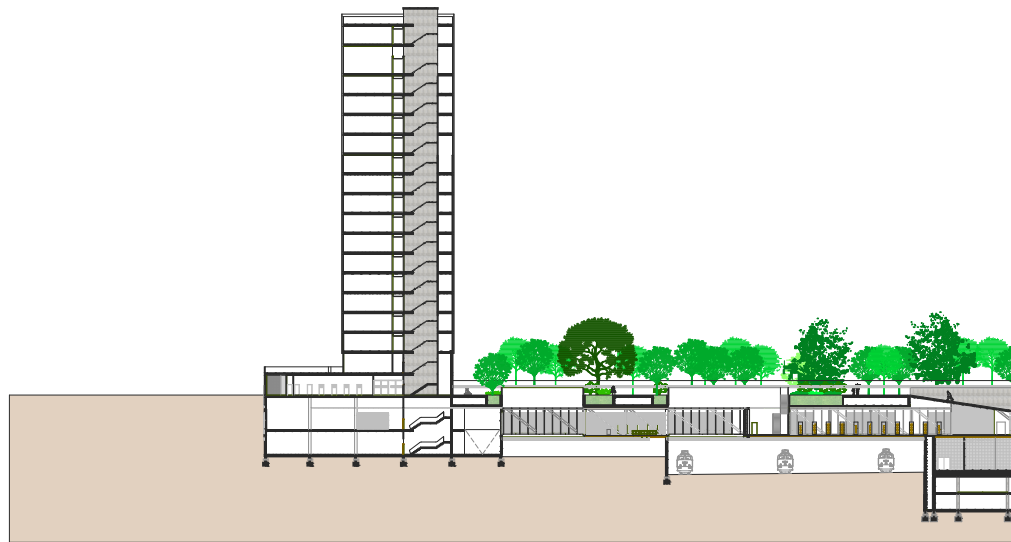


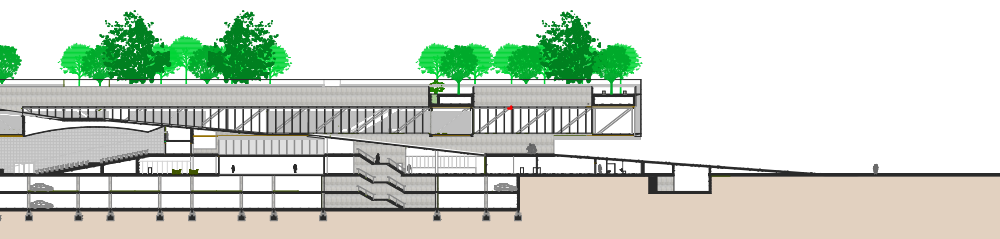


PROJECTO
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa
Corte 2 - 2' esc. 1 : 1000

Outubro 2017

57

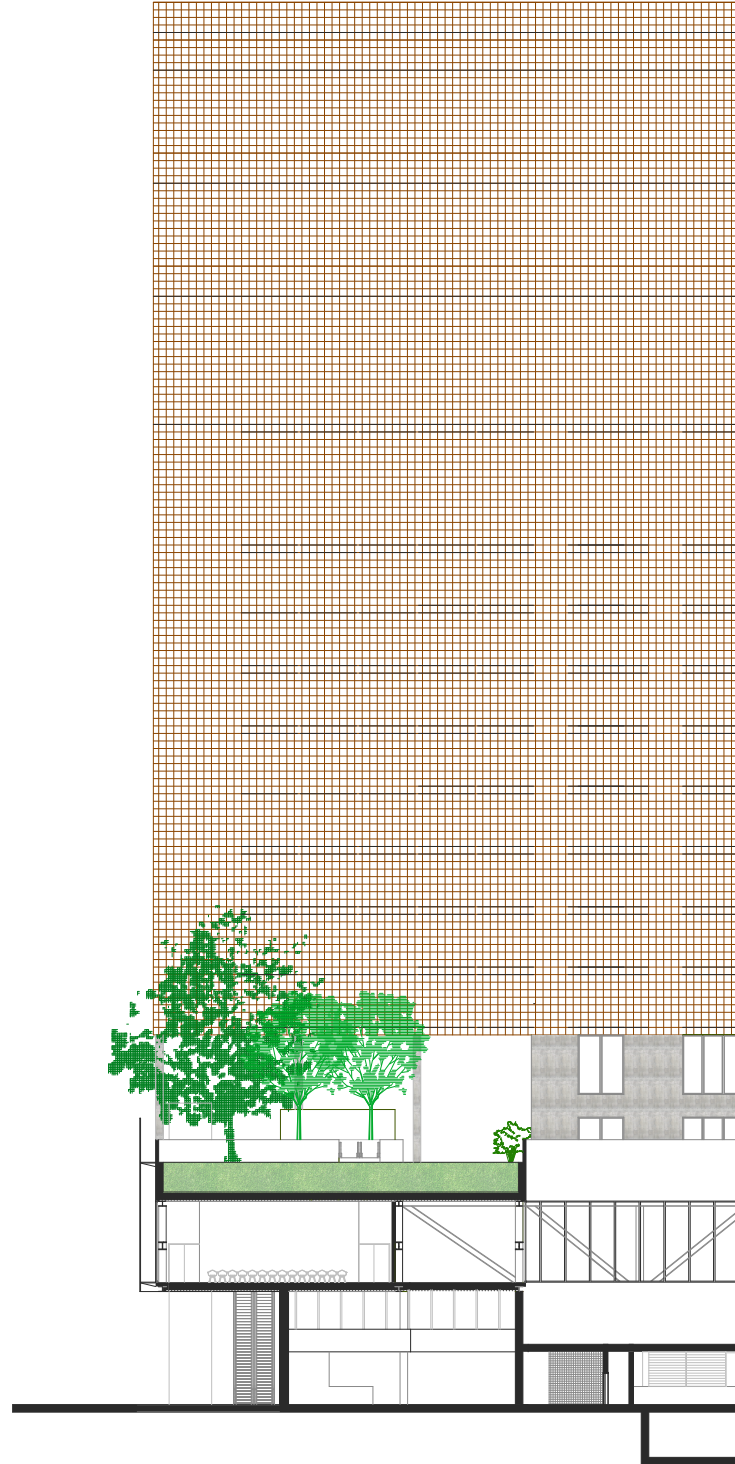


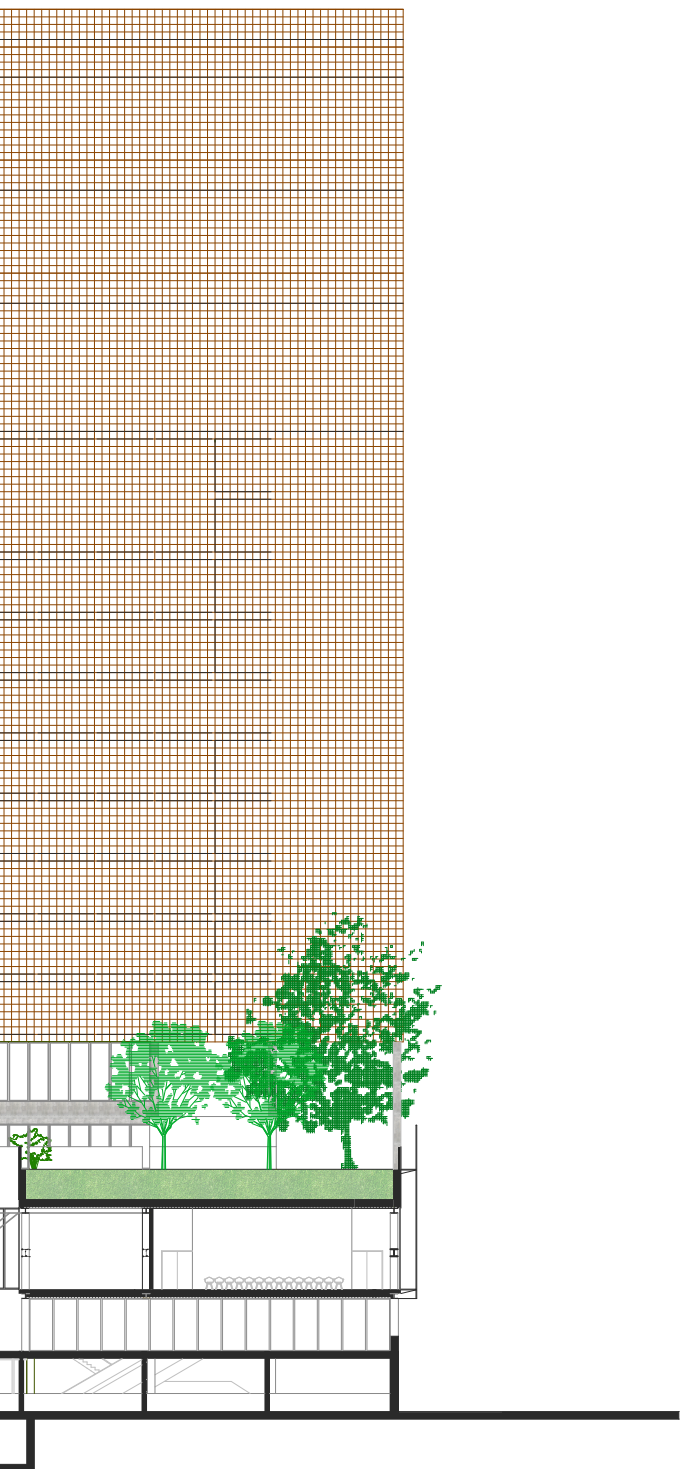


PROJECTO
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa
Corte 4 - 4' esc.1.1000

Outubro 2017

58





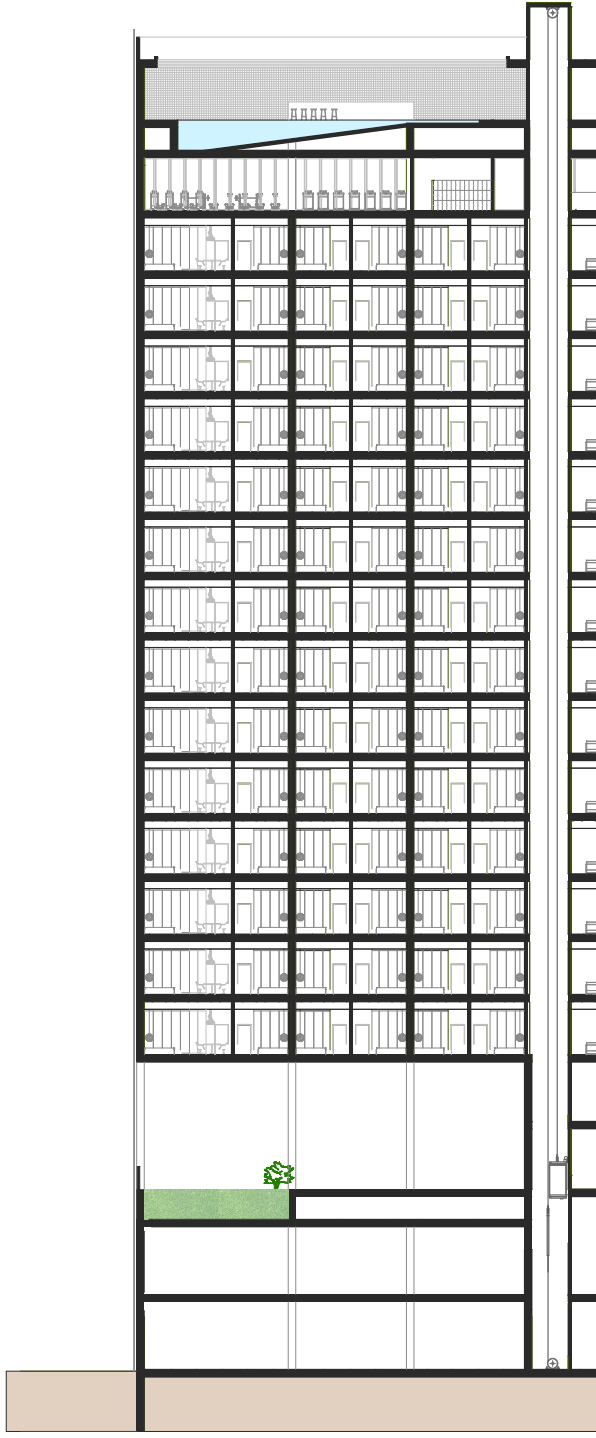
PROJECTO

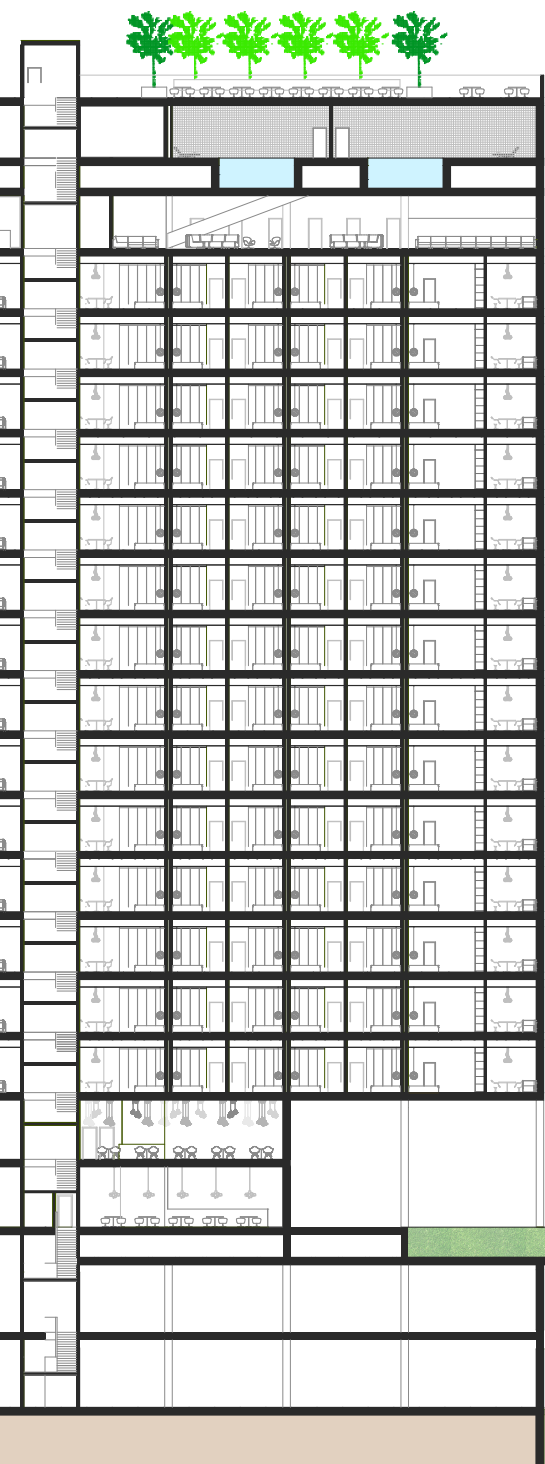
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa

Corte 14 - 14' esc.1.500

Outubro 2017

59





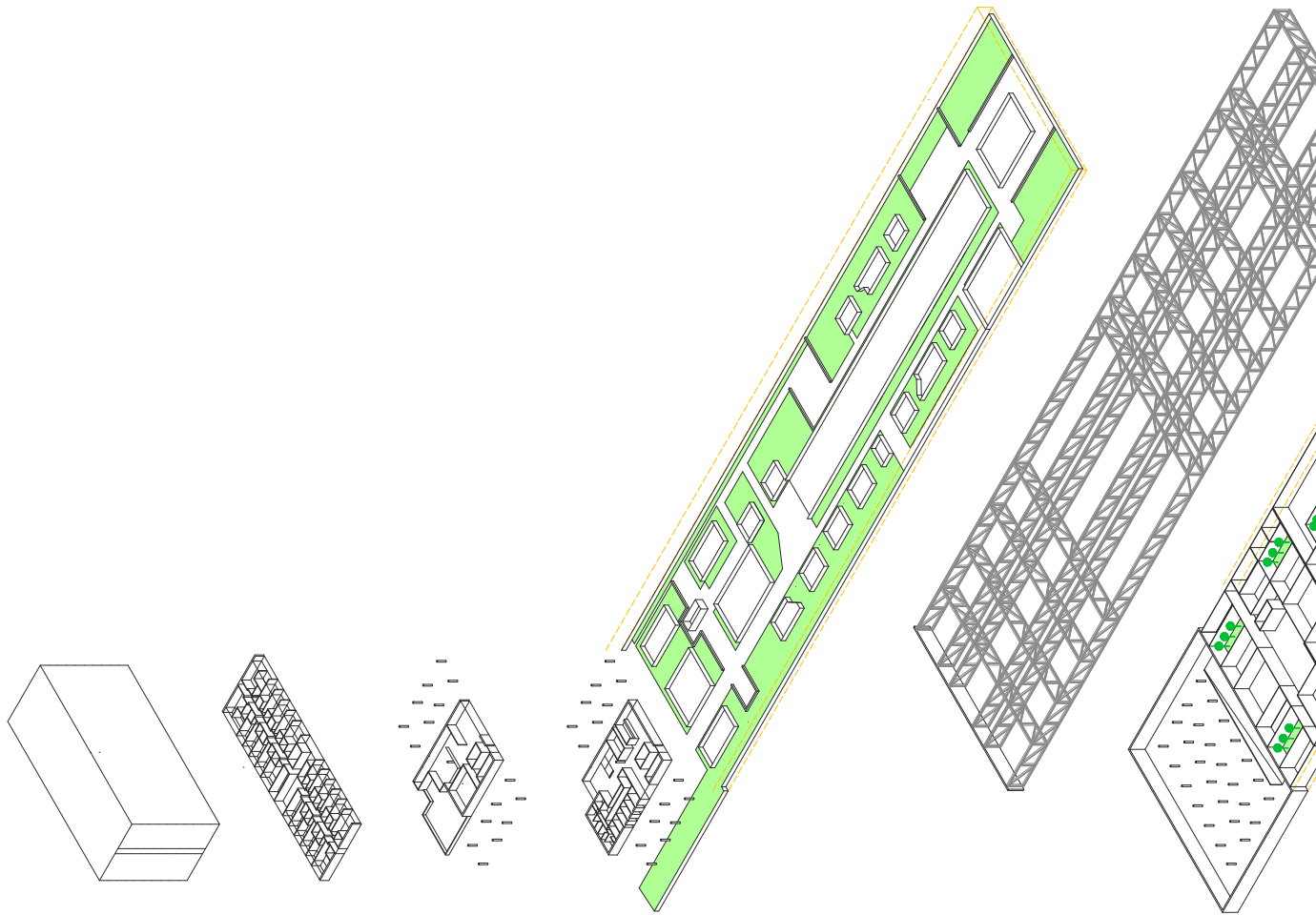
PROJECTO

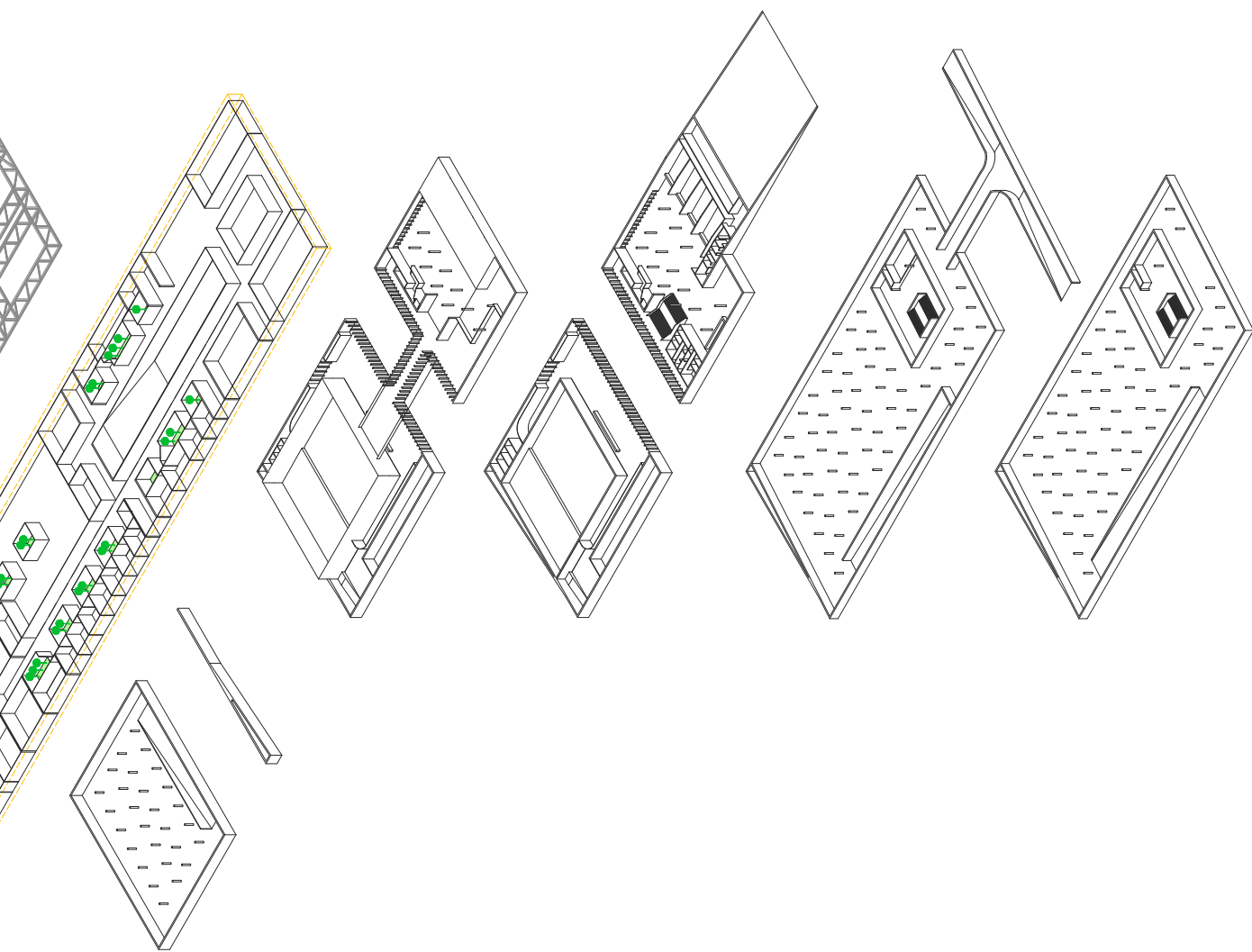
Centro de Congressos e Hotel
Avenidas Novas - Lisboa

Corte 4 - 4' esc.1.500

Outubro 2017

60





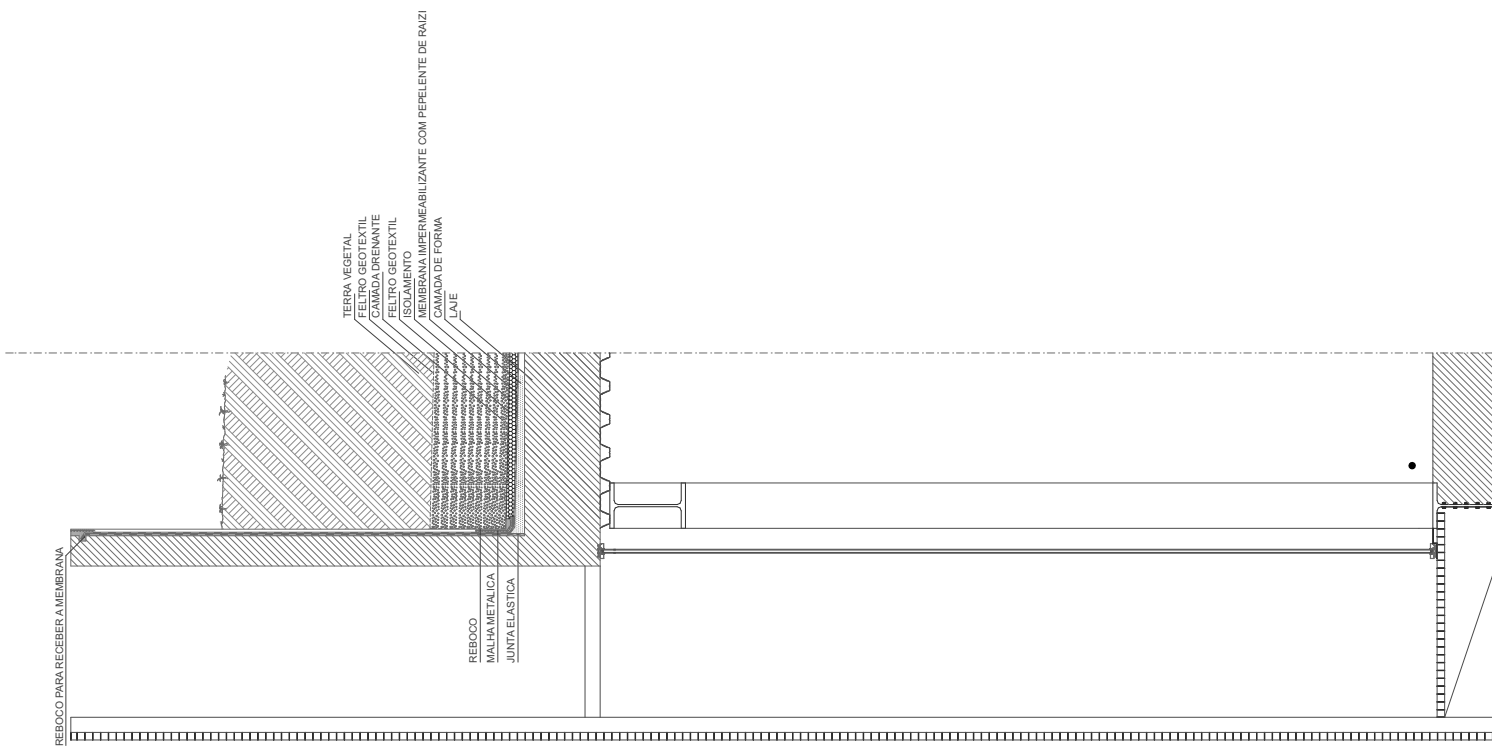
PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

Axonometria

Outubro 2017





PROJECTO

Centro de Congressos e Hotel

Avenidas Novas - Lisboa

Pormenor construtivo esc. 1.50

Outubro 2017



fig 40
Imagem do interior

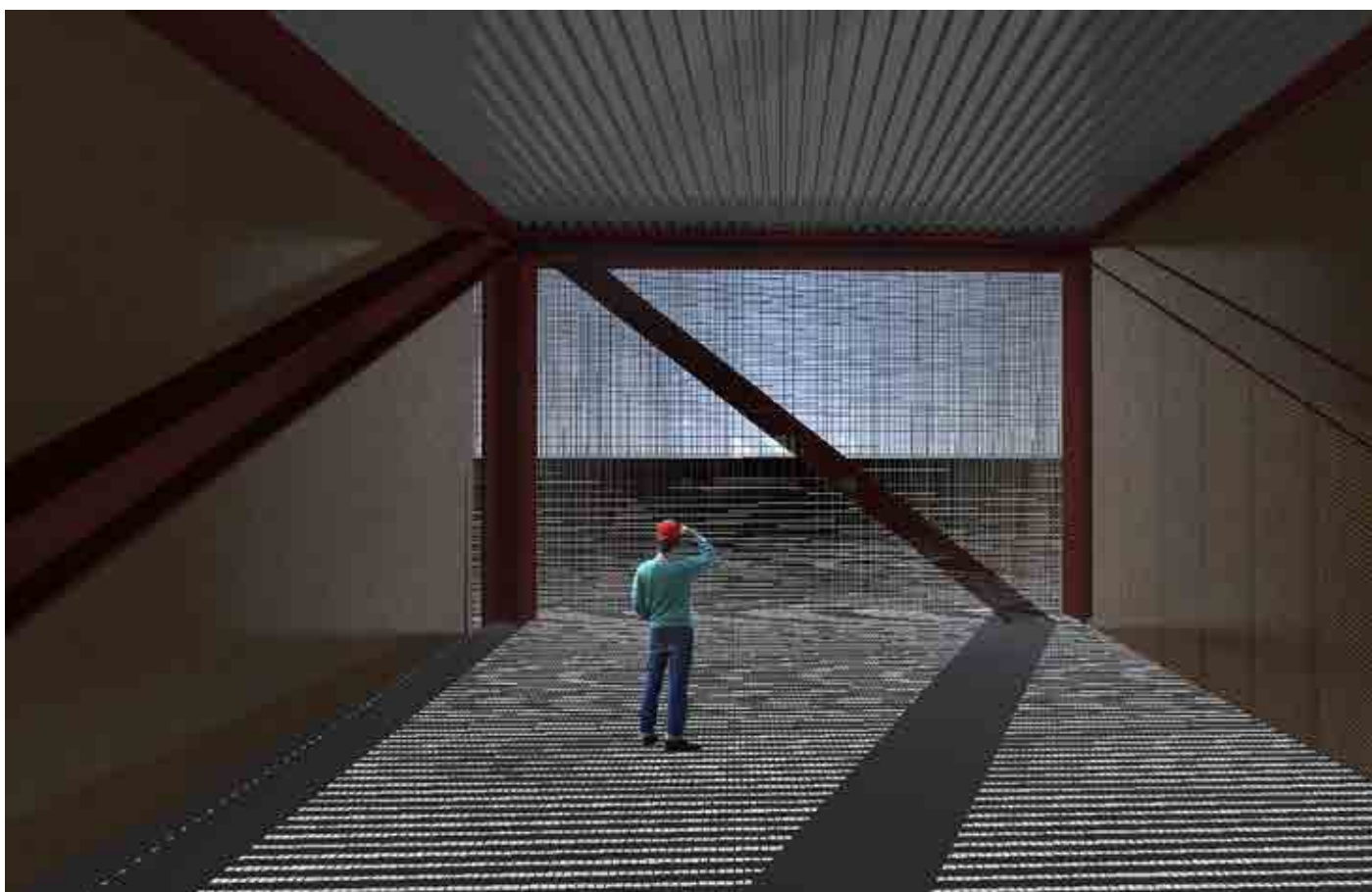


fig 41
Imagem do interior



4 Conclusão



A arquitectura não é uma ciência nem uma área que contenha uma solução pré-definida para as situações propostas. É um exercício multidisciplinar que procura responder às necessidades da sociedade e do homem.

Este trabalho pretendeu repensar a forma da cidade e como a arquitectura pode ser usada para a melhorar. Deve ser tudo menos uma expressão egoísta de quem a concebe criativamente, mas sempre dirigida aos outros, cumprindo uma função social.

Ao longo do trabalho, uma das preocupações que esteve sempre presente foi a questão da mobilidade e acessibilidade. Compreender a influência do desenho na cidade, e como pode contribuir para a melhoria dos espaços, tornando-os inclusivos e acolhedores para todas as pessoas.

A acessibilidade deve ser um aspecto encarado como parte da arquitectura e da forma de pensar a arquitectura.

Em resposta às inquietações que surgiram inicialmente, concluiu-se que a arquitectura articula o mundo através da sua geometria, dando-lhe forma e, de facto, os espaços mais simples que procuram a essencialidade, não só permitem como também facilitam a utilização por parte das pessoas com mobilidade condicionada.

Desde o início deste trabalho que foram definidos objectivos, como unir o território ou a criação de um novo corredor verde, em que se pretende melhorar a mobilidade, acessibilidade e qualidade de vida.

Hoje em dia, mais importantes que nunca, os espaços verdes assumem um papel fundamental na sustentabilidade da cidade. O homem precisa de estar em contacto com a vegetação para encontrar um equilíbrio na cidade, senão a paisagem urbana pode tornar-se demasiado avassaladora.

Ao perceber os problemas e as condicionantes da freguesia das Avenidas Novas e a situação da população foi possível desenhar uma proposta que visa resolver algumas das questões anteriores.

Ao longo do desenvolvimento do projecto foi possível encontrar o desenho pretendido, organizá-lo e simplificá-lo. Foi possível criar espaços que favoreçam o desenvolvimento social e físico dos utilizadores e que ao mesmo tempo conseguem regenerar o espaço.

Este projecto foi pensado para um contexto específico, um determinado lugar, para uma sociedade, com o objectivo de responder aos vários objectivos propostos.



5 Bibliografia



- Acessibilidades e Mobilidades para todos – Apontamentos para uma melhor interpretação do DL 136/2006 de 8 de Agosto. Secretariado Nacional de Reabilitação e Integração das Pessoas com deficiência. AO - Ordem dos Arquitectos. "Boletim Arquitectos nº 231", in Lisboa: Política Nacional de Arquitectura, Bonito, Jorge.
- AO - Ordem dos Arquitectos. A green Vitruvius: princípios e práticas de projecto para uma arquitectura sustentável. O.A., 2001.
- BAEZA, Alberto Campo. A ideia construída. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2004.
- BRANDÃO, P., 2006. A cidade entre desenhos: profissões do desenho, ética e interdisciplinaridade. Lisboa: Livros Horizonte.
- BRU, E., 1997. Nuevos territorios, nuevos paisajes. Barcelona: Museum d'Art Contemporani de Barcelona.
- CABRITA, A. M. R., 1995. O Homem e a casa – definição individual e social da qualidade da habitação. Lisboa: edição do LNEC.
- CARVALHO, A. Habitação para idosos em Lisboa: de colectiva a assistida. O caso de Alvalade. Tese de doutoramento. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.
- CORBUSIER, Le. Vers une Architecture. Paris: Flammarion, 1923.
- CULLEN, G. 2009. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70.
- D'ABREU, A., 2007. Paisagem e Ordenamento do Território, Inforgeo. Julho., pp. 73-77
- Decreto lei nº 220/2008, Regime jurídico da segurança contra incêndios em edifícios
- Decreto lei nº 1532/2008, Regime jurídico da segurança contra incêndios em edifícios
- DEPLAZES, Andrea. Constructing architecture: materials process structures: a handbook. Basel, 2010.
- FERRÃO, J., 2003. Intervir na Cidade: Complexidade, Visão e Rumo. In: Portas, N., Domingues, A., Cabral, J., 2003. Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian., pp. 218-225
- FRANÇA, José Augusto. 1980. Lisboa: urbanismo e arquitectura. Biblioteca Breve
- GEHL, Jan. Life between buildings: using public space. NW: Island Press, 2011.
- FRANÇA, José Augusto. 1989. Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874-1909. Direcção de Raquel Henriques da Silva. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- GONÇALVES, Catarina. Transformação na configuração e apropriação da casa estudo de um edifício da transição para o século XX do Bairro de Camões em Lisboa. Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. 2012.
- GUERRA, I., 2003. Tensões do Urbanismo Quotidiano. In: Portas, N., Domingues, A., Cabral, J., 2003. Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 236-250.
- JACOBS, Jane. The death and life of great American cities. NY: The Modern Library, 1993.
- JODIDIO, Philip. GRAHAM, Harriet. HALSSON, Inga - Green architecture now!. Cologne: Taschen, 2012.
- KOOLHAAS, Rem. Delirious New York: a retroactive manifesto for Manhattan. NY: the Monaceli Press, 1994.
- KOOLHAAS, Rem. S,M,L,XL: Office for Metropolitan Architecture. NY: The Monacelli Press, 1994.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. Morfologia urbana e desenho da cidade. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e a tecnologia. 2004.
- LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70, 1990.

MANSO, Álvaro. Espaços exteriores sustentáveis: guia de concepção ambiental. Intervenção Operacional Renovação Urbana, 2001.

MONTANER, Josep Maria. 2004. Arquitectura e crítica. Barcelona: Gustavo Gili.

NEUFERT, Ernst. 2000. A arte de projectar em arquitectura. Barcelona: Gustavo Gili.

OMS - Organização Mundial de Saúde. Guia global das cidades amigas das pessoas idosas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

PARDAL, Sidónio. Correia, P.V.D. LOBO, M.C. 1991. Normas Urbanísticas – volume II – desenho urbano, perímetros urbanos e apreciação de planos. Lisboa, edição da Direcção Geral do Ordenamento do Território e da Universidade Técnica de Lisboa.

Política Nacional de Arquitectura e Paisagem, Ministério do ambiente, ordenamento do território e energia, 2014.

RASMUSSEN, Steel Eiler. Viver a arquitectura. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

RELPH, E., 1987. A Paisagem Urbana Moderna. Traduzido por A. Carvalho. Lisboa: Edições 70. Rémy, J., Voyé, L., 1994. A Cidade: Rumo a Uma Nova Definição?. Traduzido por J. D. de Almeida, Porto: Edições Afrontamento.

RODRIGUES, M. J. M. O que é: Arquitectura. Lisboa: Quimera Editores, 2002.

ROSA, Maria João Valente. O envelhecimento da sociedade portuguesa. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012.

ROSSI, Aldo. Arquitectura da cidade. Lisboa: Cosmos, 2001.

RYKWERT, Joseph. A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Raquel Henriques. Das Avenidas Novas à Avenida Berna. In: Revista do IHA nº2, Edições Colibri, 2006., página 126-141

SOARES, Luís Bruno, Sobre a estrutura urbana de Lisboa, In: Arquitectura, 1980.

TÁVORA, Fernando. Da organização do espaço. Porto: FAUP, 2004.

TELES, P. 2009. Cidades de Desejo entre desenhos de cidades – Boas práticas de desenho urbano e design inclusivo. Porto: Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade.

WHYTE, William H. The last landscape. Philadelphia: Penn – University of Pennsylvania Press, 2002.

WHYTE, William H. The social life of small urban spaces. New York: Project for Public Spaces, 2001.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam. Barcelona, Amadora: Gustavo Gili, 2006.

ZUMTHOR, Peter. Pensar a arquitectura. Barcelona, Amadora: Gustavo Gili, 2005.

Fontes electrónicas

REYNOLDS, Gretchen. 22/07/2015. How walking in nature changes the brain. Disponível em: http://well.blogs.nytimes.com/2015/07/22/how-nature-changes-the-brain/?smid=li-share&_r=2

Sobre a importância dos espaços verdes. Portal do ambiente e do cidadão. Disponível em: http://ambiente.maiadigital.pt/ambiente/parques_jardins/mais-informacao-1/sobre-a-importancia-dos-espacos-verdes-urbanos

BRATMAN, Gregory N. HAMILTON, J. Paul. HAHN, Kevin S. DAILY, Gretchen C. GROSS, James J. 28/05/2015. Nature experience reduces rumination and subgenual prefrontal cortex activation. Disponível em : <http://www.pnas.org/content/112/28/8567.abstract>

SOARES, Marisa. 29/08/2015. Freguesia das Avenidas Novas tem avós do coração para estudantes deslocados. Disponível em: <http://www.publico.pt/local/noticia/freguesia-das-avenidas-novas-tem-avos-do-cora>

PINTO, Marta. 21/08/2015. Prozac: a pastilha da felicidade é verde. Disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/prozac-a-pastilha-da-felicidade-e-verde-1705606>

CORREIA, Rita. 29/09/2011. Biografia Ressano Garcia. Hemeroteca digital de Lisboa. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RecursosInformativos/Biografias/Textos/RessanoGarcia.pdf>

ROCHA, A. 2007. Por uma defesa da compreensão da paisagem. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/730/1/7-12Pages%20from%20aObraNasce04.pdf>

YOUNG, A., CARMO, R., 2007. Transformações na paisagem, mudanças no uso do solo e planejamento: o sensoriamento remoto como instrumento de análise no caso de Curitiba. Disponível em: <http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.15.18.44/doc/5551-5559.pdf> GUEVARA, S., 2003. Paisajes en evolución: La Arquitectura del Ambiente (desde la perspectiva de un ecólogo). Disponível em: <http://www.revista-ambiente.com.ar/imagenes/06-08-03/paisajes%20en%20evolucion.pdf>

HERZOG, Cecilia P. 2008. Corredores verdes: expansão sustentável através da articulação entre espaços livres, conservação ambiental e aspectos histórico-culturais. Disponível em: https://inverde.files.wordpress.com/2010/08/herzog_cecilia_corredores_verdes.pdf

História de Lisboa. Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/municipio/historia>

Índice de imagens

Figura 1 - [Figura 2 - \[Figura 3 - \\[Figura 4 - \\\[Figura 5 - \\\\[http://s3images.coroflot.com/user_files/individual_files/original_417994_vgHhxC2hSMpvO5LULN-9GuOOt0.jpg\\\\]\\\\(http://s3images.coroflot.com/user_files/individual_files/original_417994_vgHhxC2hSMpvO5LULN-9GuOOt0.jpg\\\\)\\\]\\\(https://www.google.com/search?hl=pt-PT&tbs=simg:CAES2QIJ8e00fBGSIBUazQILEKJU2AQaA-ggDDAsQslynCBphCl8lAxlnau0K7wrECsMK7gq\\\$BJQMuA3sCuAqtSjOM8r6DnrOaYqxyKjKvE4GjD7yhcpUs6e-25H23EWvYkG5Pxyix1FSRRKWhUuteEp4S5rqVTdzLHRHqLLPlza0gBAwLEl6u_1ggaCgolCAESBOQiRcoMCxC-d7cEJGrsBCiKd2JsYWNrLWFuZC13aGI0ZdqIIPYDCwoJL20vMDFnNmdzChYKBHRYZWXapYj2AwoKCC9tLzA3aj-dyCioKfM1vbm9jaHJvbWUgcGhvdG9ncmFwaHnapYj2AwwKCi9tLzAZDQ5cDEKkgoWYXRtb3NwaGVyaWM-gcGhIbm9tZW5vbqtqIIPYDDAoKL20vMDdwdzI3YgolChFuYXR1cmFslGxhbmRzY2FwZdqIIPYDDAoKL20vMDNkM-jh5Mww&q=se+va&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiL56eCx_DWAHXMVxQKHffXBSQqsw4lOw&biw=2496&bih=1185#imgrc=EwmLhQJJ971seM:</p></div><div data-bbox=\\\)\\]\\(https://www.google.com/search?hl=pt-PT&q=centre+of+cascais&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&tbs=simg:CAESIQEJ_1wBPCxh-u2laiQELEKJU2AQaBAGACAMMCxCwjKclGmAKXggDEibxA_1IDnQauCA-eCFPgJlQyUDF_1tNd8p6TetNOAh9TfeKJQp3insNxowSLL_1CsVCK1SA-xxYKEfL_1OvD4YTg8LYffAdC384GKO-NuVOqfNc4-NeaV4gyyH1VQIAQMCxCOrv4IGgoKCAgBEgSznNTEDA&fir=T400JHvk9_v2tM%253A%252Ce-fDqkqY40H7kJM%252C_&usg=__R-_YCDerCoYHDkLtl06HXwki7kc%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjgrcHmxPDWA-hWEWxQKHAWjChsQ9QEIQDAC#imgrc=0ACLvgn4AUJSBM:</p></div><div data-bbox=\\)\]\(https://www.google.com/search?hl=pt-PT&q=braille+black+and+white&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&tbs=simg:CAESwQIJABLKVR0v_1latQILEKJU2AQaBAGACAMMCxCwjKclGmIKYAgDEijHDq8ZsB-nuBPAE8gTQDu8E2gHKDvcs6SzWM-wo-SzSM_1gs8Cz6LIE0GjB9F6ArhUze-XILKCLzhUBeXYdNu_1wQ-bPb5FS-Gh-Jxw6a_1HfGymcC4bsx-rMz05gggBAwLEl6u_1ggaCgolCAESBIR481gMCxCd7cEJGqABChYKBGhhbm-TapYj2AwoKCC9tLzBrNjVwCikD2JsYWNrLWFuZC13aGI0ZdqIIPYDCwoJL20vMDFnNmdzChcKBG5haWzapY-j2AawsKCS9tLzAyM2o0cgoqChZtb25vY2hyb21IHBob3RvZ3JhcGh52qWI9gMMCgovbS8wM2Q0OXAxCh0K-Cm1vbm9jaHJvbWxapYj2AawsKCS9tLzAxbXdrZgw&fir=RSz5LaWwgbWZBM%253A%252CWSYGvUCF7Ojy9M%-252C_&usg=__qQrbYoh-7eAvbfE1icgY7pFuhcc%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjwL23xPDWAHVDWRQKHT3OCTA-Q9QEIMzAB#imgrc=RSz5LaWwgbWZBM:</p></div><div data-bbox=\)](https://www.google.com/search?hl=pt-PT&q=giuseppe+grimaldi+photography&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&tbs=simg:CAESsQIJ5ysaeJQvkgEapQILEKJU2AQaBAGACAMMCxCwjKclGmAKXggDEia-dBGycDZwEmwTECmq$BJoE7wrMK-Aq6znFNug58iyLLuo54jmmLhow2hlCLsd3XfD5hSyhjkGva1CPGCMoEa6a-JCQRVRY00zfasXXg-cYMa7PwFYnMXg1IAQMCxCOrv4IGgoKCAgBEgSwO1MhDAsQne3BCRqSAQoZCgZw-ZXJzb27apYj2AawsKCS9tLzAxZzMXNwoWCgr3b29k2qWI9gMKCggvbS8wODN2dAoaCgZsdW1izXLapYj2Awwk-Ci9tLzAyNXRueWMMKlgoPYmxhY2stYW5kLXdoaxRI2qWI9gMLCgkvbS8wMwC2Z3MKHQoKYNjP2tsYXllctqIIPY-DCwoJL20vMDJjYzB3DA&fir=f1dySDNSdZtK1M%253A%252CveMdiO3BRGXzM%252C_&usg=__kxiAVwaNgaqK-ZECTf876K6sjhX9M%3D&sa=X&ved=0ahUKEwia1K3vw_DWAHUGwBQKHZgjBAMQ9QEIoTAC#imgrc=f1dySD-NSdZtK1M:</p></div><div data-bbox=)

Figura 6 - [Figura 7 - Mapa google earth 2017](https://www.google.pt/search?biw=2496&bih=1185&tbm=isch&q=tecnicas+de+arquivo&sa=X&ved=0ahUKEwiLq8K7yvDWAHVHwXQKHziYAYcQhyYIJQ#imgrc=fBy6JL68l4DuBM:</p></div><div data-bbox=)

Figura 8 - Mapa da população residente, cedido pela Arquitecta Marta Galvão Teles

Figura 9 - Mapa população idosa, cedido pela Arquitecta Marta Galvão Teles

Figura 10 - Mapa de alojamento, cedido pela Arquitecta Marta Galvão Teles

Figura 11 - [Figura 12 - Vista aérea google earth 2017](https://www.google.pt/search?biw=2496&bih=1185&tbm=isch&sa=1&q=es-cher&oq=escher&gs_l=psy-ab.3...67965.69379.0.69953.6.6.0.0.0.172.172.0j1.1.0....0...1.1.64.psy-ab..5.1.171...0j0i67k1.0.QzLJjHVq4#imgrc=2bGXLL423eQsTM:</p></div><div data-bbox=)

Figura 13 - Fotografia de autor

Figura 14 - Fotografia de autor

Figura 15 - Fotografia de autor

Figura 16 - Fotografia de autor

Figura 17 - Fotografia de autor

Figura 18 - Fotografia de autor

Figura 19 - Fotografia de autor

Figura 20 - Fotografia de autor

Figura 21 - Fotografia de autor

Figura 22 - Fotografia de autor

Figura 23 - Fotografia de autor

Figura 24 - Fotografia de autor

Figura 25 - Fotografia de autor

Figura 26 - Fotografia de autor

Figura 27 - Fotografia de autor

Figura 28 - Fotografia de autor

Figura 29 - Esquema de autor

Figura 30 - Esquema de autor

Figura 31 - Esquema de autor

Figura 32 - Esquema de autor

Figura 33 - Ponte vecchio, Florença - https://www.google.pt/search?q=Ponte+vecchio&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiEjf79wfdWAhUHWRQKHQtSDIOQ_AUICigB&biw=2496&bih=1185#imgrc=uNx-Gli4mncNMmM:

Figura 34 - Centro Cultural Luz, São Paulo, Brasil, Herzog & de Meuron - https://www.google.pt/search?q=-centro+cultural+luz+sao+paulo&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiy87T8zPDWAhUCbhQKHc-dUCnAQ_AUICigB&biw=2496&bih=1185#imgrc=1ij-5RloChlx9M:

Figura 35 - Centro George Pompidou, Paris, França, Renzo Piano - https://www.google.pt/search?q=centro+george+pompidou&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjSrafxwvDWAhXGaRQKHdEcDEYQ_AUICigB&biw=2496&bih=1185#imgdii=yjFJYM_ffjdbuM:&imgrc=sDCYJg2DIJ6wCM:

Figura 36 - EWha Womans University, Seoul, Dominique Perrault - https://www.google.pt/search?q=EWha,+Dominique+perrault&tbm=isch&source=iu&pf=m&ictx=1&fir=n2Gt_-AAmK5LMM%253A%252CYa9hzH6yQQY-1M%252C_&usg=__lMrdc1OalNCOsMIQ7guheE3ntdw%3D&sa=X&ved=0ahUKEwjpglSRw_DWAhVDbhQKHQ-QcAIQQ9QEIVjAG#imgrc=n2Gt_-AAmK5LMM:

Figura 37 - High Line de James Corner Field operations e Diller Scofidio + Renfro - https://www.google.pt/search?q=high+line+new+york&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjwkeqOn47XAhXG0SYKHVLo-AuMQ_AUICigB&biw=2521&bih=1240#imgrc=AyYdq0cxmzrDhM:

Figura 38 - Imagem de autor

Figura 39 - Imagem de autor

Figura 40 - Imagem de autor

Figura 41 - Imagem de autor

Figura 42 - Esquema de autor

Figura 43 - Planta de autor

Figura 44 - Planta de autor

Figura 45 - Planta de autor

Figura 46 - Planta de autor

Figura 47 - Planta de autor

Figura 48 - Planta de autor

Figura 49 - Planta de autor

Figura 50 - Planta de autor

Figura 51 - Planta de autor

Figura 52 - Planta de autor

Figura 53 - Planta de autor

Figura 54 - Alçado de autor

Figura 55 - Alçado de autor

Figura 56 - Corte de autor

Figura 57 - Corte de autor

Figura 58 - Corte de autor

Figura 59 - Corte de autor

Figura 60 - Axonometria de autor

Figura 61 - Pormenor construtivo

Figura 62 - https://www.google.com/search?hl=pt-PT&tbm=isch&q=do+not+judge+for+you+will+be+judge-d&oq=&gs_l=#imgrc=XCS7dAVaUVSyXM:

Figura 63 - https://www.google.pt/search?hl=pt-PT&tbm=isch&q=cute+guy+reading+a+book&oq=&gs_l=#imgrc=JITGV3UrkUCbM:

Figura 64 - https://www.google.pt/search?hl=pt-PT&tbm=isch&q=parque+gulbenkian&oq=&gs_l=#imgrc=-vh0N585Nwye_kM:

6 Anexos

6.1 Arquitectura, Paisagem e Política

Arquitectura e paisagem são conceitos polissémicos no sentido em que os seus limites são ténues, confundíveis e diferenciados considerando o contexto onde se inserem.

É seguro afirmar que arquitectura e paisagem consubstanciam um objeto de domínio público, considerando o seu valor social, cultural, económico e ambiental. E o seu impacto no bem-estar e na qualidade de vida das populações, sendo reconhecidamente uma das tarefas fundamentais do Estado consagrados na Constituição da República Portuguesa, carecem por isso, necessariamente, de uma política. Este ponto de partida eleva, naturalmente, o cuidado que deve presidir na consagração das soluções nestas matérias.

Política Nacional de Arquitectura e Paisagismo (PNAP) é definida como “uma política pública, envolvendo e vinculando o Estado a um conjunto de princípios orientadores que visam a qualidade do ambiente construído e a qualidade de vida, a regeneração urbanística e paisagística, a sustentabilidade energética e o combate às alterações climáticas, bem como a educação e a participação dos cidadãos. Uma Política Nacional de Arquitectura deverá ser materializada num documento de carácter orientador, dotado de uma orientação estratégica global e, igualmente, de alguns objetivos específicos e de um conjunto de ações concretas – devidamente calendarizadas e faseadas, que poderão vir a ser revistas e atualizadas periodicamente em função da evolução que se verificar na sua implementação. Uma Política Nacional de Arquitectura será sempre uma política pública que interessará aos cidadãos e que deverá apontar um conjunto de princípios, compromissos e responsabilidades do Estado, das Regiões e das Autarquias em prol da qualidade arquitetónica; deverá igualmente considerar formas de envolver os promotores da encomenda pública e privada em torno deste objetivo, salientando o retorno que daí poderá resultar para o exercício da sua atividade, de definir um conjunto de boas práticas que contribuam para responsabilizar profissionalmente os arquitectos em torno desse mesmo objetivo e de abranger todos os cidadãos com esse mesmo objetivo, consciencializando-os de que forma é que a arquitectura e o urbanismo condicionam as suas vivências e quais as mais-valias para a sua vida e para o seu dia-a-dia que poderão advir de um ambiente urbano e de um parque construído qualificados”.(Bonito, 2013, p.4)

A extensão da definição proposta pelo Arquitecto Jorge Bonito, (2013) é elucidativa da complexidade e da multiplicidade de fatores que deverão estar presentes nesta matéria encerrando, cada um deles, âmbitos e especificidades muito próprios. Em comum, o respeito pelo ambiente construído que a ação do homem no território deverá considerar enquanto forma de atuação cultural e parte integrante de uma identidade coletiva.

Concretizando, a Arquitectura compreende “...todo o espaço edificado, integrando não apenas os edifícios, os seus espaços interiores, e todas as outras estruturas construídas que povoam o território, mas também os espaços exteriores que recortam e desenharam o território. Enquanto disciplina, a Arquitectura é a arte e a ciência de construir, de conceber e desenhar o vazio por intermédio da forma física construída, conferindo ao espaço e ao objeto edificado, materialidade, utilidade e beleza”.(PNAP, p. 16)

Por sua vez, a Paisagem “...é uma parte do território tal qual é apreendida pelas populações, um sistema complexo e dinâmico que resulta da constante acção e interacção do Homem com a Natureza ao longo do tempo. A arquitectura paisagista é, nessa medida, simultaneamente uma arte e ciência, de natureza arquitetónica, capaz de sintetizar na sua intervenção o conhecimento relativo à natureza e à cultura, através de metodologias integrativas e abordagens holísticas. A construção da Paisagem é orientada por princípios e objetivos que conferem qualidade ao território, em termos funcionais, identitários e estéticos”. (PNAP, p. 16)

Acrescentado a Política, à Arquitectura e Paisagem encontramos o elemento que imperativamente funde estas duas realidades. Aqui reside a essência da existência de uma Política Nacional de Arquitectura e Paisagem cuja opção foi, claramente, a de integrar a Arquitectura e a Paisagem numa mesma política pública, que considerando as dimensões e especificidades próprias de cada um destes domínios, procura observar e valorizar os aspetos, os princípios e esferas de atuação que têm em comum.

A Política Nacional de Arquitectura e Paisagem é, pois, um valor acrescentado, não apenas pela importância que é colocada na dinâmica existente entre a Arquitectura e a Paisagem com vista à prossecução de objetivos partilhados, mas também e sobretudo porque, “atendendo à natureza transversal dos domínios em questão, deve ser considerada e integrada nas demais políticas setoriais com impacto no quadro de vida, no bem-estar e qualidade de vida das populações”.(PNAP, p. 16)

Para além da definição importa também referir os objetivos na medida em que se torna a própria definição mensurável no sentido em que lhe dá utilidade, ou seja, para que serve e o que visa atingir.

Assim com vista à concretização dos conceitos anteriormente descritos a comissão coordenadora da PNAP aponta como principais objetivos ou finalidades:

A melhoria da qualidade de vida e o bem-estar dos portugueses;

A prossecução do desenvolvimento sustentável e do desenvolvimento urbano sustentável;

A proteção e valorização do património cultural português;

O incremento e disseminação de uma cultura cívica territorial;

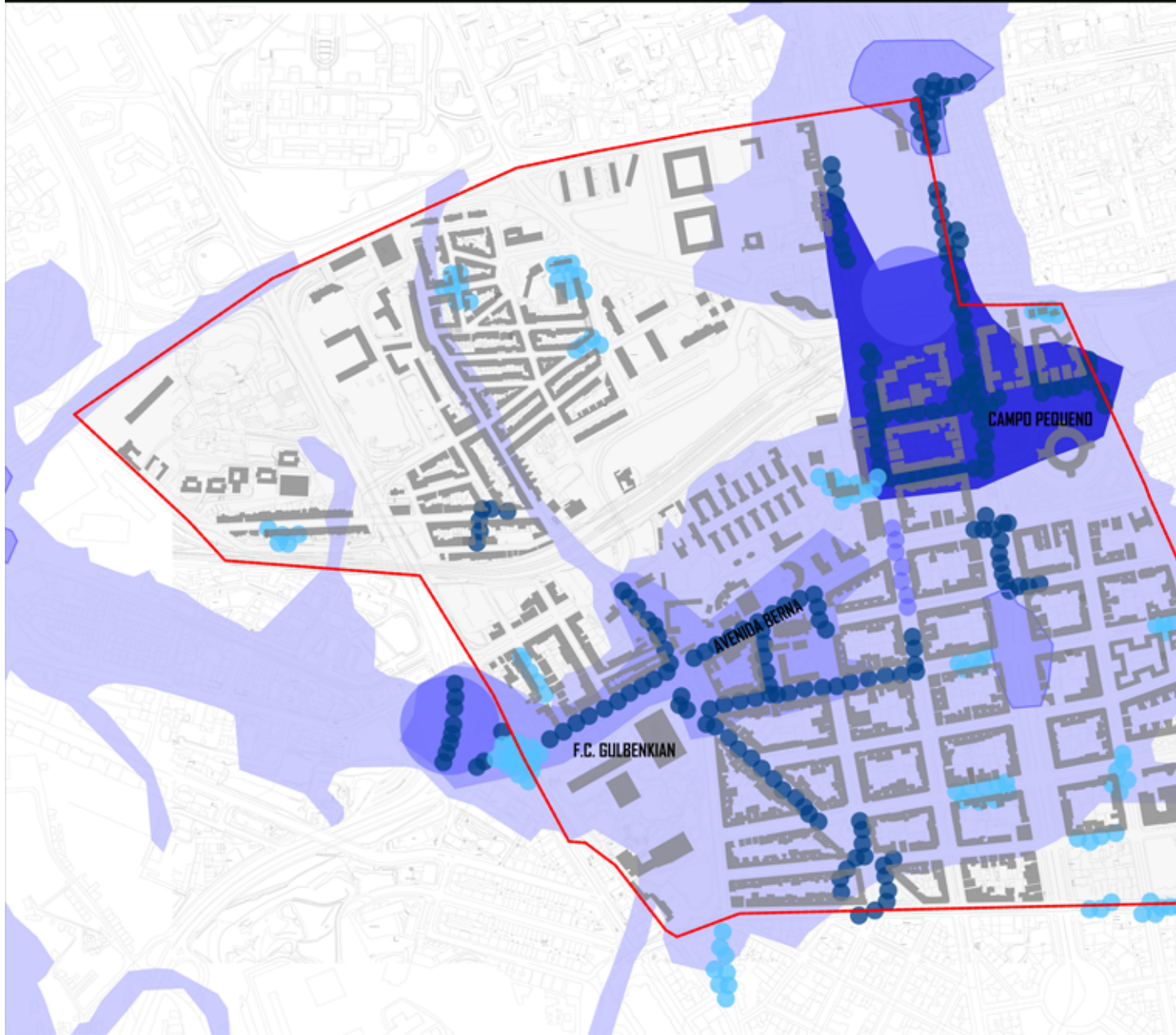
A competitividade da economia nacional e a afirmação do país e da cultura portuguesa na Europa e no mundo.

Todos os objetivos referidos são absolutamente compreensíveis e necessários a uma eficaz política nacional nos domínios em causa. Ficam, no entanto, muitas reservas quanto à exequibilidade e eficácia dos objetivos propostos pelos motivos que adiante se referirão.

"F. C. GULBENKIAN E LISBOA: MELHORAR A CIDADE EXISTENTE"

PROJECTO INTEGRADO DA PAISAGEM | PROJECTO INTEGRADO URBANO

ZONA



CAROLINA MONTEIRO | CÁTIA FIGUEIRA | DORIS DRYNIK | FRANCISCA SOUSA



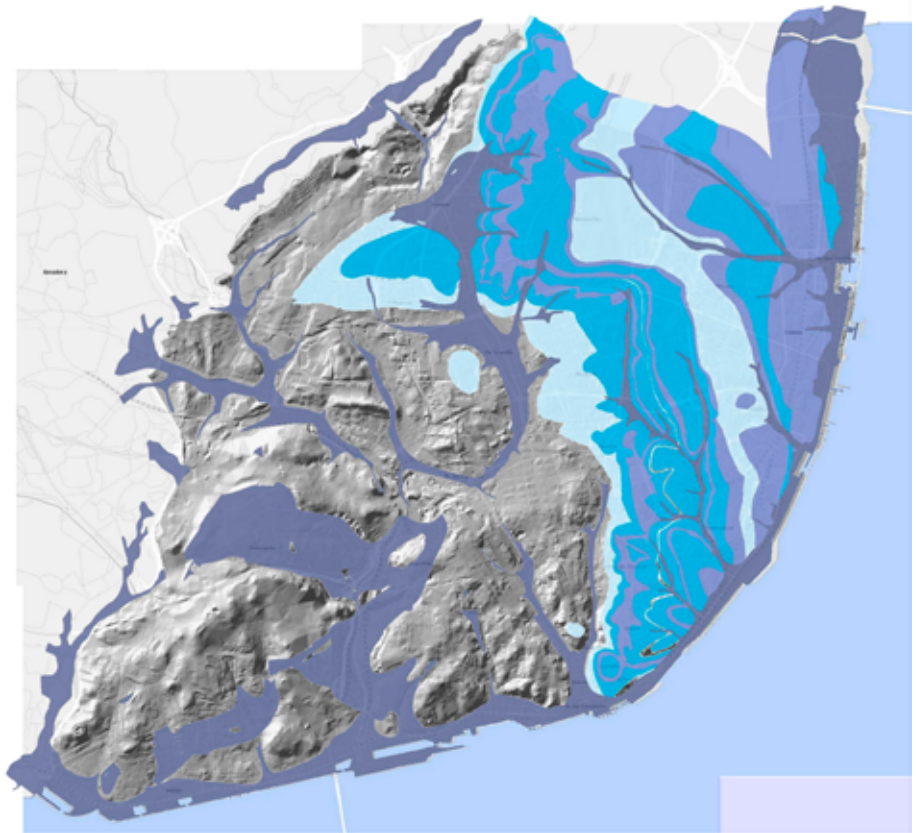
REDE HIDROGRÁFICA

Legenda Bacias Hidrográficas:

- Alta permeabilidade
- Média da permeabilidade
- Baixa da permeabilidade

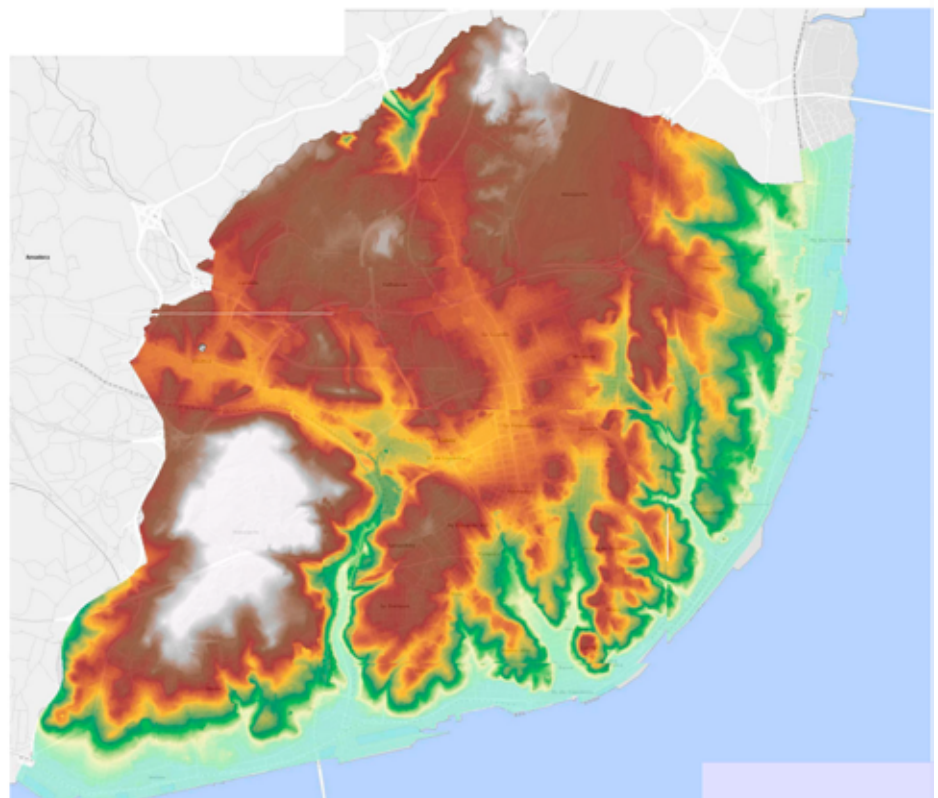
Legenda Riscos de Inundações:

- Muito elevada
- Elevada
- Moderada



PLANTA HIPSOMETRIA

- Altitude (m):
- 0 - 10
 - 10 - 30
 - 30 - 50
 - 50 - 70
 - 70 - 100
 - 100 - 150
 - 150 - 220
 - Eixo de Via



"F. C. GULBENKIAN E LISBOA: MELHORAR A CIDADE EXISTENTE"

PROJECTO INTEGRADO DA PAISAGEM | PROJECTO INTEGRADO URBANO



DIVERSIDADE DE MOBILIÁRIO URBANO (CANDEEIROS DE RUA E BANCOS):



CAROLINA MONTEIRO | CÁTIA FIGUEIRA | DORIS ORYNIK | FRANCISCA SOUSA



PROBLEMAS DE ACESSIBILIDADES | ACCESSIBILITY'S PROBLEMS

Ativado do Google (o formato) que usamos formato para Street View do Google Earth. Se possível, envie uma foto de qualquer problema que a cidade de Coimbra quiser implementar para a cidade de Coimbra (problemas de acessibilidade, problemas de estacionamento, problemas de segurança e a situação do mobiliário urbano para facilitar a passagem de pedestres).

1



2



3



4



5



6



PROBLEMAS DE MAU USO E APROPRIAÇÃO DO MOBILIÁRIO URBANO | ACCESSIBILITY'S PROBLEMS

A foto do mobiliário urbano em uso, em áreas verdes, parques e jardins da cidade de Coimbra, para a cidade de Coimbra (problemas de acessibilidade, problemas de estacionamento, problemas de segurança e a situação do mobiliário urbano para facilitar a passagem de pedestres).

1



2



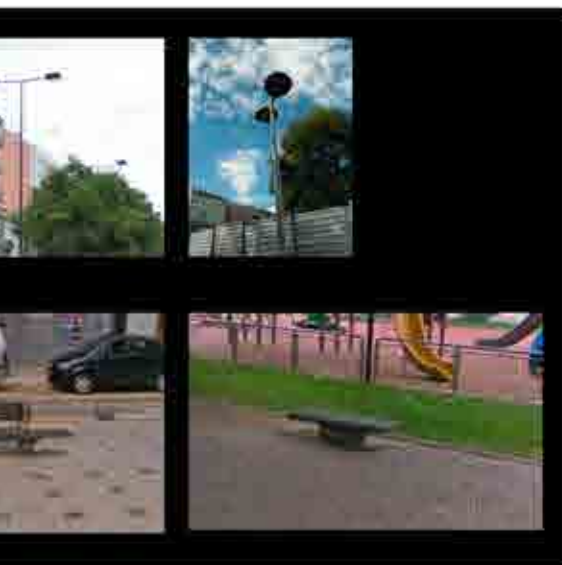
LEGENDA:

- Paragem de autocarro
- Banca / Quiosque
- Parque infantil
- Árvore
- Área verde
- Ciclovia em funcionamento
- Ciclovia em obra
- Ciclovia em projecto

CICLOVIAS



CORREDOR VERDE | GREEN CORRIDOR

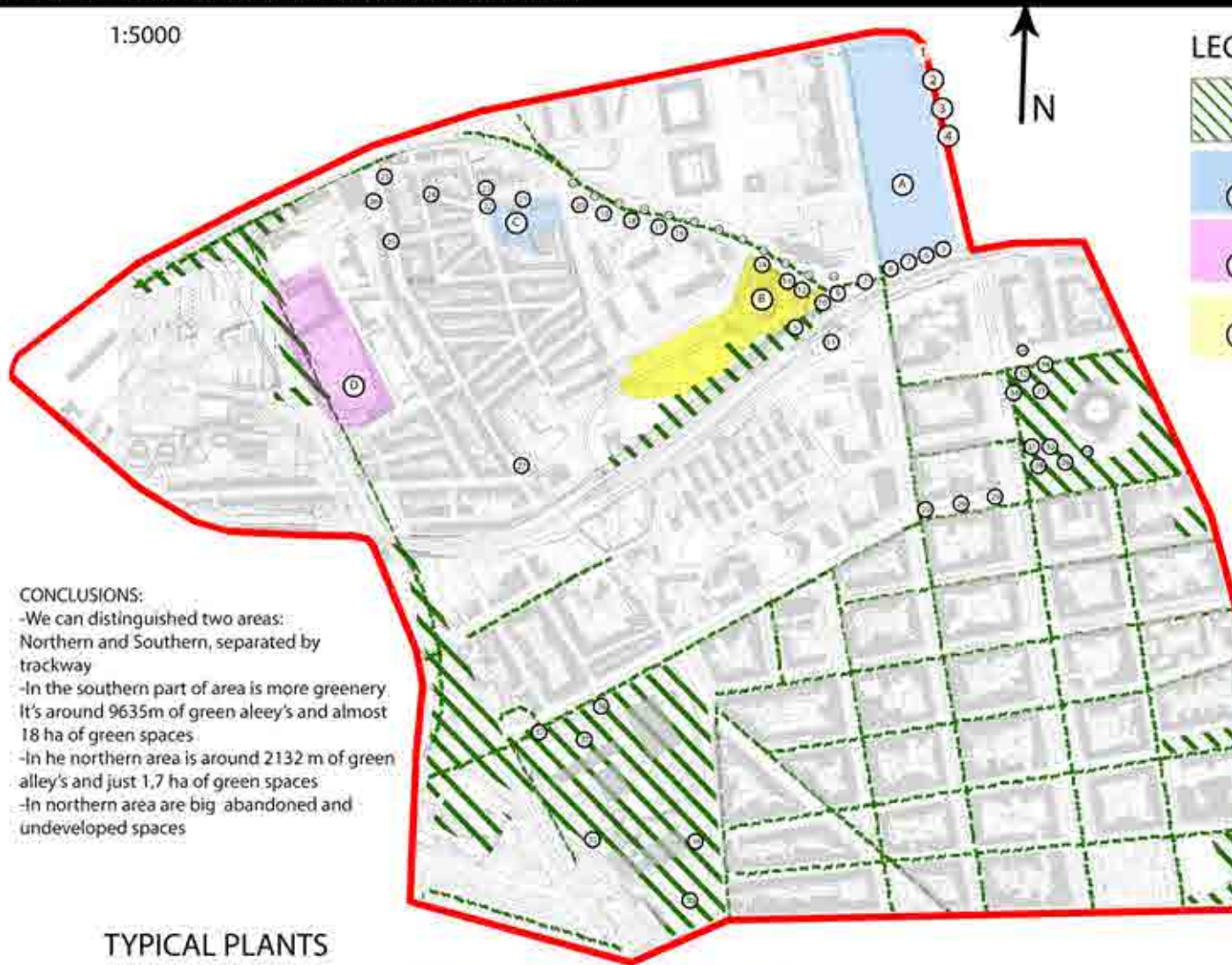


"F. C. GULBENKIAN E LISBOA: MELHORAR A CIDADE EXISTENTE"

PROJECTO INTEGRADO DA PAISAGEM | PROJECTO INTEGRADO URBANO

VAR

1:5000



CONCLUSIONS:

- We can distinguished two areas: Northern and Southern, separated by trackway
- In the southern part of area is more greenery It's around 9635m of green alleys and almost 18 ha of green spaces
- In he northern area is around 2132 m of green alleys and just 1,7 ha of green spaces
- In northern area are big abandoned and undeveloped spaces

TYPICAL PLANTS



CAROLINA MONTEIRO | CÁTIA FIGUEIRA | DORIS DRYNIK | FRANCISCA SOUSA

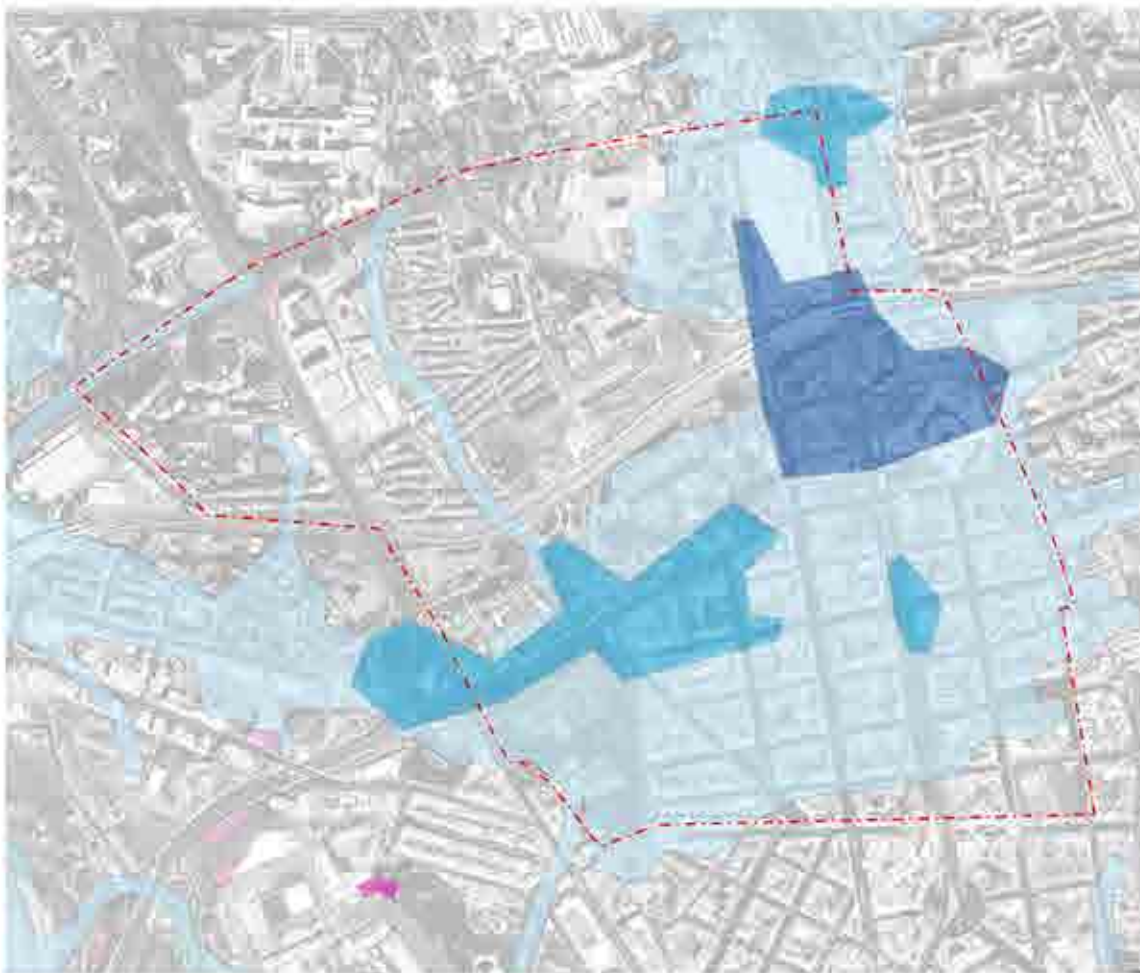
LEGEND

-  GREEN SPACES
-  ABANDONED SPACES
-  CONSTRUCTION SITE
-  UNDEVELOPED GREEN



ENGLISH AND LATIN NAMES OF PLANTS





Demografia
 Demography

População Residente
 Resident Population

Lisboa



2011
 2001
 1991

10000
 8000
 6000
 4000
 2000
 0



10000
 8000
 6000
 4000
 2000
 0

10000
 8000
 6000
 4000
 2000
 0

10000
 8000
 6000
 4000
 2000
 0



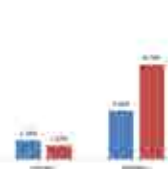
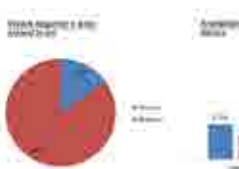
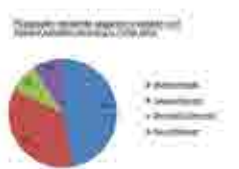
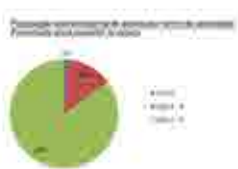
Censos 1991



Censos 2001



Censos 2011



População Residente
 Resident Population

Homens	3507
Mulheres	4503
Total	8011

Densidade populacional n°/km²
 Population density n°/km²
 Homens 3507,83
 Mulheres 4503,3
 Total 8011,1



População Residente
 Resident Population

Estado Civil	1991	2001	2011
Divorciado	100	150	200
Viúvo	150	200	250
Marido	200	250	300
Esposado	250	300	350
União de facto	300	350	400
Solteiro	350	400	450
Outros	400	450	500

População Presente
 Present Population



Censos 1991



Censos 2001

Índice de envelhecimento
 Aging index



Censos 2001



Censos 2011

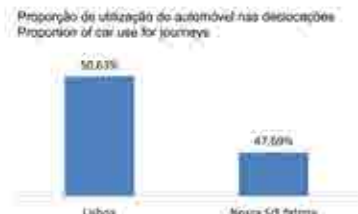


Beneficiários do complemento solidário idoso
 Elderly beneficiaries of solidarity supplement

	Mulheres Women	Homens Men	Total
2000	188	42	231
2001	222	55	277
2010	219	98	273
%Suaresão	13,8	38,1	18,2

Beneficiários do rendimento social de inserção
 Recipients of social insertion income

	Mulheres Women	Homens Men	Total
2008	232	217	449
2009	264	236	500
2010	260	251	510
%Suaresão	27,2	15,7	21,0

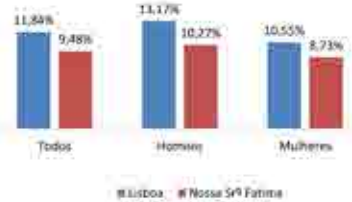


Taxa de desemprego
 unemployment rate



	Homens Men	Mulheres Women	Total
Liçboa	70809	11040	18849
Nossa Senhora de Fátima	359	378	736

Total de mulheres na freguesia de Nossa Senhora de Fátima: 8591
 Total de mulheres desempregadas: 326
 Percentagem: 8,73%



Indivíduos residentes empregados
 employed residents



Alojamento
 accommodation



Proporção de alojamentos familiares clássicos autorizados ou sub autorizados:
 Liçboa: 42,23%
 Nossa Senhora de Fátima: 41,27%

Proporção de alojamentos familiares clássicos 2009:
 Liçboa: 15,55%
 Nossa Senhora de Fátima: 16,60%

Proporção de alojamentos familiares clássicos 1909:
 Liçboa: 16,56%
 Nossa Senhora de Fátima: 19,95%

Alojamento por tipologia de construção
 accommodation by construction type



Alojamento por tipologia de construção
 accommodation by construction type



Alojamentos familiares clássicos de residência habitual N°

	TAM	Menos 10 m2	10 a 20 m2	20 a 40 m2	40 a 60 m2	60 a 80 m2
Liçboa	237047	6914	28134	77345	57746	27962
Nossa Senhora de Fátima	8877	123	510	1888	1779	532

Densidade de Alojamentos (hab/m2)

Liçboa	3914,06
Nossa Senhora de Fátima	5473,53

Tipo de utilização dos edifícios

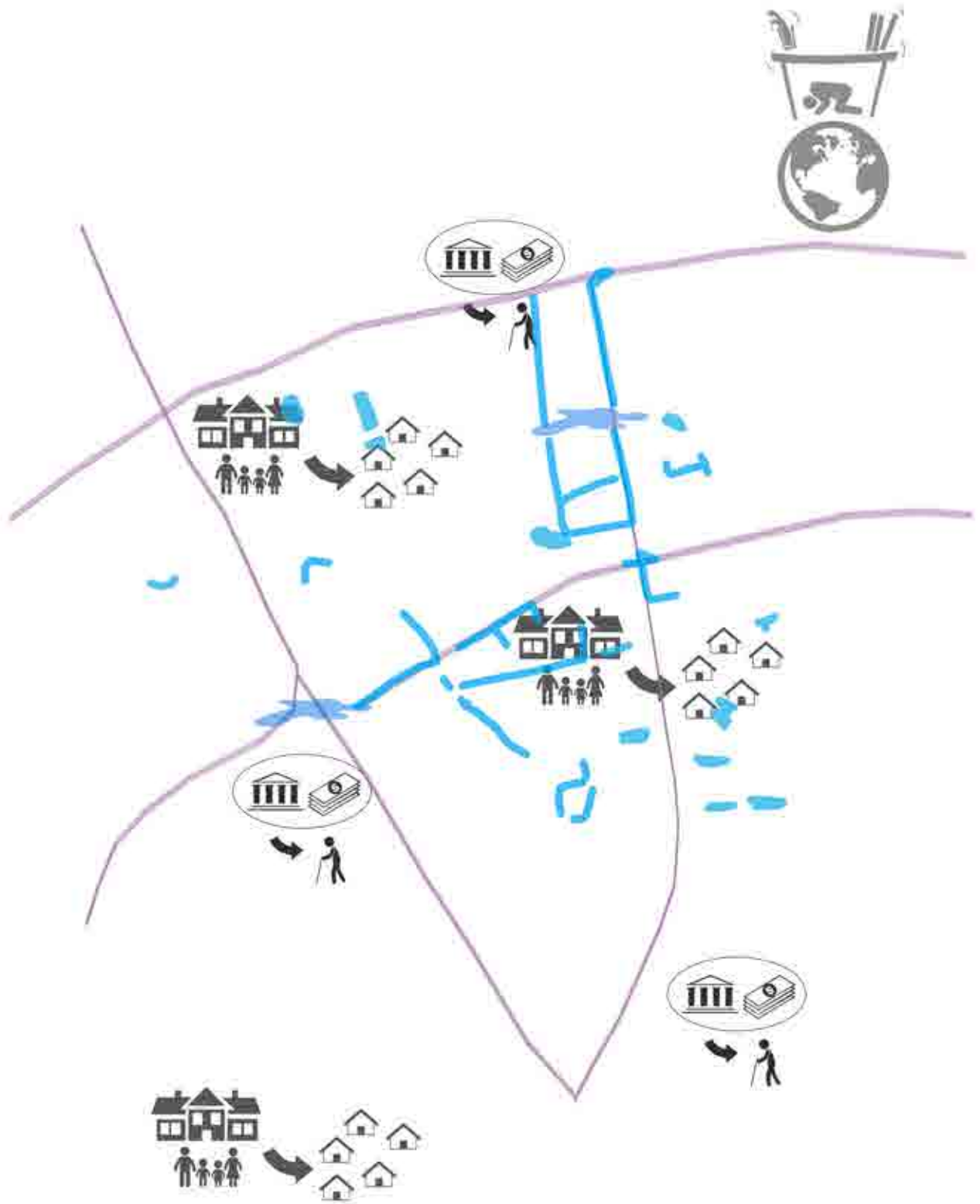
	Exclusivamente residencial	Misto residencial	Principalmente não residencial
Liçboa	41268	10133	418
Nossa Senhora de Fátima	960	517	81

Alojamentos familiares clássicos de residência habitual N° forma de ocupação

	Residência habitual	Residência secundária	Vago	Total
Liçboa	237454	35408	52009	324871
Nossa Senhora de Fátima	6878	1437	3872	12187

Edifícios por época de construção N°

	Anos 1819	1819 - 1945	1946 - 1970	1971 - 1990	1991 - 2011	Total
Liçboa	50279	6767	20114	6471	6083	324871
Nossa Senhora de Fátima	63	275	309	188	201	1204





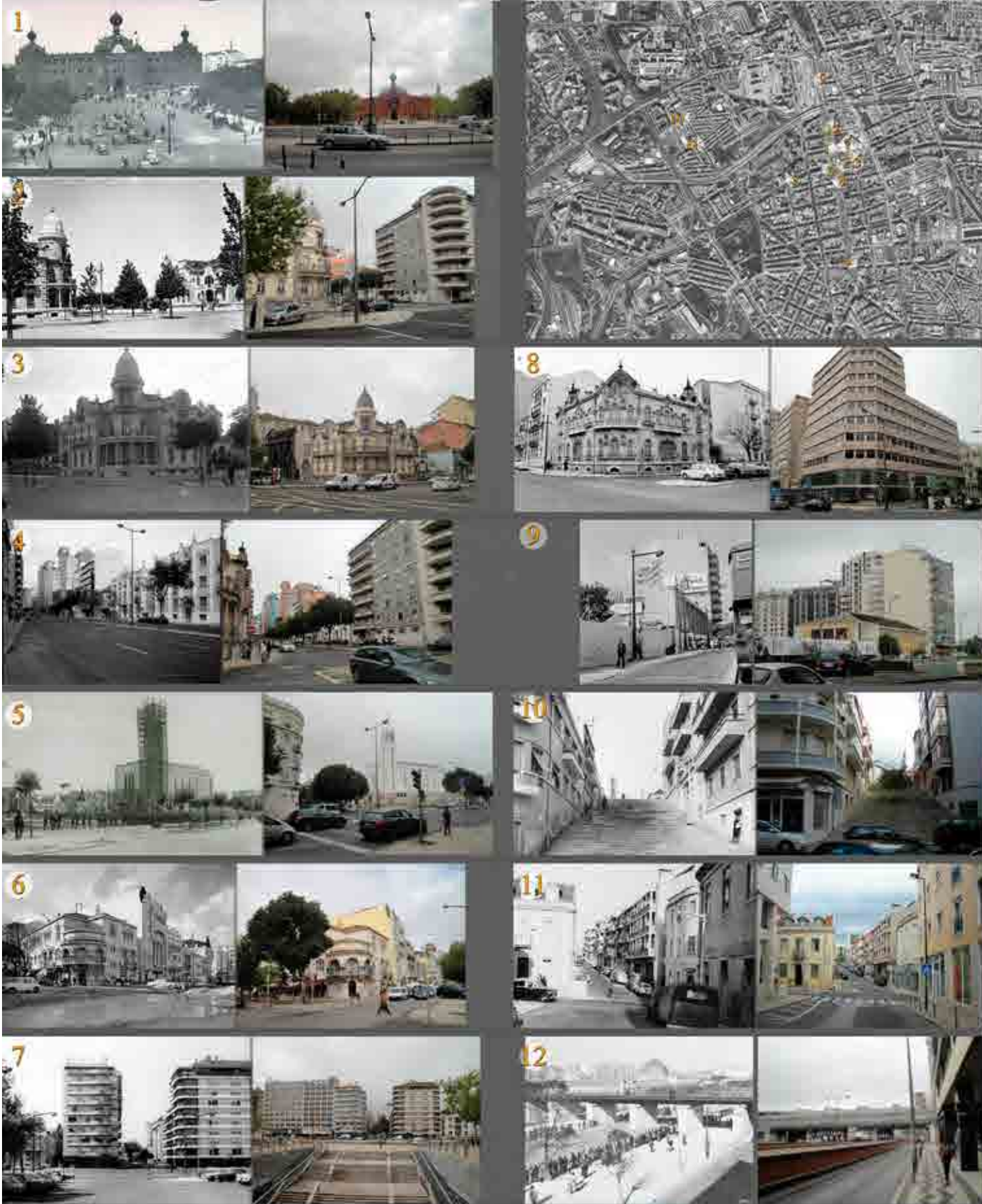
„F. C. Gulbenkian E Lisboa: Melhorar a cidade existente“

Projecto Integrado de Paisagem

Projecto Integrado Urbano

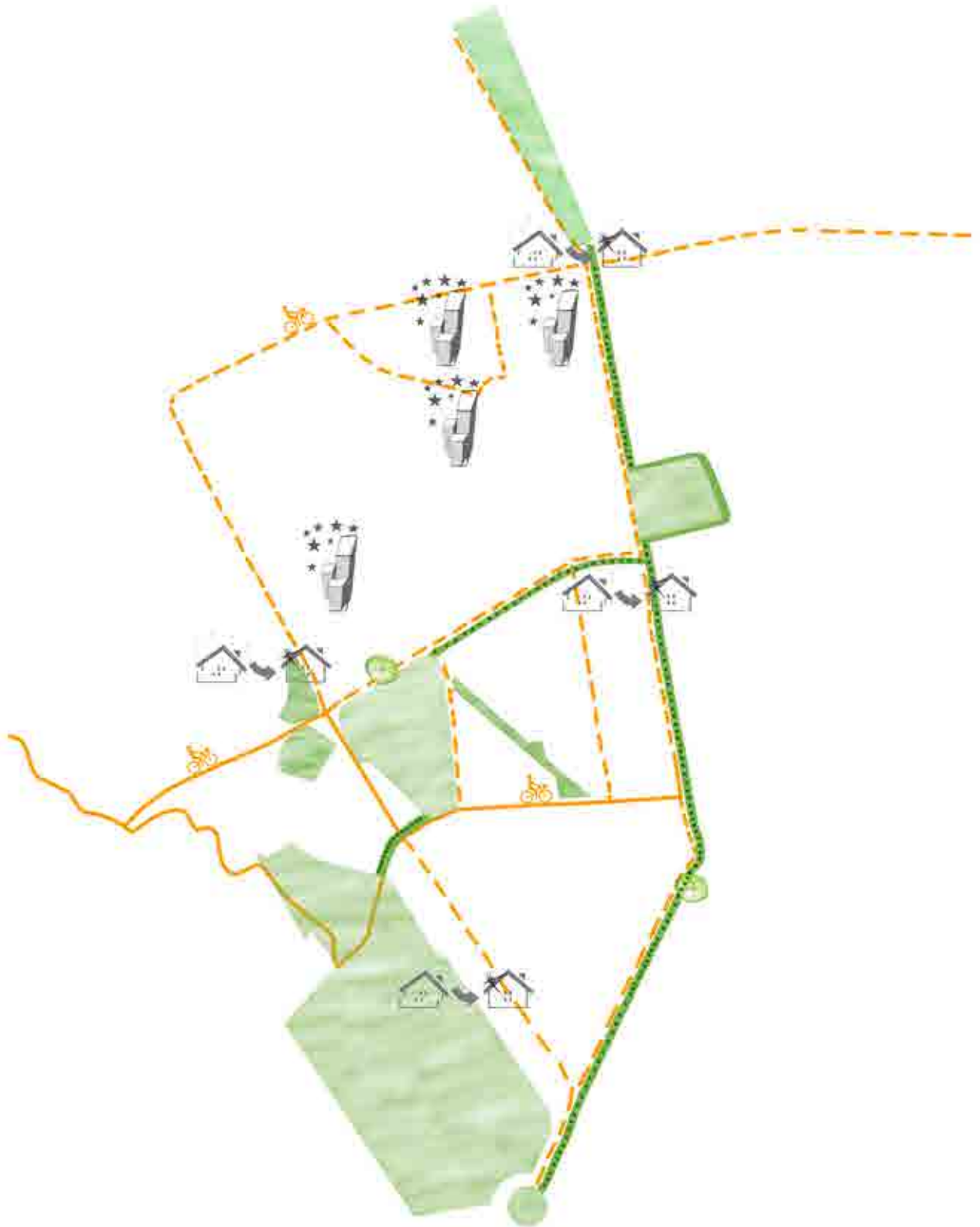


poluição sonora	atrasamentos perigosos	edifícios em abandono/ ruína	desordenamento
tráfego excessivo	zonação de perigo	limite	





zonas notivels	equipamentos culturais	equipamentos de lazer	equipamentos desportivos	igrejas
unidades de habita	comercio	areas espectaculos	espaços verdes	limite





„F. C. Gulbenkian E Lisboa: Melhorar a cidade existente”
 Projecto Integrado de Paisagem
 Projecto Integrado Urbano



S W O T

Multi-cultural:
 *Divers structures with different characteristics (parks, urban gardens, pathways)
 *Good offer on health (presence of public and private hospitals)
 *Good supply of schools and access within the presence of youth
 *Diversity
 *Commercial component and service
 *Wide cultural offer
 *Presence of cultural institutions with large capacity and international reputation (Gulbenkian Foundation)
 *History of uses of buildings
 *Historic buildings
 *Good level of road network, proximity to the road, the railway line)
 *Metro and bus stops as well as proximity to the North-South A11

*Degradation of the building
 *Parking along the road and illegal
 *Traffic jam
 *Dangerous crossings along main roads
 *Lack of accessibility
 *Aging (more higher in this area than in rest of the city)
 *There is no consolidated connection between green corridors to promote the integration, enhancement and promotion of the natural and cultural heritage
 *Pollution (noise, visual, air)
 *Sense of insecurity in specific areas
 *Quality of pedestrian spaces
 *Elderly people ...

strengths
 opportunities

Weaknesses
 threats

*Availability of 516 hectares of buildings and zones of urban intervention
 *Sustainable of green areas
 *Urban growth
 *Adoption of social projects proposed by the Gulbenkian and architecture to bring new ideas
 *Expansion of bike lanes combined with existing vegetation
 *Qualification of the urban public space favoring the pedestrian
 *Upgrading and strengthening of commercial and service components
 *Quality of urban space

*Outflow of population to suburban areas with lower prices
 *High number of beneficiaries dependent on pension
 *Difficulty in responding to the needs of aged persons
 *High seismic risk
 *Demarcation of green and greyed



F O F A

Multi-cultural:
 *Estrutura verdeira que contém sistemas diferenciados (parks, urban gardens, pathways)
 *Boa oferta na área de saúde (presença de hospitais públicos e privados)
 *Boa oferta de escolas a nível da cidade (presença de jardins)
 *Diversidade
 *Componente comercial e de serviços
 *Oferta cultural ampla
 *Presença de instituições culturais com grande capacidade e reputação internacional (Fundação Gulbenkian)
 *História
 *Estrutura de usos de edifícios
 *História da cidade
 *Boa nível de acessibilidade
 *Bom nível de proximidade e proximidade à linha de comboios, estações de metro e presença de estações de autocarros no Eixo Norte-Sul

*Degradação do edifício
 *Estacionamento ao longo da A11 e ilegal
 *Congestionamento
 *Acesso limitado por alguns dos eixos principais
 *Falta de acessibilidade
 *Índice de envelhecimento superior ao da cidade
 *Não há ligação consolidada de corredores verdes para promover a proteção, valorização e dinamização das possibilidades naturais e culturais
 *Poluição (sonora, visual, atmosférica)
 *Sensação de insegurança em zonas específicas
 *Qualidade das espaços públicos
 *Sem arborização

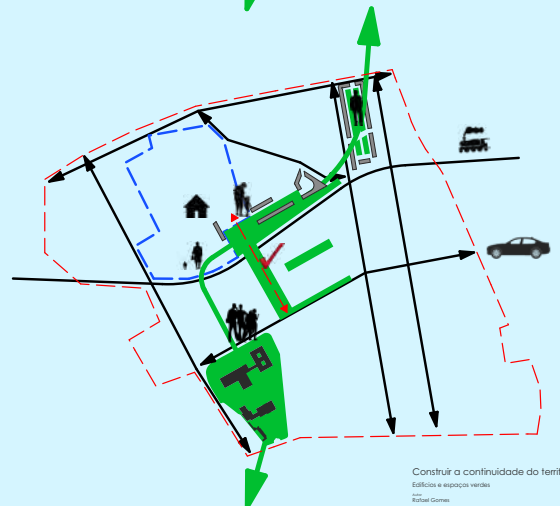
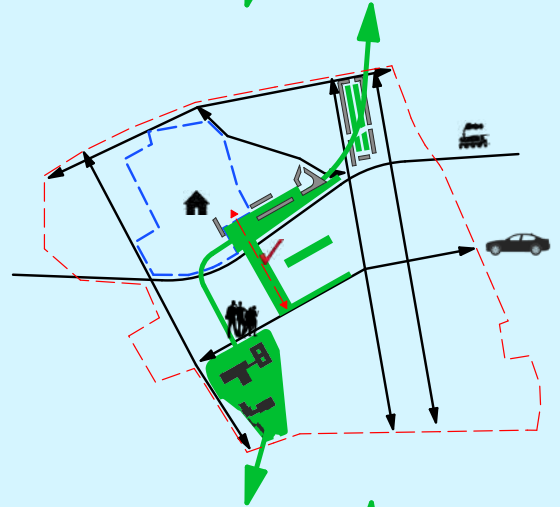
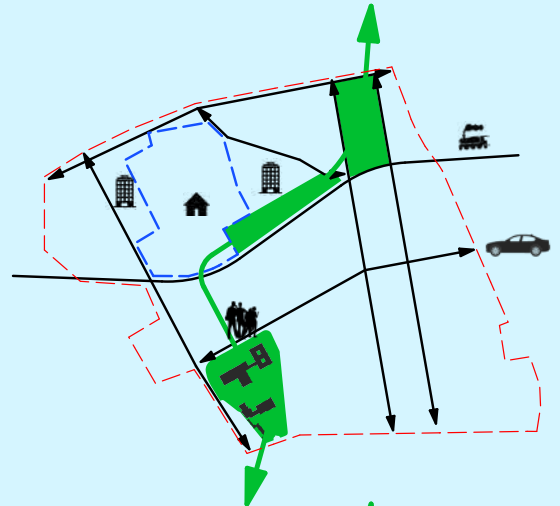
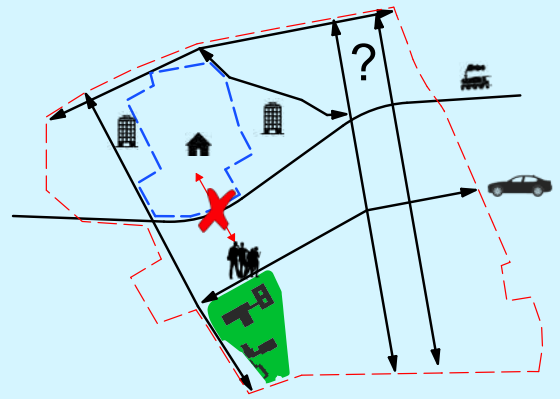
Forças
 oportunidades

Fraquezas
 ameaças

*Reabilitação do edifício em ruínas e reutilização de zonas de ocupação
 *Reabilitação de áreas urbanas
 *Adoção dos programas sociais por parte da Gulbenkian e de infra-estruturas para acolhimento de novos
 *Idosos
 *Expansão da rede de ruas cicláveis favorecendo o modo de circulação e de vegetação existente
 *Qualificação do espaço público urbano favorecendo o pedestre
 *Requalificação e reforço das componentes comerciais e de serviços
 *Qualidade do espaço urbano

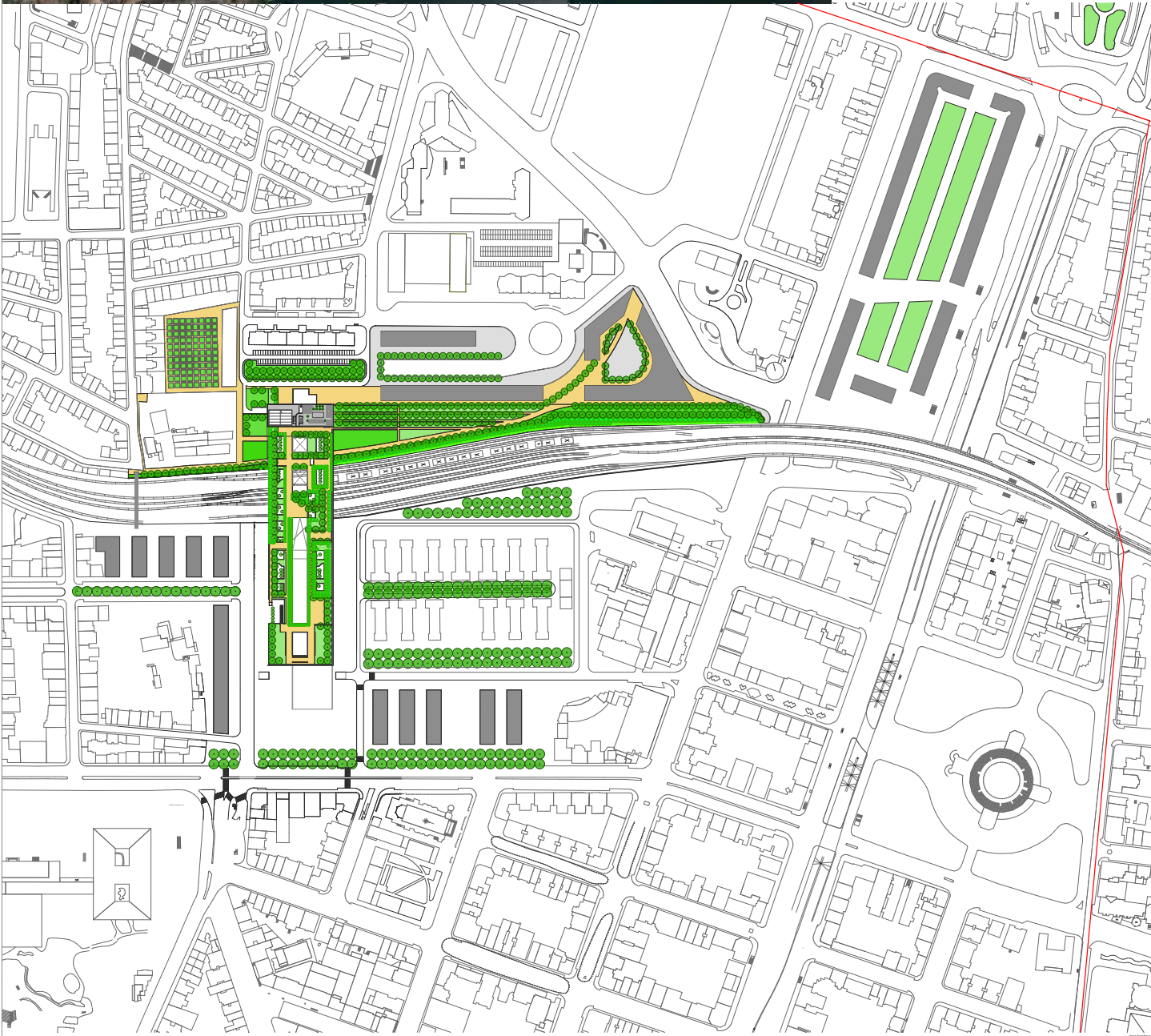
*Saída de população para áreas suburbanas com preços mais baixos
 *Elevado número de beneficiários dependentes de pensões
 *Dificuldade em responder às necessidades das pessoas envelhecidas
 *Risco sísmico elevado
 *Demarcação de zonas verdes e cinzentas

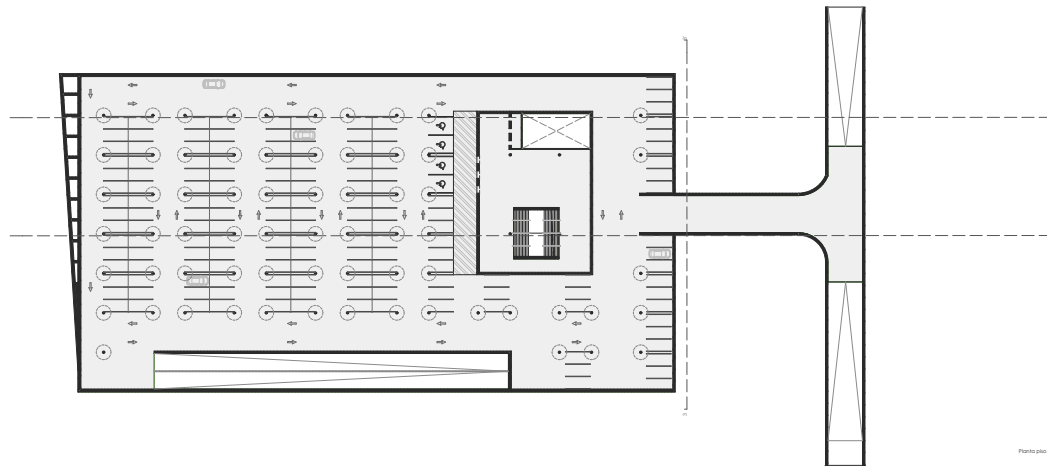
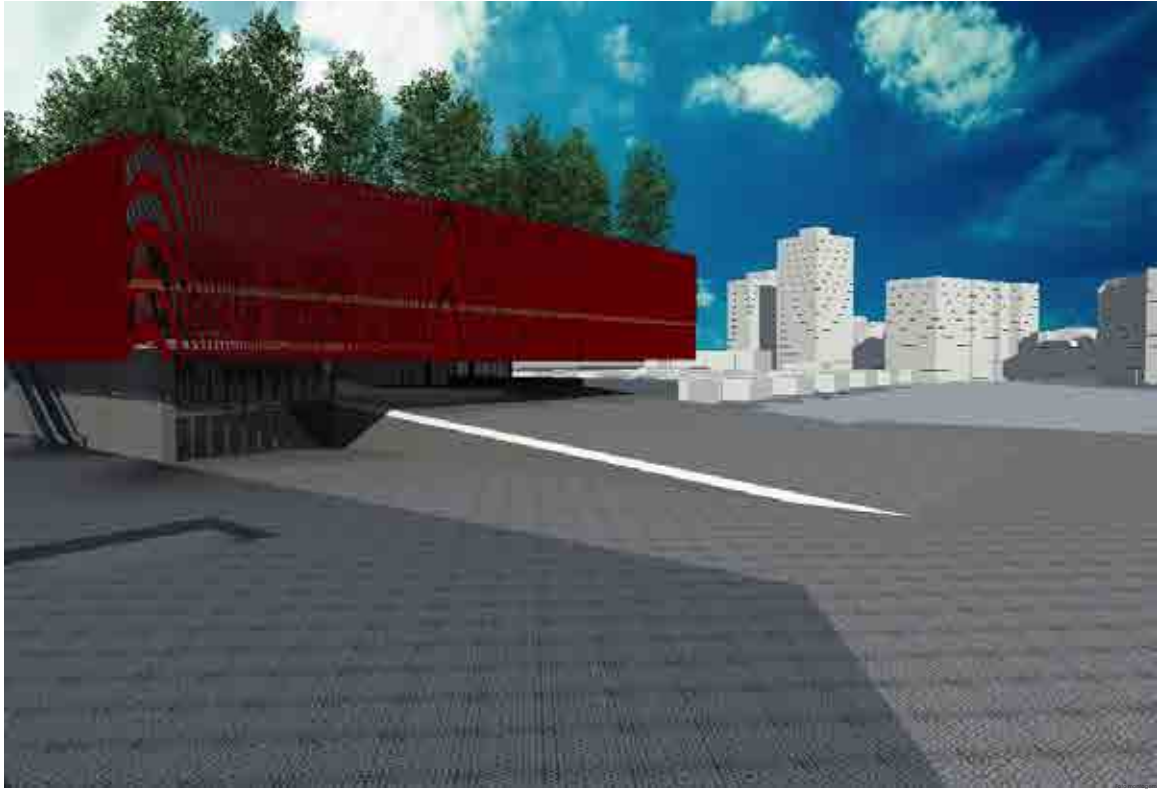




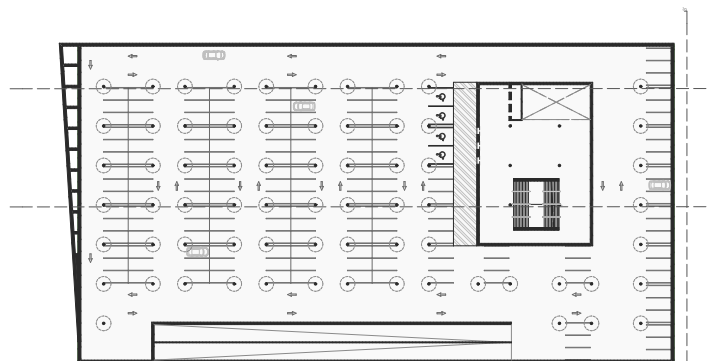


VIA CARLO DE' BOLOGNI

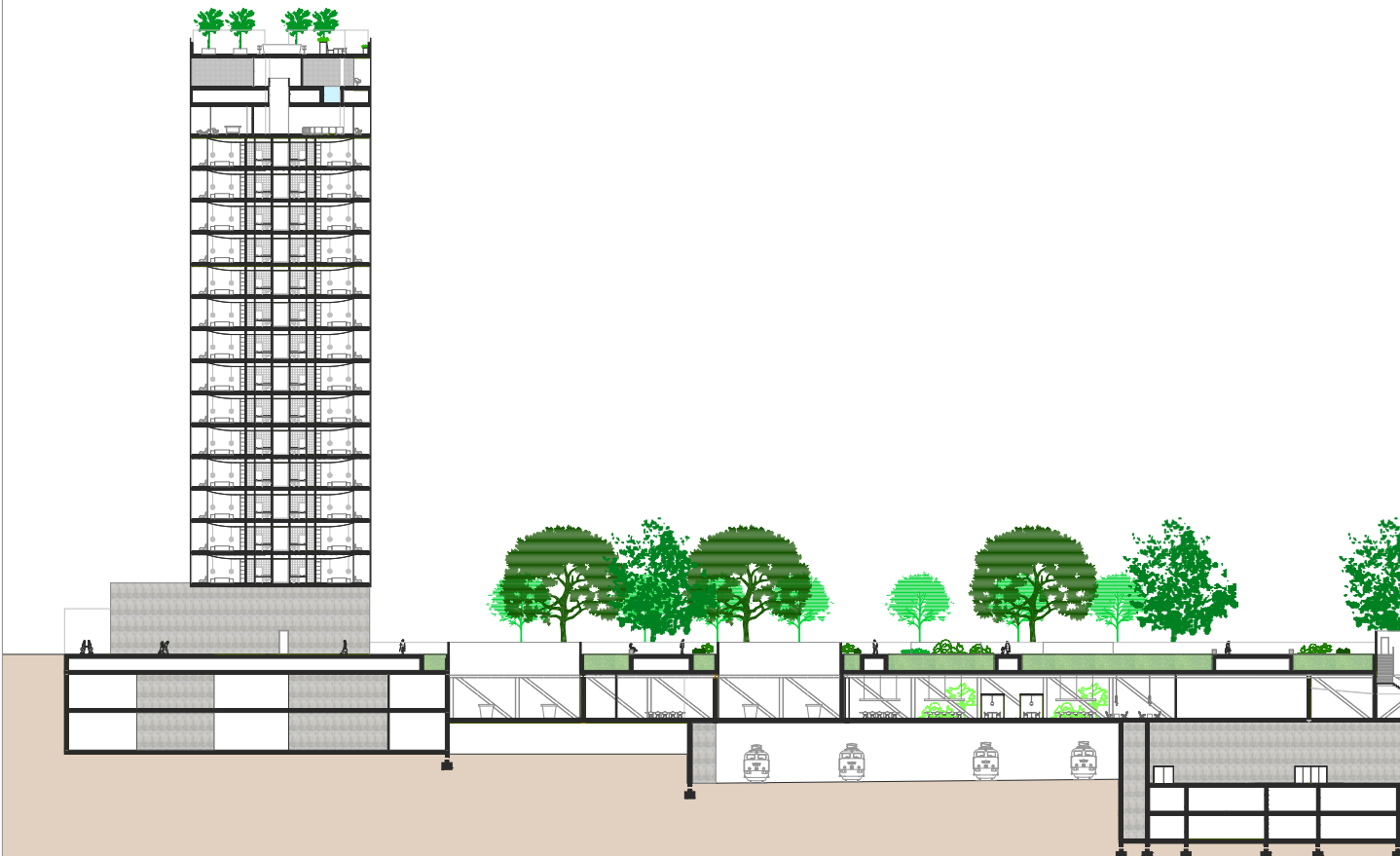
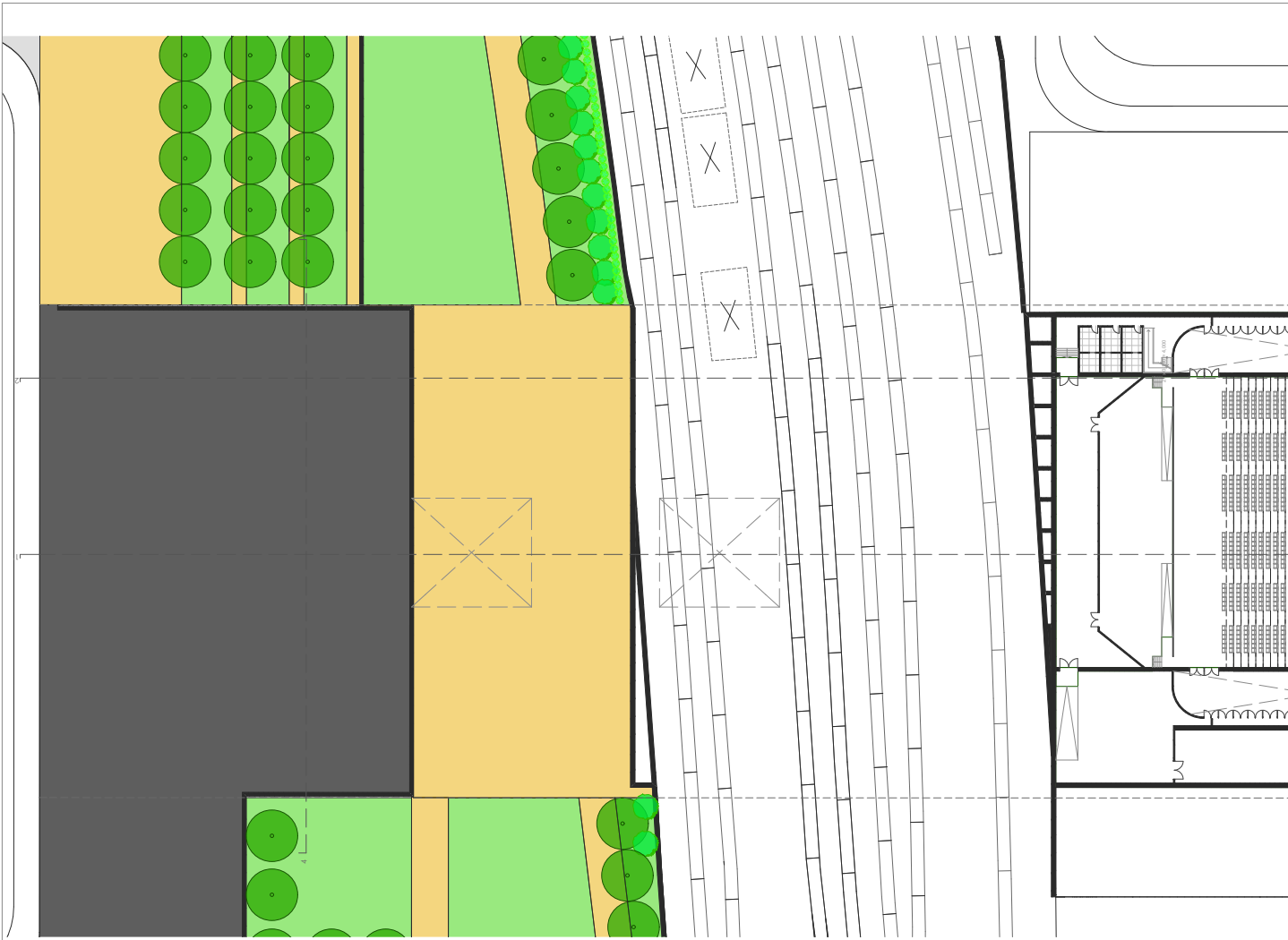


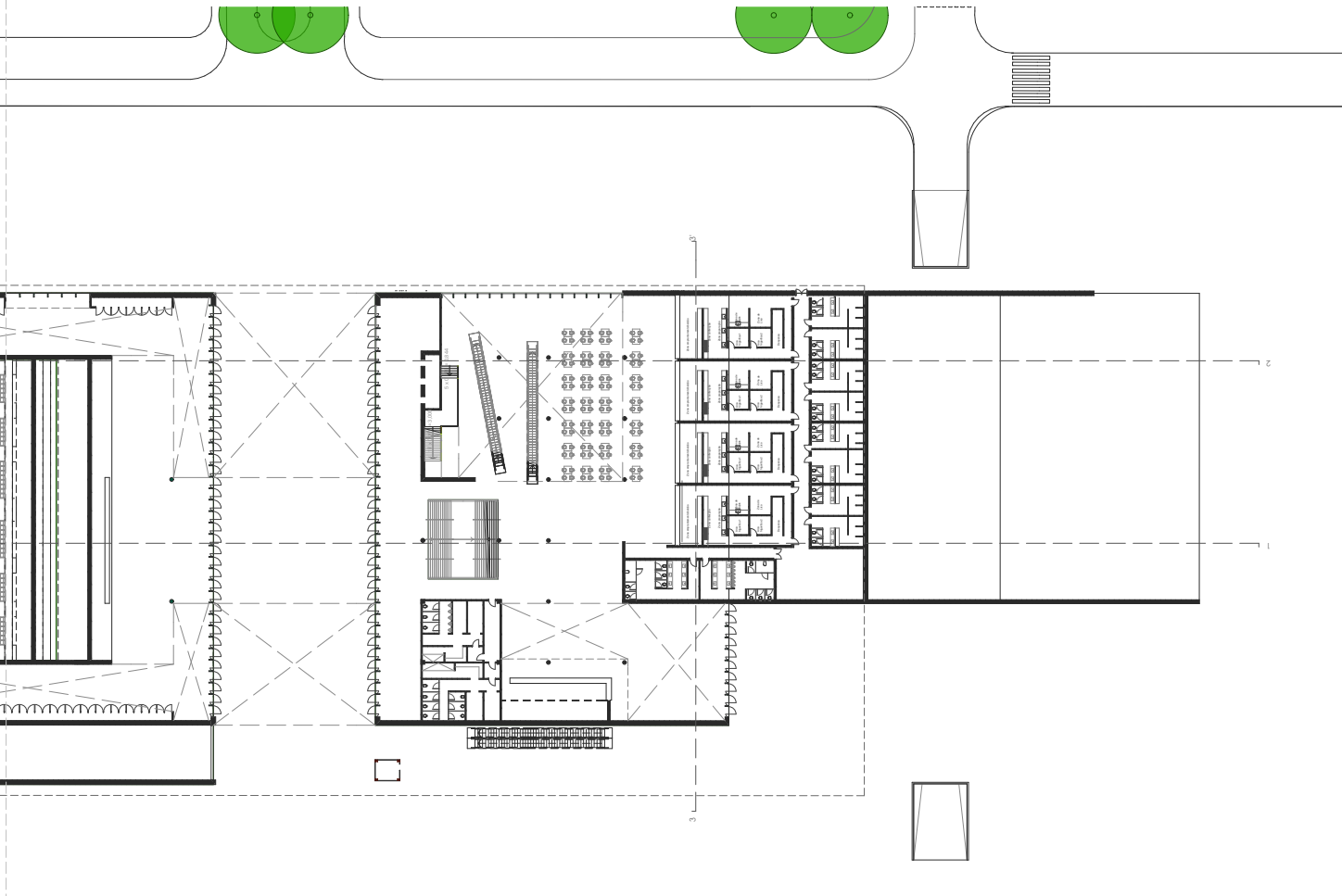


Ponto piso 1

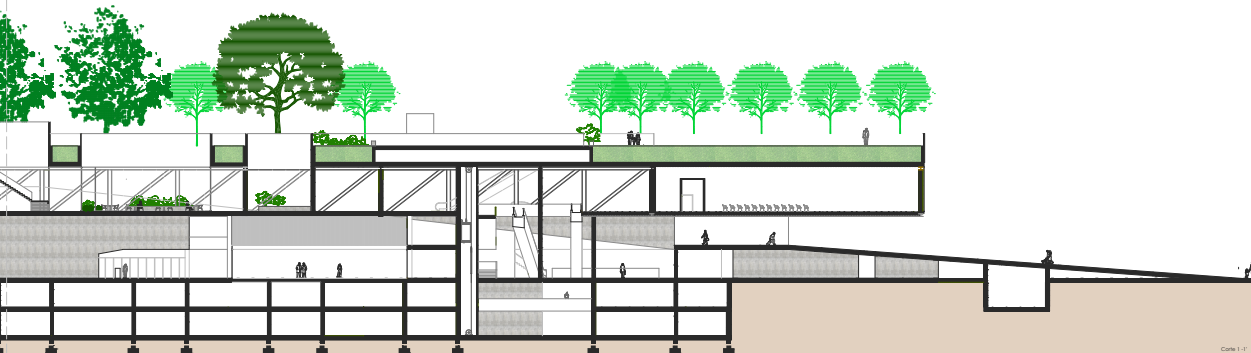


Ponto piso 2



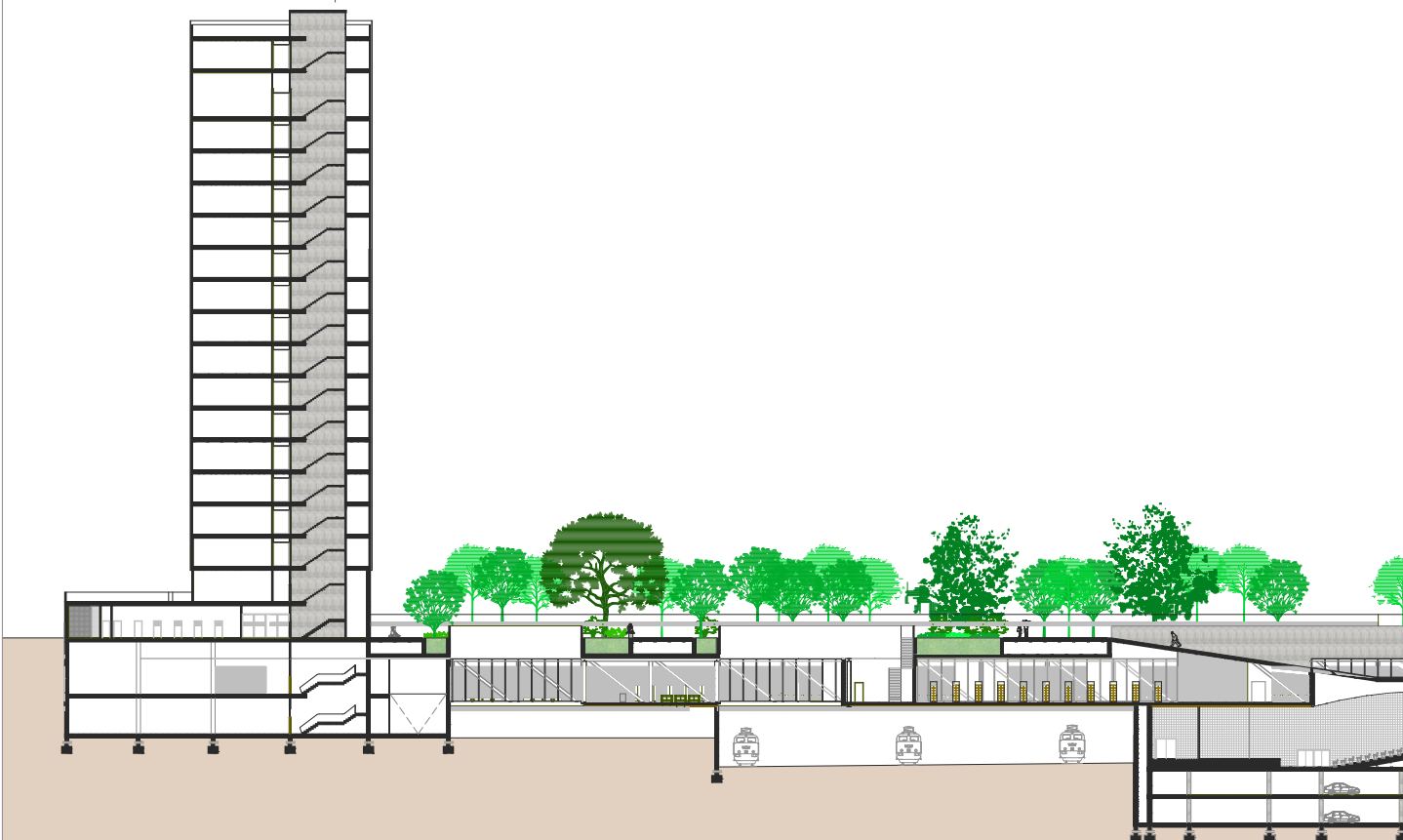
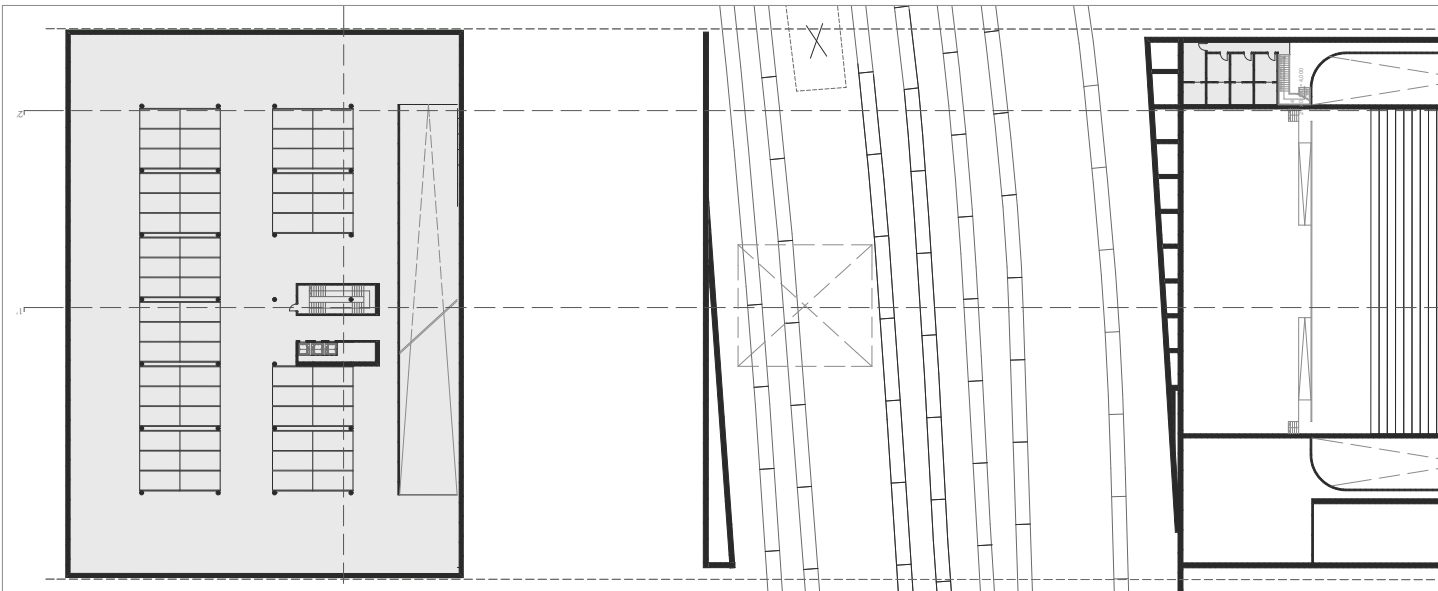


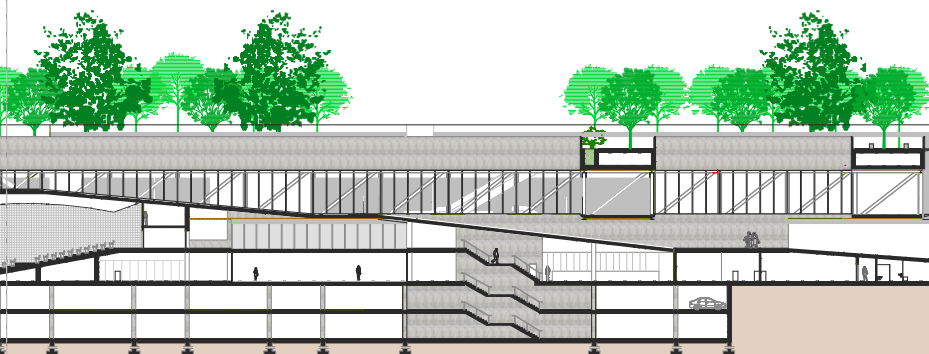
Ponto plus 0

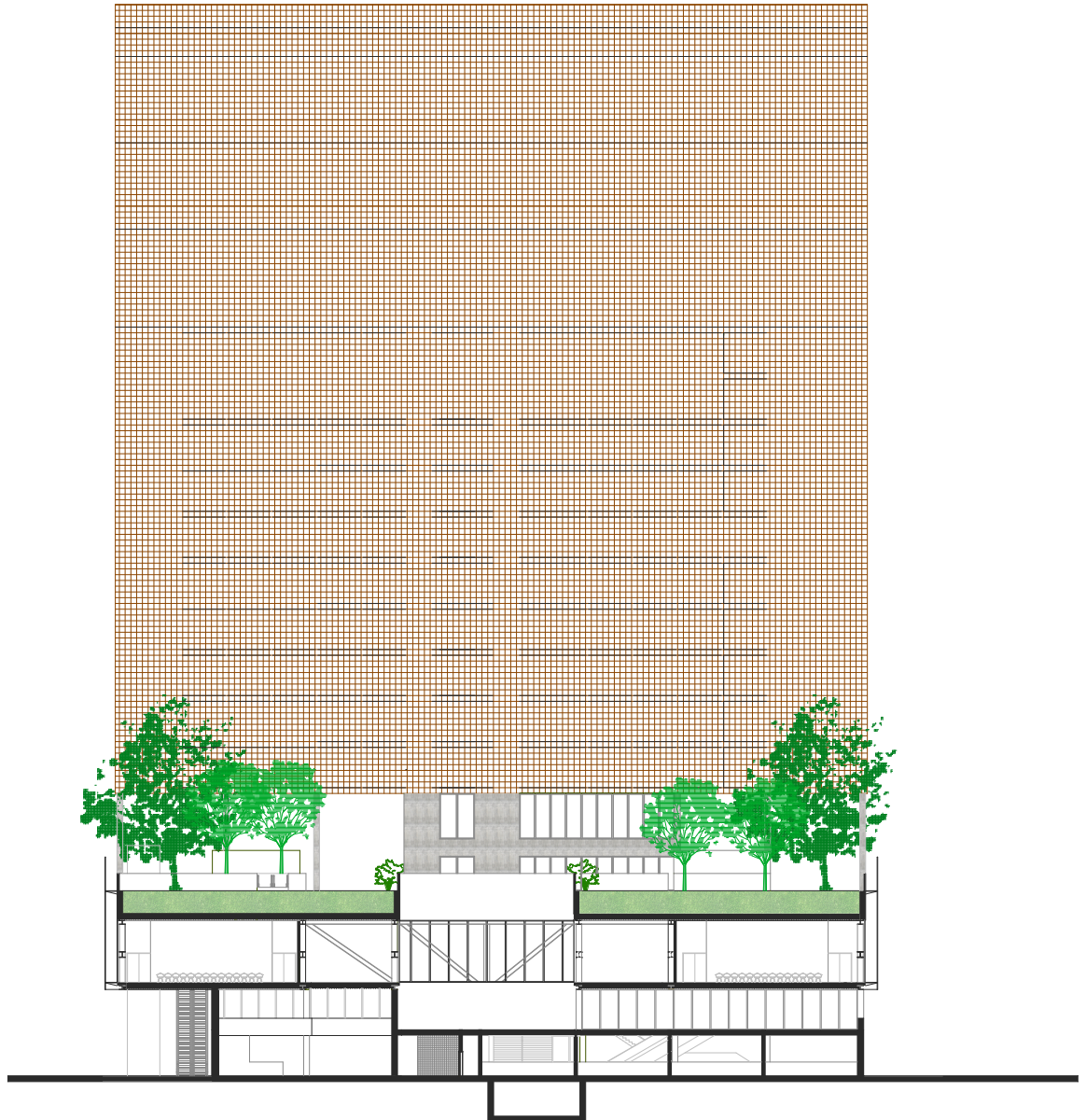
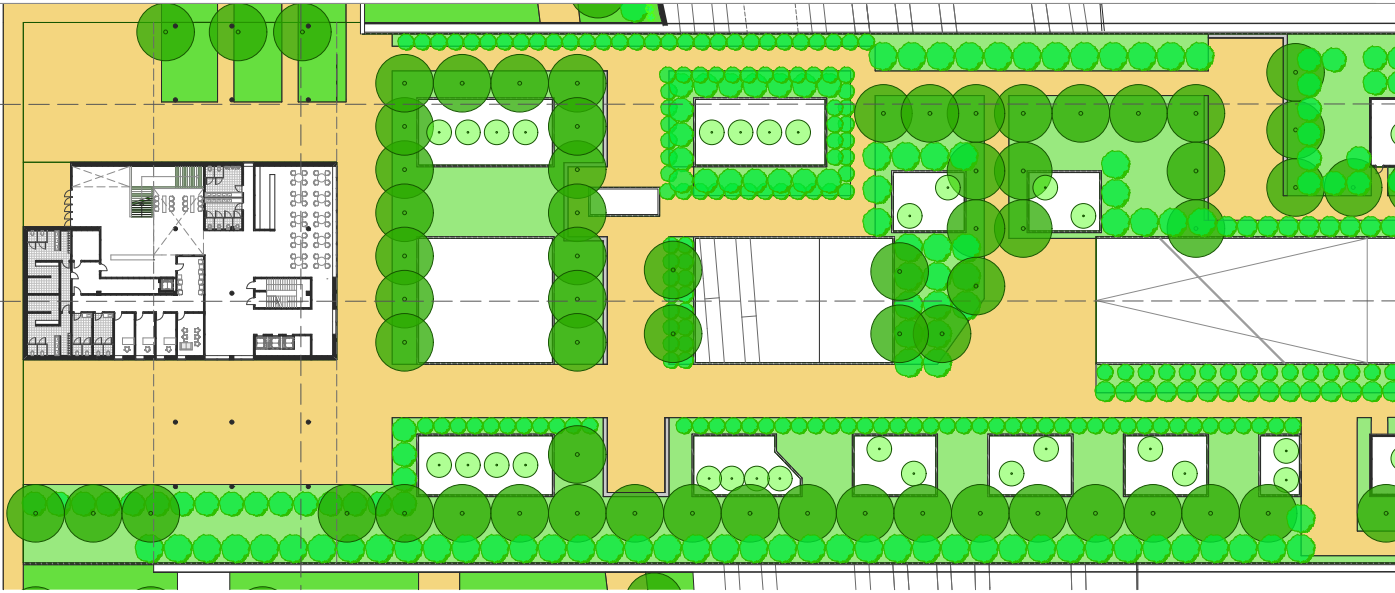


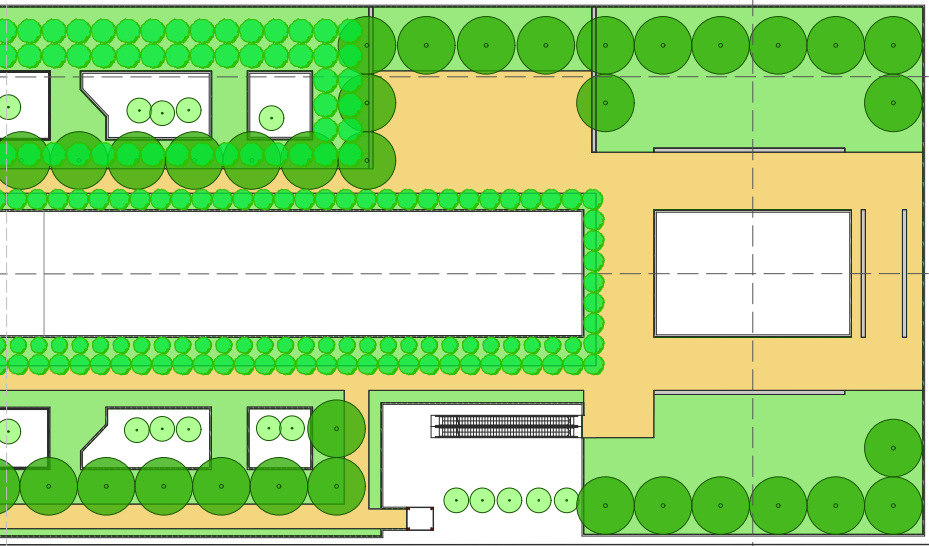
Construir a continuidade do território
Edifício e espaços verdes
Estrela Gomes
Ana Maria Cordeiro e Gonçalo Byrne
Universidade Católica Portuguesa Pólo das Beiras
Planta e Corte
Outubro 2017
Escala 1:17

1:300
o5 e 06

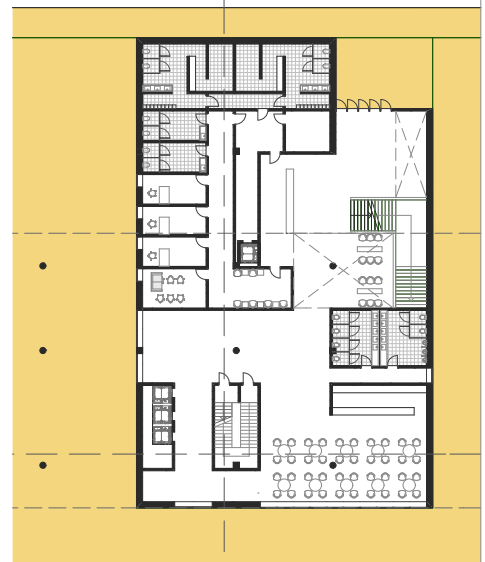








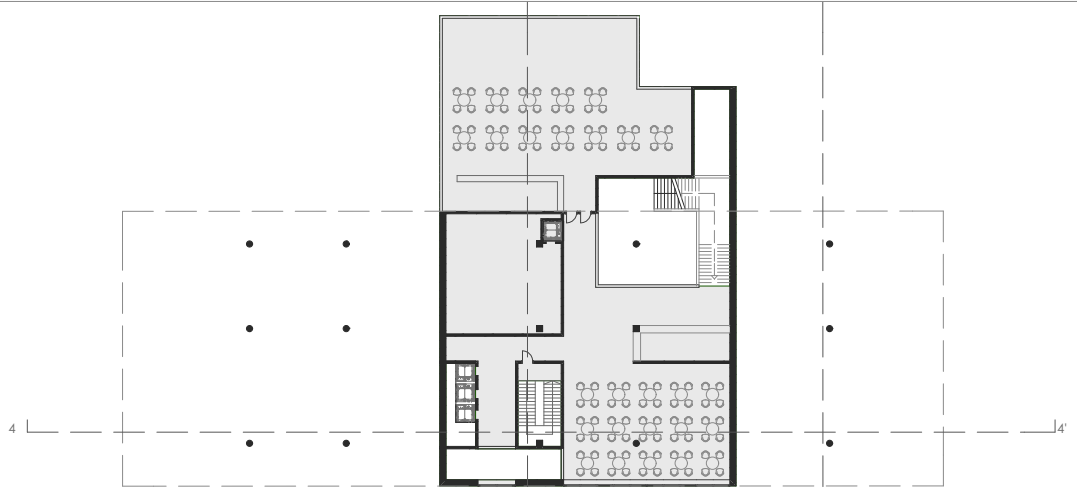
Planta piso 3



Planta piso 3 - Entrada Hotel
esc. 1:200



Corte 4 - 4



Piano piano 1



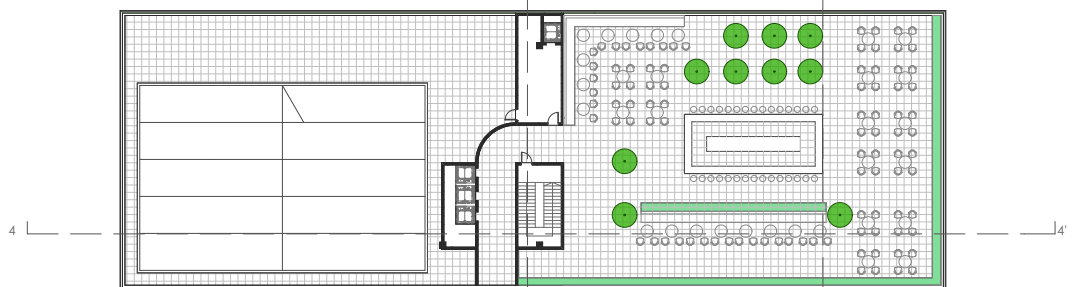
Piano piano 2



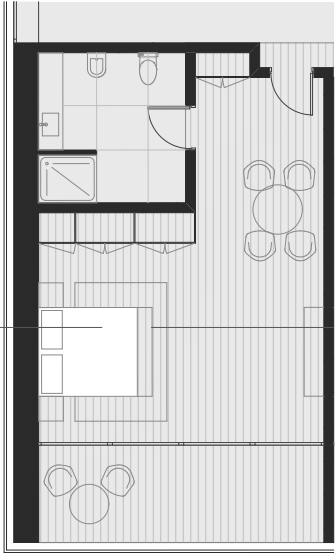
Piano piano 3



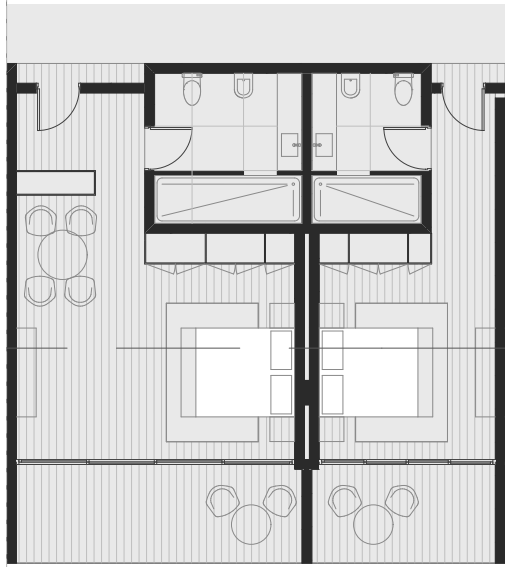
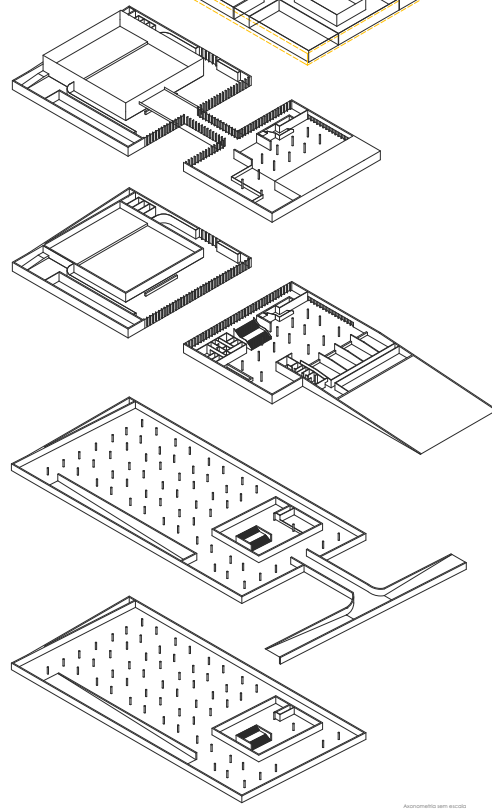
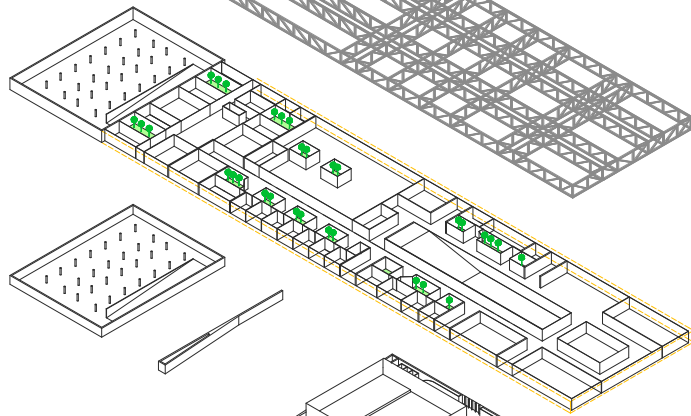
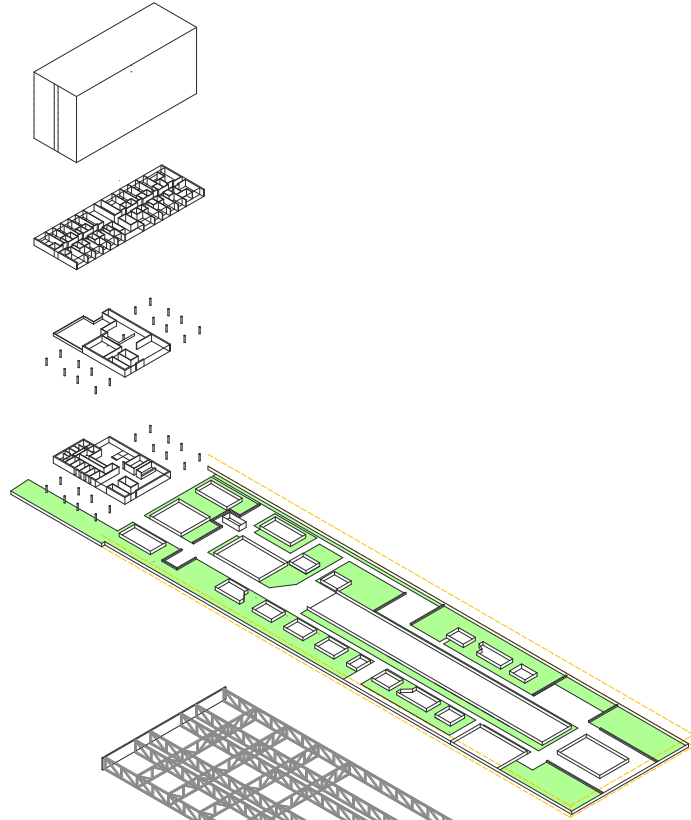
Piano piano 4



Piano piano 5

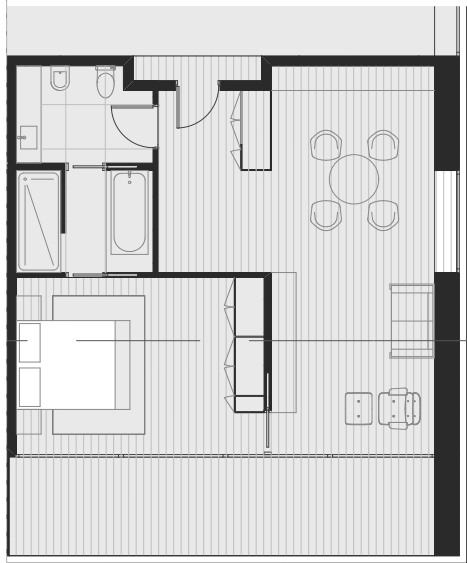


Plano: quarto com acessibilidade

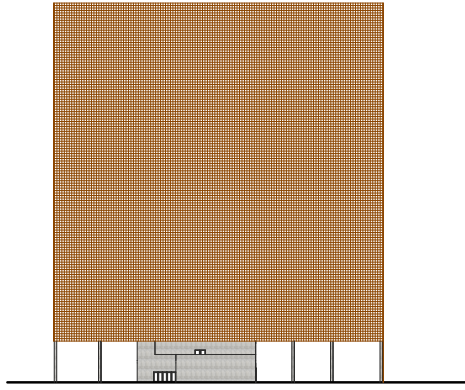


Plano: quarto Duplo

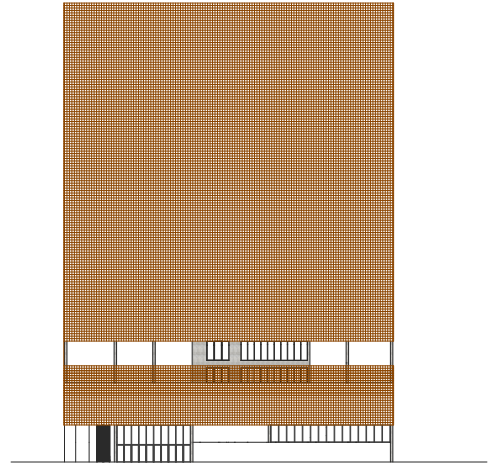
Plano: quarto simples



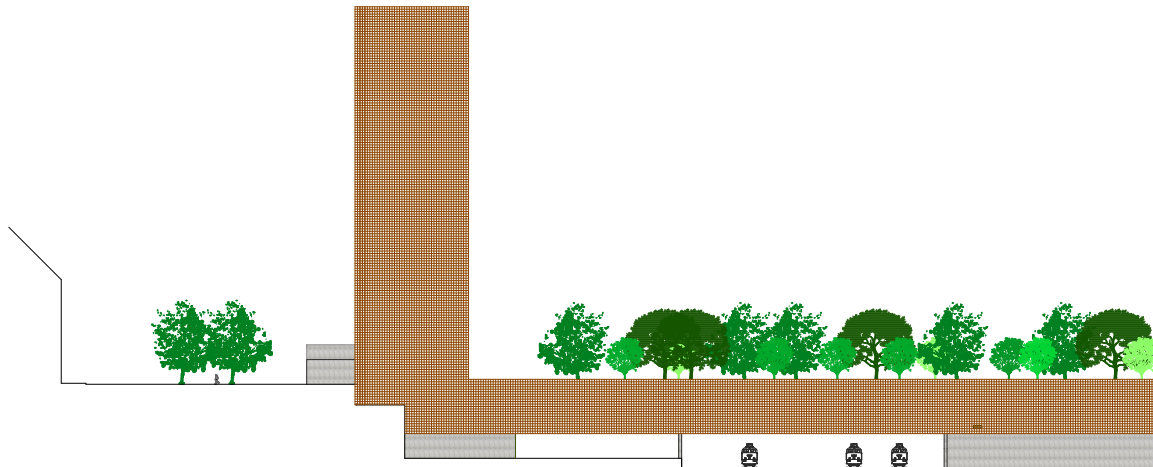
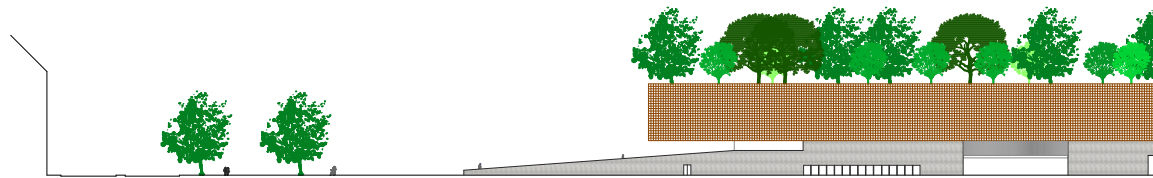
Plano: Suite

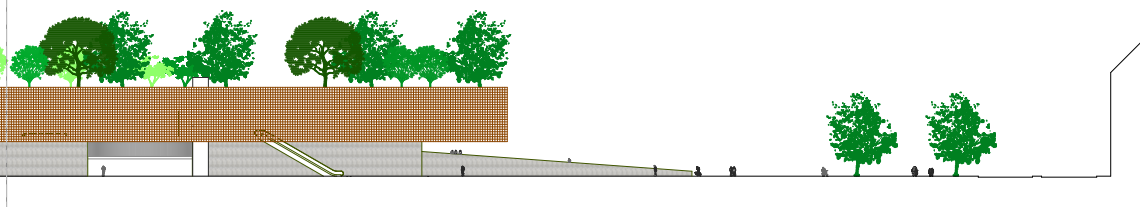
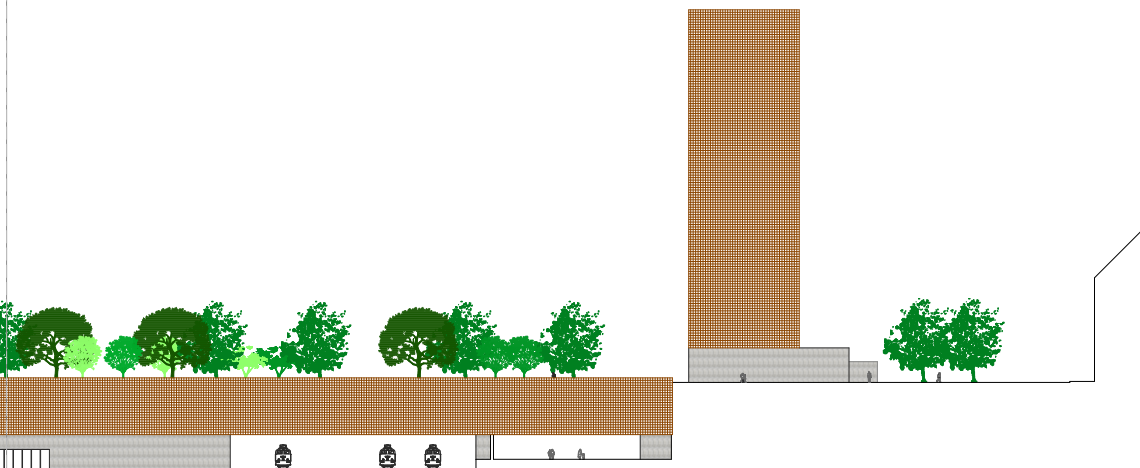
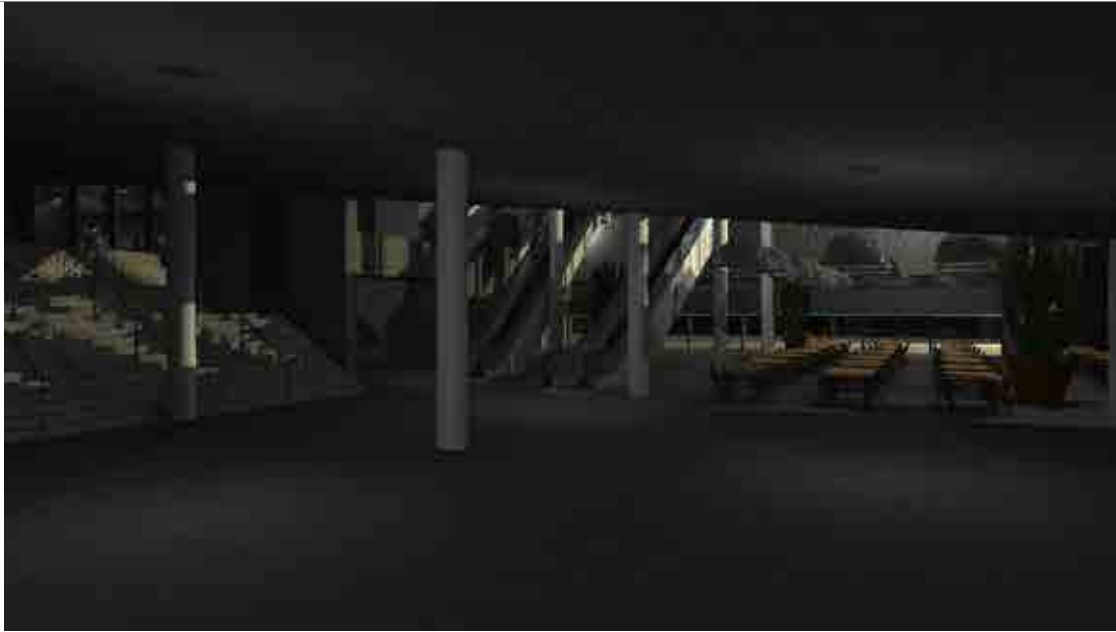


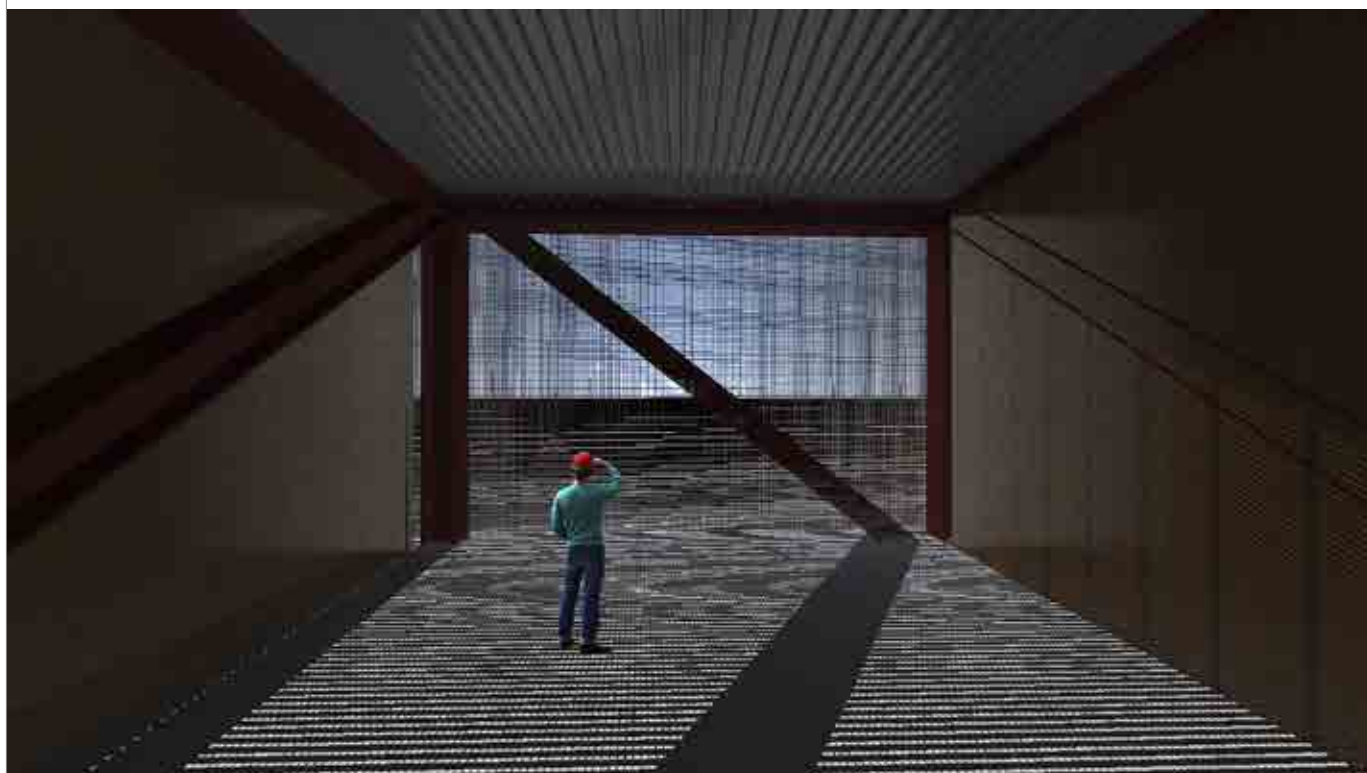
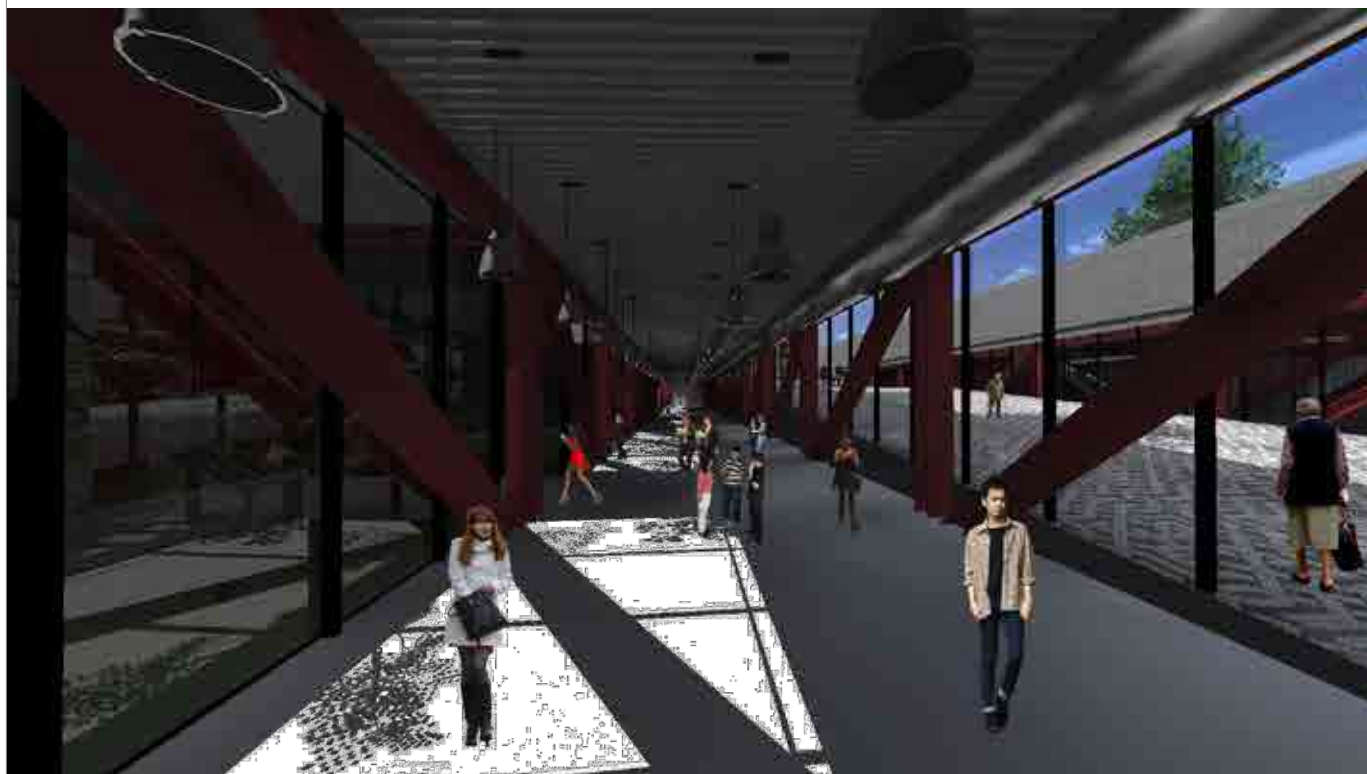
Alcova Norte



Alcova Sul







Construir a continuidade do território
Edifício e espaço verde
Eduardo Gomes
Antonio Camargo e Gonzalo Berra
Universidade Católica Portuguesa Porto da Beira
Foto montagem
Outubro 2017

